

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES - IARTE
PROF-ARTES - MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes



MAYCON ANTÔNIO DA SILVA SOUSA

A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DO ATO DE ENSINAR, PRODUZIR E PESQUISAR **ARTE**:
INVESTIGANDO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL EM **ARTES VISUAIS**.

UBERLÂNDIA – MG
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES - IARTE
PROF-ARTES - MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes

 **Universidade
Federal de
Uberlândia**

MAYCON ANTÔNIO DA SILVA SOUSA

A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DO ATO DE ENSINAR, PRODUZIR E PESQUISAR **ARTE**:
INVESTIGANDO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL EM **ARTES** **V**ISUAIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes na linha de pesquisa *Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes*.

Orientadora: Professora Dra. Roberta Maira de Melo.

**UBERLÂNDIA – MG
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S Sousa, Maycon Antônio da Silva, 1992-
7 A experiência subjetiva do ato de ensinar, produzir e pesquisar
2 arte [recurso eletrônico] : investigando uma prática educacional em
5 Artes Visuais / Maycon Antônio da Silva Sousa. - 2024.
2
0 Orientadora: Roberta Maira de Melo.
2 Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
4 Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5055>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Melo, Roberta Maira de (Orient.). II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes
(PROFARTES). III. Título.

CDU: 7

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

| | | | | | |
|------------------------------------|--|-----------------|--------|-----------------------|--------|
| Programa de Pós-Graduação em: | Mestrado Profissional PROFARTES | | | | |
| Defesa de: | Dissertação de Mestrado Mestrado Profissional PROFARTES | | | | |
| Data: | 18/11/2024 | Hora de início: | 19: 00 | Hora de encerramento: | 20: 45 |
| Matrícula do Discente: | 12212MPA009 | | | | |
| Nome do Discente: | Maycon Antônio da Silva Sousa | | | | |
| Título do Trabalho: | A experiência subjetiva do ato de ensinar, produzir e pesquisar arte: investigando uma prática educacional em Artes Visuais. | | | | |
| Área de concentração: | Ensino de Artes | | | | |
| Linha de pesquisa: | Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes | | | | |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | Metodologias Contemporâneas: A interculturalidade no ensino de Artes Visuais. | | | | |

Reuniu-se na Sala 112 1i Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Artes, assim composta: Profa. Dra. Elsieni Coelho da Silva ; Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges e Profa. Dra. Roberta Maira de Melo, orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, a Profa. Dra. Roberta Maira de Melo apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

Aprovado

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Maira de Melo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 29/11/2024, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clarissa Monteiro Borges, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/11/2024, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elsieni Coelho da Silva, Membro de Comissão**, em 05/12/2024, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5912302** e o código CRC **B2868F71**.

Referência: Processo nº 23117.081563/2024-64

SEI nº 5912302

DEDICATÓRIA

DEDICO À TODOS (AS) QUE SE INTERESSAM PELA *GRANDIOSIDADE EPISTEMOLÓGICA* EXISTENTE NAS *POTÊNCIAS DE TODOS QUE SE DOAM PARA A ARTE*. AOS QUE DE ALGUMA FORMA ACREDITAM QUE A EDUCAÇÃO É A SOMA DE TODAS AS CULTURAS E A *MULTIPLICAÇÃO* DOS MAIS DIVERSOS CONHECIMENTOS. TAMBÉM, AOS QUE DE TÃO CORAJOSOS DECIDIRAM DIZER SIM AO PROCESSO DE *ENSINAR E APRENDER* CONSIGO E COM O PRÓXIMO. POR FIM, AOS QUE NÃO APENAS VIVEM, MAS SIM *EXPERIMENTAM A ARTE QUE É O VIVER AS EXPERIÊNCIAS!*



1 -

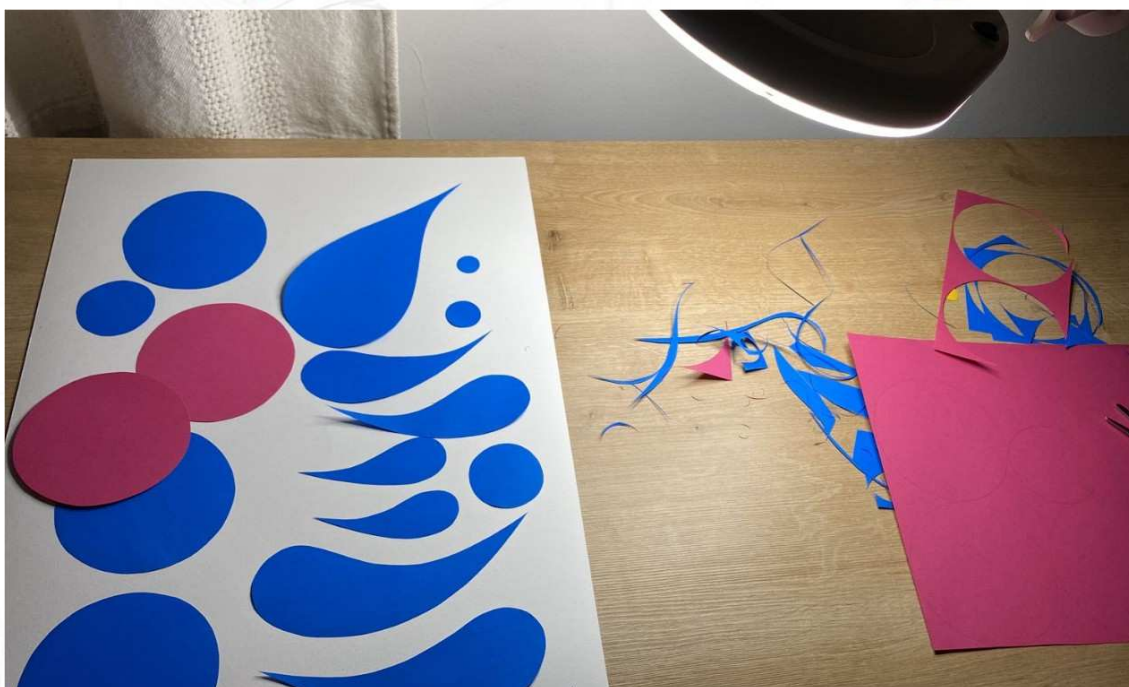
Figura 1 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Registro de processo de criação da série de colagens *EQUILÍBRIO*. Recorte de papel colorido em canson A3. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

AGRADECIMENTOS

No decorrer dos dias, durante a construção deste trabalho vivenciei uma experiência de real amadurecimento e novas conexões a respeito da importância e significado da arte em minha vida que, conseqüentemente, me fez refletir sobre a forma como ela pode impactar nos indivíduos que através dela posso alcançar. Pude revisitar e perceber o quanto foi construído através das minhas experiências práticas realizadas em sala de aula e o quanto ainda pode ser feito, apreendido, transformado e experimentado.


Considero o título de mestre como uma etapa fundamental para a construção do profissional que almejo ser no agora, por isso, agradeço ao programa de mestrado profissional em artes - PROF-ARTES em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia - UFU - por me incentivar e possibilitar aprofundar conhecimentos e florescer, realizando assim um trabalho de real transformação pessoal e profissional.

Agradeço aos professores que de tão corajosos continuam incentivando e contagiando pessoas. Agradeço aos estudantes, familiares, colegas de profissão, aos que foram pacientes e por vários momentos ouviram e entenderam as necessidades que demandam o processo de estudo acadêmico. Agradeço a todos que participaram deste momento grandioso de transformação do meu "eu", que dentre tantas coisas, também tem sido corajoso no estar e no viver como artista-professor-pesquisador.



2 -

Figura 2 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Registro de processo de criação da série de colagens **EQUILÍBRIO**. Recorte de papel colorido em canson A3. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



"Talvez possamos ter uma ilustração geral, se imaginarmos que uma pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente "prática". A pedra parte de algum lugar e se move com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso - em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética."

(DEWEY, 2010, p.115-116).

RESUMO

Este trabalho se configura pela experiência de uma prática educacional de um arte educador. Visita o passado através das imagens de arquivos pessoais, como portfólios e registros de aulas, iniciando no ano de 2015 até 2019, indo de encontro com o presente momento em que esta pesquisa se consolida, começando em 2022 e 2024, quando é concluída. Propõe, a partir da experimentação, a aplicação do método pedagógico Paulo Freire, denominado por "método da palavra geradora", como um recurso de disparo criativo para um grupo de crianças em idade escolar. Inicialmente, o método da palavra geradora foi pensado para aplicação na alfabetização de turmas da EJA (educação de jovens e adultos) pelo seu criador, e que para ser aplicado nesta investigação, passou por adaptação, a fim de ser realizada com educandos do 5º ano do ensino fundamental 1, aplicado na educação básica da rede pública, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, na Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez. Com o objetivo de sensibilizar e promover um "descongelamento artístico" do artista/professor propositor desta pesquisa, que com o passar do tempo, enquanto se construía como professor, parou de produzir artisticamente, referindo-se ao objeto ou artefato de arte propriamente dito. De caráter qualitativo, a pesquisa apresenta uma investigação baseada em arte (IBA - a/r/tografia), como uma atitude investigativa para revisitar o passado educativo, podendo assim, dialogar com imagens e fotografia de aulas realizadas, assim como alguns planejamentos já realizados, colhidas em arquivo pessoal e textos produzidos a partir da experiência encontrada na atualidade, com estudos e aprofundamentos teóricos durante a pós graduação. Utiliza a metodologia fenomenológica para analisar a experiência docente a fim de compreender de quais formas tudo o que foi encontrado e revirado pode transformá-lo como professor em busca de uma nova prática docente. Associado a atitude proposta pela a/r/tografia (para a conscientização e construção do artista/professor e então pesquisador) a fim de encontrar conexões entre o que já foi realizado pelo propositor, o que ainda permanece em sua prática educacional, assim como o que tem mudado ao longo do tempo, influenciado pelo desejo de uma formação contínua, proporcionada pelos estudos advindos da pós graduação, que aqui é apresentada. A pesquisa busca ainda experimentar formas de relacionar as criações do artista/professor/pesquisador produzidas a partir de palavra geradora, com as criações dos participantes da pesquisa, também a partir de palavra geradora, utilizado como uma ferramenta de disparo criativo, que acontece dentro e fora da sala de aula, proporcionando aos envolvidos um mergulho no fazer arte, ler arte, contextualizar arte, e claro, se relacionar com ela, na descoberta e redescoberta dos processos de criação artística.

Palavras-chave: palavra geradora, artista professor pesquisador, IBA, criatividade coletiva, disparo criativo, arte educação.

ABSTRACT

This work is shaped by the experience of an educational practice of an art educator. It revisits the past through images from personal archives, such as portfolios and class records, starting from the year 2015 until 2019, and connects with the present moment when this research takes shape, beginning in 2022 and concluding in 2024. Through experimentation, it proposes the application of Paulo Freire's pedagogical method, known as the "generative word method," as a creative trigger tool for a group of school-aged children. Originally, the generative word method was conceived to be applied in adult and youth literacy classes (EJA) by its creator, and in this investigation, it has been adapted to be conducted with fifth-grade students in primary education, specifically in a public school in Uberlândia, Minas Gerais, at Escola Municipal Professora Carlota de Andrade Marquez. The research aims to sensitize and promote an "artistic defrosting" of the artist/teacher who initiated this research, who, over time, as they developed as a teacher, stopped producing art in the traditional sense, focusing instead on teaching. This qualitative research adopts an arts-based inquiry approach (IBA - a/r/tography), as an investigative approach to revisit educational pasts, thus enabling dialogue with images and photographs from past classes, as well as some planning documents sourced from personal archives. It also draws on texts produced from contemporary experiences and theoretical studies deepened through postgraduate studies. Phenomenological methodology is used to analyze the teaching experience, aiming to understand how everything uncovered and reexamined can transform the teacher in pursuit of a renewed teaching practice. Combined with the approach proposed by a/r/tography (to raise awareness and shape the artist/teacher and, subsequently, the researcher), this research seeks connections between what has already been accomplished, what remains within the educational practice, and what has changed over time, influenced by the desire for continuous development fostered by postgraduate studies, as presented here. The research further explores ways to relate the creations of the artist/teacher/researcher, generated through the generative word, with the creations of research participants, also based on the generative word, used as a creative trigger tool, occurring both inside and outside the classroom. This engagement allows those involved to dive into creating art, reading art, contextualizing art, and, of course, relating to it in the discovery and rediscovery of artistic creation processes.

Keywords: generative word, artist teacher researcher, arts-based inquiry, collective creativity, creative trigger, art education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Registro de processo de criação da série de colagens Equilíbrio. Recorte de papel colorido. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 2 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Registro de processo de criação da série de colagens Equilíbrio. Recorte de papel colorido. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 3 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem do Portfólio de 2018, fachada da Escola Estadual "13 de Maio". Legenda da imagem: "Educação Integral e Integrada". Pintura com guache em papelão paraná. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 4 - Figura 4. Sousa, Maycon Antônio Silva. Caminho. Desenho da cartografia das escolas onde atuei. Lápis de cor em papel canson A3 com caneta. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 5.a. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Folder da exposição. Visita à oficina cultural - Exposição Alexandre França. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 5.b.- Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Aula expositiva sobre regras em espaços expositivos na sala de vídeo da escola. Estudantes assistindo a apresentação. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 5.c. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Aula expositiva em laboratório de informática da escola. Regras de comportamento em espaços expositivos de arte, galerias e museus, desenvolvido pelo grupo de estagiários do PIBID - Olho Aberto. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 6.a e 6.b - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Visita à 1ª exposição do grupo de estudantes ao trabalho do artista Alexandre França na Oficina Cultural de Uberlândia. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 7.a. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Pintura de memória fotográfica sobre a visita à exposição do artista Alexandre França com tinta guache em papel kraft. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 7.b. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Memória afetiva. Aula sobre o poder da memória e como cuidar para termos um bom funcionamento ao longo da vida. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 8.a. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Visita ao GruPontapé de teatro de Uberlândia. Peça apresentada pelo GruPontapé de teatro com o tema indígena. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 8.b. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Visita ao GruPontapé de teatro de Uberlândia. Peça apresentada pelo GruPontapé de teatro com o tema indígena. Plateia com estudantes. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 9 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio 2015. Legenda da imagem: Grupo de estudantes da educação integral em passeio pelo centro da cidade de Uberlândia em pontos históricos e culturais. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.a - Sousa, Maycon Antônio Silva. Articulado. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Espaço expositivo na sala de aula. Giz pastel sobre canson A3. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.b - Aula expositiva com exposição da obra **ARTICULADO** gerada a partir da palavra geradora Articulado. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.c. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Aula expositiva com a obra Articulado gerada a partir de palavra geradora e boneco articulado. Boneco Articulado. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. **BONECO ARTICULADO**. Aproximadamente 30 cm. Desenho com lápis de cor colado em papel cartão. Obra gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.e - Estudante do 5º ano Luis Augusto durante processo de criação a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Necessário recorte da imagem para preservar a identidade do estudante. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 11.a - Sousa, Maycon Antônio Silva. Eus. Composição com colagem de desenhos de lápis de cor e canetas, feitos por alunos. 42 x 30 cm. Imagem produzida a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 11.b - Sousa, Maycon Antônio Silva. Eus. Foco da imagem 11.a. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 12.a. Benjamim, **12.b.** Mirella, **12.c.** Jhon, **12.d.** Rafaela. Eus. Colagem de desenhos de lápis de cor e caneta feito por alunos em canson. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figuras 13.a até 13.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. Equilíbrio. Série com 04 imagens. 42 x 30 cm. Colagem e recorte de papel colorido em canson A3. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figuras 13.e até 13.h - Sousa, Maycon Antônio Silva. Equilíbrio. Série com 04 imagens. 42 x 30 cm. Colagem e recorte de papel colorido em canson A3. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 14.a - SILVA, Andréia da. Equilíbrio. Bordado livre. 45 x 45 cm. 2023. Disponível para venda online.

Figura 14.b - MATISSE, Henri. A Dança. Óleo sobre tela. 260 x 389 cm. 1909 - 1910. Museu Hermitage, São Petersburgo, na Rússia.

Figura 15 - PICASSO, Pablo. Guernica. Óleo sobre tela. 349,3 cm x 776,6 cm. 1937. Museu Reina Sofia em Madri.

Figuras 16.a, 16.b, 16.c e 16.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. Série: Máscara. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **MÁSCARA**. Desenho com lápis de cor e caneta em canson A3. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 16.e - MUNCH, Edvard. O grito. Óleo sobre tela. 1893. 91 x 73,5 cm. Galeria Nacional de Oslo, na Noruega.

Figura 17.a e 17.b - Dutra, Ana Júlia. Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 17.a foi feita como primeira proposta e imagem 17.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 18.a e 18.b - Ágata. Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 18.a foi feita como primeira proposta e imagem 18.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 19.a e 19.b - Gabriel Miguel - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 19.a foi feita como primeira proposta e imagem 19.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 20.a, 20.b e 20.c - José Mendes - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 20.a foi feita como primeira proposta, a imagem 20.b como segunda e 20.c como terceira proposta (criação apresentada sem exigência do professor). Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 21 - Arthur Tomaz. Bolas. Colagem com papel colorido em folha A4. A imagem 22 foi feita como primeira e única proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 22.a e 22.b - Clara - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e colagem com papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 22.a foi feita como primeira proposta e imagem 22.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 23 - Laryssa - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, canetinha hidrocor e caneta colorida em folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 24 - Laura - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta, canetinha e café diluído em água sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 25 - Micaelly - Estudante do 5º ano. Composição com 3 folhas A4. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 26 - Pablo - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 27 - Rafaella - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 28 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Sobrevivência. Desenho com tinta guache e máscara em alto relevo coada em canson A3. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 29 - Tiago - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 30.a - Lucas - Estudante do 5º ano. Colagens de desenhos ganhos de outros colegas da sala de aula colados em folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 30.b - Lucas - Estudante do 5º ano. Desenho com lápis de cor, caneta, canetinha em papel A4. Gerada a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 31 - Hugo Gabriel - Estudante do 5º ano. Pintura com guache sobre tela 24 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 32.a., 32.b., 32.c. e 32.d. - Emanuelle do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora

MÁSCARA assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 33.a. e 33.b. - Laryssa do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **MÁSCARA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 34.a., 34.b. e 34.c. - Alexia do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **IMAGINAÇÃO**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 36.a., 36.b. e 36.c. - Ana Júlia do 5º ano. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 37.a., 37.b. e 37.c. - Alexia do 5º ano. Pintura com tinta guache sobre folha A4, detalhes na folha com papel queimado. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



ESEBA - Escola de educação básica

EJA - Educação de jovens e adultos

HCU - Hospital de Clínicas de Uberlândia

IAP - Investigador/artista/professor

IBA - Investigação baseada em arte

PCNs - Parâmetros curriculares nacionais

PIBID - Programa institucional de bolsas de iniciação a docência

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

TNT - Tecido não tecido

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO - | 17 |
| CAPÍTULO 1 - CAMINHANDO PELA ARTE EDUCAÇÃO | 22 |
| 1.1. REVISITANDO UMA PRÁTICA DOCENTE | 22 |
| 1.2. EXPERIMENTANDO CAMINHOS E PERCURSOS NA ARTE EDUCAÇÃO | 29 |
| CAPÍTULO 2 - O PROCESSO CRIADOR | 57 |
| 2.1. DESCREVENDO PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTE | 66 |
| 2.2. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE | 72 |
| CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE PROCESSOS CRIATIVOS | 81 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 107 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 112 |
| APÊNDICE A - TABELA PARA ANÁLISE DE DADOS COLETADOS SOBRE AS PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES..... | 117 |
| APÊNDICE B - PLANO DE ENSINO/AULA | 118 |

INTRODUÇÃO:

O fato é que houve um congelamento!

Um infeliz e amargo congelamento. Ou melhor pensando, não tão infeliz assim, pois foi a partir da tomada de consciência deste congelamento que deu-se início a este processo de criação, caracterizado como uma pesquisa viva. Não faz muito tempo, aproximadamente 2 anos e alguns meses, tempo ao qual já dentro do programa de mestrado profissional em arte, me deparei com o real motivo de estar aqui: reencontrar o artista que existe em mim, e principalmente, descongelá-lo!

O congelamento artístico, especificamente da produção de objetos de arte, teve grande impacto na minha vida pessoal e profissional. Na busca por consolidar uma prática educacional enquanto professor no início da carreira, onde permaneço a alguns anos (o que ainda acontece, e que bom que acontece), problematizando situações em busca de soluções para melhoria das aulas e dos encontros semanais, adquirindo materiais, lendo manuais, buscando referências com colegas de profissão, produzindo materiais para levar para a sala de aula, construindo ideias para planejamentos de aulas, aconteceu algo que eu não conseguia perceber, ou mesmo sentir: o artista foi colocado em uma espécie de congelador.

As produções artísticas pessoais do professor aos poucos foram virando fantasmas. Nada se transformou por um bom tempo com relação à esta produção artística enquanto artista visual. O professor chegou e tomou todo o espaço que existia no meu ser. Nem mesmo as obras que estavam prontas e que faziam parte da construção de uma experiência artística histórica e particular, desenvolvidas ao longo da graduação e somadas às demais criações que vieram ao longo deste período, sobraram para contar histórias. Muitas inclusive foram doadas para quem se identificava, ou se interessava de alguma forma, outras foram descartadas e até perdidas.

Neste contexto, me deparo com a realidade de passar por uma pandemia mundial, a COVID-19. Este fato, trouxe a tona muitas versões e facetas de muitos de nós seres humanos, onde a realidade da educação se bastou ao ensino à distância, onde todas as relações passaram por um novo distanciamento físico, o que considero novamente um congelamento. Congelamento este que começou a invadir o espaço ao qual eu fazia parte; a minha casa! Este momento torna-se significativo pois com ele todas as atividades que eram desenvolvidas passaram a ter um novo peso e uma nova métrica. Nada estava no seu devido lugar, e tudo precisava passar por ajustes e adaptações.

Todas as atividades relacionadas ao trabalho como professor e artista criador que antes eram desenvolvidas, pensadas e executadas em espaços diversos, formais e também não formais de ensino, passaram a ser desenvolvidas e realizadas naquele pequeno espaço de aproximadamente 60m², meu lar.

É importante divulgar sobre o fato de vivenciar este momento de pandemia, pois os danos causados a curto e longo prazo se relacionam diretamente com a vida de todos nós, e comigo não foi diferente. Um grande impacto reflexivo na grande maioria dos seres humanos. Impactos esses, que nos atingem em âmbitos: social, afetivo e emocional. Uma vez que experimentar a solidão e a ausência dos desejos, (desejos de criação, desejos de compartilhamento das produções, desejos por parcerias criativas na arte, desejos de manifestar ideias e vontades através da arte, desejo de dividir o que se propunha artisticamente, entre vários outros) permanecem até então como um dos disparos que congelaram meu ato criador naquele momento.

Ponto ainda que no momento do relato que apresento acima (experienciado no início da pandemia de COVID-19 em 2020), já atuava como educador a 5 anos; nos quais neles pude vivenciar o universo da educação pública básica brasileira de perto, construindo através dela uma opinião particular a respeito do que é atuar como educador em nosso país. É sempre um enorme desafio, amparado e guiado pelos nossos desejos de contribuir com uma melhor proposta de ensino e educação, para além do que se pode oferecer. Ser professor e atuar na educação, na linha de frente, tem se mostrado um desafio quase impossível de ser realizado quando não se sonha, ou quando não se alimenta os próprios desejos.

Deste momento em diante, percebo a necessidade de revigorar as energias e transformar a situação em que me encontrava; desmotivado e me sentindo desinteressante. Entre análises e avaliações internas e particulares enquanto educador, recordei memórias de um grande desejo que estava junto naquele aglomerado de congelamentos. Dar continuidade na minha formação profissional através de um curso de pós graduação sempre foi um desejo gritante em meu ser. Escolhi neste momento, cursar o mestrado profissional em artes e enfrentar um novo desafio colocando em prática um desejo que já havia adormecido com o passar dos anos na educação.

Não perderia a oportunidade de confirmar a real necessidade de promover a educação continuada para todos os profissionais da educação, de forma justa e digna, pois só assim teremos investimentos e qualificação adequada aos que se dedicam a esta profissão que tanto transforma os seres e o mundo. Enfatizo a importância de investimentos e de acesso ao curso superior, assim como formações continuadas aos profissionais da educação. Que possam ter a possibilidade de dedicação aos estudos e tempo de qualidade para produzir, sem ter a pressão de ter que continuar com a mesma quantidade de aulas que compõem a jornada normal de trabalho a serem cumpridos na escola ou em demais exigências dos cargos que ocupam.

Atualmente o sistema de formação continuada da rede municipal da cidade em que atuo possui algumas restrições e barreiras ligadas ao ingresso e aos benefícios como por exemplo: bolsas de estudos para cursar mestrado e doutorado que diminuiu fortemente; a liberação de jornada de trabalho para dedicação às pesquisas são apenas para professores que concluíram estágio probatório com duração de 03 anos no cargo; a qualidade de tempo para estudar, trabalhar e manter um mínimo de convívio social são feitas frente a muito planejamento, ocasionando sobrecarga ao profissional. Estes são alguns empecilhos que não estavam previstos no desenrolar desta pesquisa, e que acabam por atrapalhar o processo e os resultados para quem deseja se especializar; mas este é um assunto que não quero adentrar, talvez em outro momento.

Percebo então, que neste caso específico, o artista precisa de resgate e consequentemente de um descongelamento, deparando-me assim com o objeto de estudo desta pesquisa que se trata de: investigar e estudar o processo criativo enquanto artista/professor/pesquisador, tendo como objetivos entender: a) como o processo de mediação de aulas tem se desenrolado em meio a este congelamento, b) quais são os disparadores criativos que podem ser utilizados para despertar a criatividade artística de crianças em idade escolar, c) analisar a potencialidade das imagens selecionadas (produção do professor/artista e de outros artistas) e as produzidas pelos alunos como recurso didático para as aulas de artes.

A partir dessa realidade, colocada frente aos objetivos e problemas geradores desta investigação, onde a necessidade de "se ver" ou melhor, "se ver e refletir sobre sua prática e os resultados alcançados através dela", deu-se início a uma nova busca por modalidades e métodos de pesquisa que relacionassem o ato de escrever cientificamente com o de analisar reflexivamente práticas de ensino de arte.

Através da junção de imagens e registros fotográficos de momentos de contexto escolar, assim como de artefatos estéticos produzidos e colecionados ao longo do tempo como artista educador, associados a uma proposta de disparo da criatividade aplicados nesta pesquisa, assim como seus produtos e documentos de processos¹ colhidos ao longo do trajeto, relacionados a leituras e teorias acerca do ensino de arte, nasce assim proposta de realizar este estudo.

Dado isso, inicia-se uma busca por essas novas formas de investigação, que fizessem sentido ao que precisava esclarecer enquanto artista educador e sua própria prática educativa, onde o principal desejo seria uma imersão nos feitos até o presente momento para que pudessem direcionar os novos caminhos que estão por vir.

¹ Ver Cecília Salles - Gesto Inacabado - Ed. 1998

Em meio a leituras e auto questionamentos, evidenciou-se a importância de revisitar a atuação de ações educativas em arte, com o interesse em entender, ou melhor, esclarecer interna e externamente o alcance e a dimensão do que tem sido feito até o momento. Como uma resposta de afirmação ou negação dos princípios educacionais que dialogam com o ato de ensinar arte presumidos pelo educador propositor da presente investigação.

Ao longo dos próximos capítulos, discutiremos sobre uma experiência particular, guiada com base nos estudos fenomenológicos adquiridos e aprofundados ao longo do estudo apresentado. Propondo uma análise sobre o trabalho realizado ao longo dos anos como professor, assim como um estudo de disparo criativo a partir de palavras geradoras que proponho durante esta investigação com estudantes convidados, passando pelas etapas que contemplam a pesquisa e que descreverei a seguir.


No capítulo 01 apresentarei o processo criativo desta pesquisa, a partir das minhas vivências enquanto professor e artista, a apresentação do perfil do professor pesquisador com o congelamento da produção artística visual (objeto de arte ou obra de arte) do artista/professor/pesquisador e sua influência na prática educacional até o início desta pesquisa,

Contemplo no capítulo 02 a apresentação da pesquisa com análise de documentos de processos (SALLES, 1998) como imagens de portfólios do propositor, que correspondem ao trabalho realizado nos primeiros 5 anos (2016 à 2020)² de atuação como educador, geradas a partir de planejamentos educacionais desenvolvidos e realizados neste período,

No capítulo 03 apresento o processo de disparo criativo que se dá a partir de palavras geradoras (FREIRE, 1967) influenciados e disparados através dos acasos criativos (SALLES, 1995) com leituras de imagens (BARBOSA, 2012) de obras de arte produzidas por estudantes do 5º ano do ensino fundamental 01, participantes da atual investigação, relacionadas com obras de arte produzidas pelo professor pesquisador durante a experiência singular (DEWEY, 2010) presentes no ato de educar, produzir arte e pesquisa, vivenciados nesta investigação.

Espero ao longo do texto, analisar os documentos colhidos através da investigação, em específico os que aqui estão reunidos, analisando aspectos de práticas educacionais durante o percurso da pesquisa. Olhar e refletir sobre o todo e como esse todo pode contribuir na transformação como docente daqui em diante, rumo a uma nova prática educacional

2 Período de 2016 à 2020: Trata-se do período de início da atuação como professor na rede pública estadual de Minas Gerais e concentra uma visita pelos primeiros 5 anos de docência do propositor.



multiplicadora, capaz de promover experiências significativas³ disparadas por acasos⁴ criativos transformadores.

³ Ver John Dewey - Arte como experiência. Ed. 2010.

⁴ Ver Fayga Ostrower - Acasos e criação artística. Ed. 1995.

CAPÍTULO 1 - CAMINHANDO PELA ARTE EDUCAÇÃO

1.1. REVISITANDO UMA PRÁTICA DOCENTE

Atualmente artista, professor e pesquisador, aos 32 anos, dos quais os últimos 9 foram dedicados à carreira como arte educador, graduado pela Universidade Federal de Uberlândia em 2015 no curso de Licenciatura em Artes Visuais, com monografia intitulada por “*Ser professor: o início de uma carreira*”. Neste momento o foco estava em reunir informações e investigar sobre o processo de inserção na carreira docente, como se dá na prática a experimentação à docência nos primeiros anos de atuação, especificamente de professores da área de educação em arte. Através de entrevistas e relatos de experiências de professores atuantes da rede pública de educação básica no estado de Minas Gerais, na cidade de Uberlândia experimentando um primeiro contato com o ato de pesquisar cientificamente.

Com o objetivo de iniciar a carreira como docente antes mesmo do final da graduação (2015), frente a muitas dúvidas relacionadas ao universo e inserção na área educacional, deparei-me assim com o possível problema a ser desenvolvido como proposta de pesquisa para conclusão da graduação: o possível objeto de pesquisa a ser investigado nesta etapa de amadurecimento profissional.

Estava claro que a intenção de pesquisa poderia ser desenvolvida e aprofundada na conclusão da graduação, como uma forma de resposta às intenções voltadas para a carreira docente. A proposta era conhecer um pouco mais sobre o início da carreira de um docente em arte educação, através dos olhos e experiências de outros arte-educadores que já haviam vivenciado este caminho. Neste momento, já era claro um interesse guiado pela curiosidade e *desejo* por encontrar um espaço no campo da educação.

Desde muito cedo, o convívio com a prática da docência permeia meu entorno. Vivendo próximo a tios e tias que ainda hoje, atuam na área educacional, nos diversos setores existentes em uma instituição de ensino, percebo o poder da influência da presença pelo simples ato de performar aquela realidade próxima a mim. Regado por influências das mais variadas formas, ouvindo e assistindo aos relatos que eram contados por eles sobre a vivência nas escolas, os eventos, os problemas diários, as reuniões, as dificuldades de atuar na área entre vários outros; porém, sobretudo, encantado com o papel desempenhado por eles: ser professor!

Percebo que a influência da presença destes familiares, que viviam esta realidade, voltada para a área educacional sempre esteve relacionada ao meu processo de ensino e

aprendizagem, influenciando e construindo um imaginário onde desde a infância refletia nas brincadeiras de criança, em que eu era o professor dos colegas, irmãos e primos(as) enquanto brincávamos juntos de escolinha.

Compreendo assim, que o ato de ensinar transparece ao ser, ao existir. Não acredito que somos professores ou educadores apenas em ambiente de sala de aula formal. Existir educacionalmente é perceber que ao andar pelos corredores da escola também se ensina sobre algo, ou alguma coisa, a depender do observador e claro, das suas intenções particulares. Constató isso em minha performance, já como professor, assim como na performance de professores que tive ao longo da vida educacional básica até chegar ao ensino superior. Muitos destes professores que cruzaram meu caminho, ensinaram pelo exemplo e pela atitude. Ensinaram pela presença e pela audaciosa performance realizada no existir educacionalmente, vestindo o que realmente eram e haviam escolhido como profissão. Educar significa dentre tantas possibilidades, estar presente, coexistindo no mesmo espaço enquanto se ensina, firmando o compromisso de que a melhor forma de ensinar é através do exemplo.

Durante o estágio supervisionado 2, disciplina obrigatória da graduação em artes visuais, com aulas ministradas pela professora Dr^a Roberta Maira de Melo⁵. Iniciei a prática como arte educador em salas de aula formal, neste momento, supervisionado pela professora Mariza Barbosa responsável por ministrar aulas de conteúdo de artes visuais na instituição de ensino público ESEBA⁶, direcionada para crianças do ensino fundamental 1 e 2.

Durante a graduação, desenvolvi oficinas com foco em criação em arte/artesanatos, oficinas de desenhos, de fotografia, participei de festivais expositivos durante o estágio na escola de educação básica da UFU - ESEBA. Atuei ainda, como estagiário bolsista durante parte da graduação no Hospital de Clínicas de Uberlândia (HCU), em parceria com a UFU, no setor de cirurgia cardíaca.

Neste período a prática de ensino como arte educador, propunha uma interação direta com pacientes hospitalares internados, aguardando para realizar a cirurgia cardiovascular⁷. Neste

5 Professora Dr^a Roberta Maira de Melo: Possui graduação em Educação Artística Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (1994), graduação em Educação Artística Habilitação em Decoração pela Universidade Federal de Uberlândia (1993), mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (2010). Membro do Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino de Arte (NUPPE). Atualmente é professora da Universidade Federal de Uberlândia e professora do Mestrado Profissional. Tem experiência na área de Educação com ênfase em História da Educação, Metodologias do Ensino em Artes Visuais e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, educação feminina, ensino e aprendizagem na contemporaneidade, história do ensino de arte e história e memória. Artista Visual com exposições em vários países. No momento do relato, era coordenadora responsável por aulas de estágio supervisionado 2 e pelo programa institucional de iniciação à docência PIBID - Artes Visuais - Olho Aberto, onde o proponente foi bolsista.

6 ESEBA: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia em Minas Gerais.

7 Cirurgia cardiovascular é a especialidade médica que se ocupa do tratamento cirúrgico das doenças que acometem o coração.< https://pt.wikipedia.org/wiki/Cirurgia_cardiovascular >

contexto, explorava e incentivava processos de criação em arte, aplicação de técnicas artísticas junto aos pacientes, confeccionando objetos artesanais que eram vendidos em uma loja própria de arrecadação de fundos direcionados aos pacientes, localizada dentro do hospital.

Ao concluir o estágio obrigatório, participei como bolsista do programa institucional de iniciação à docência PIBID onde pude pela primeira vez atuar como professor estagiário em salas de aula de arte para crianças do 4º e 5º anos do ensino fundamental 1. Em seguida, dei início na carreira como docente na educação básica através do processo de contratação por tempo determinado também chamado de designação no âmbito estadual de ensino, definido pela Secretaria de Educação do estado de Minas Gerais.

Ao ser designado e contratado para exercer a função de professor de arte me deparei com uma realidade bastante diferente da encontrada durante os estágios e iniciação a docência, lidando então com os primeiros desafios: colocar em prática todo o aprendizado absorvido ao longo das experiências anteriores; lidar com a parte metodológica prática de ensino, que ainda não estava consolidada devido a inexperiência; promover transformação social individual e ideologicamente coletiva a partir da atuação como docente. Mais *desejos*!

Em 2017 conclui a pós-graduação em “Gestão escolar: inspeção, supervisão, orientação e administração escolar” pela faculdade Faveni/Futura, do estado de São Paulo, com o tema de monografia *“Enfrentamentos na docência – caminhos e percursos de um jovem professor”*. Relatando neste trabalho, parte da experiência adquirida até o momento, enfatizando dificuldades e dividindo formas de lidar com as adversidades encontradas. O que no trabalho de conclusão de curso durante a graduação foi ouvido por colegas de profissão, na pós-graduação pude experimentar vivenciando enquanto dialogava com os problemas reais.

Já neste período, demonstrava interesse em conhecer outras áreas de atuação dentro de uma instituição de ensino, buscando assim melhor entendimento sobre o universo escolar e suas demandas para além da sala de aula, como também melhor qualificação e preparo para o mercado de trabalho em outras áreas educacionais.

Assim como para todos os profissionais que escolhem a carreira educacional, o início foi um grande desafio. Dentre algumas experiências como educador, destaco uma na qual mergulhei por quase 4 anos, atuando diretamente com estudantes da rede pública estadual em uma escola localizada na mesma cidade desta pesquisa, em um projeto denominado Educação Integral e Integrada do Governo do Estado de Minas Gerais.

Especificamente no projeto ilustrado pela imagem da figura 03⁸, onde os estudantes eram atendidos no horário do chamado contraturno, que é o horário pós-aulas e/ou pré-aulas do ensino regular (que trata-se de aulas definidas como obrigatórias pelo currículo de educação básica). No projeto eram planejadas e realizadas as atividades consideradas extracurriculares com caráter de formação educacional em espaço formal havendo possibilidades de abordagem de ensino em espaços não formais. Foram oferecidas aulas de desenho, capoeira, xadrez, leitura e interpretação de textos, esporte e lazer, história em quadrinhos, horta, teatro e improviso, artesanato popular, entre outros que foram surgindo ao longo do período.



03 -

Figura 3 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem do Portfólio de 2018, fachada da Escola Estadual "13 de Maio". Legenda da imagem: "Educação Integral e Integrada". Pintura com guache em papelão paraná. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

O objetivo do projeto a nível estadual era proporcionar um desenvolvimento educacional para além dos conteúdos obrigatórios do currículo de educação básica, possibilitando uma

⁸ Figura 03: Painel para a fachada da escola de educação integral, pintado a mão com tinta guache em papelão paraná, por professor e estudantes do 5º ano do ensino básico para identificação do prédio anexo à escola, localizado em frente ao prédio principal, do outro lado da rua. A ideia era ter a identidade da escola construída pelos próprios estudantes, promovendo sensação de pertencimento, de cuidado e de participação na construção do espaço físico da escola. Este objeto de arte, ou artefato, foi pensado e executado com a colaboração de aproximadamente 25 crianças e um professor.

abordagem onde o ensino de arte passava a fazer parte da rotina escolar, de forma integral, ora abrangendo o social, o emocional e o aspecto afetivo do ser humano na fase da infância. Neste momento, as atividades de arte passaram a ser trabalhadas em formato de laboratório de estudos artísticos e não mais no formato tradicional de ensino, onde sentam-se em fileiras e trabalham em sua maioria individualmente.

Em uma visão particular e atual sobre o projeto, com o passar do tempo, com parte da experiência adquirida através de leituras recentes, podemos considerá-lo a realização de uma experiência de ensino, em que a aplicação de uma abordagem educacional considerada holística⁹, contribuiu diretamente para a obtenção de resultados positivos (em sua grande maioria).

O termo Educação Holística foi proposto pelo americano Ron Miller (1997) para designar o trabalho de um conjunto heterogêneo de liberais, de humanistas e de românticos que têm em comum a convicção de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada na educação. São consideradas todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais inatos da natureza do ser humano. (YUS, 2002, p.16).

Esta proposta foi idealizada e aplicada partindo da intuição pura presente no ato de ensinar, associada à percepção da necessidade de se ensinar em novos formatos, identificando aquele momento como oportuno para experimentar novas metodologias e possibilidades de transformação social através do ensino de arte nas aulas denominadas oficinas.

A abordagem proposta pela educação holística consiste em educar o ser por inteiro, na sua totalidade, promovendo para além da construção de conhecimentos, a construção de experiências, vínculos e memórias, consigo e com o mundo. Considerando as bagagens advindas das vivências de todos os participantes assim como as construções que partem do individual para o coletivo. Este foi um momento de preenchimento pessoal e de encontro com o real significado de ser educador.

Educar holisticamente, portanto, é estimular no aluno o desenvolvimento harmonioso das dimensões da totalidade pessoal: física, intelectual, emocional e espiritual. E esta, por sua vez, participa de outros planos de totalidade: o comunitário, o social, o planetário e o cósmico. Todos estes

⁹ Educação holística: do grego holon, que significa: "que faz referência a um universo feito de conjuntos integrados que não pode ser reduzido à soma das suas partes". (SOUZA, 2013, p.12)

planos devem também ser desenvolvidos concomitantemente no processo educacional. (CARDOSO, 1995, p.51)

Devido a aplicação de uma abordagem educacional pelo viés da uma educação holística nesta experiência considerada por mim bem sucedida, percebemos ainda que as práticas que o grupo escolar realizava eram reconhecidas pela comunidade escolar, pais e famílias, ocasionando uma maior participação e interesse na vida escolar dos estudantes que ali frequentavam.

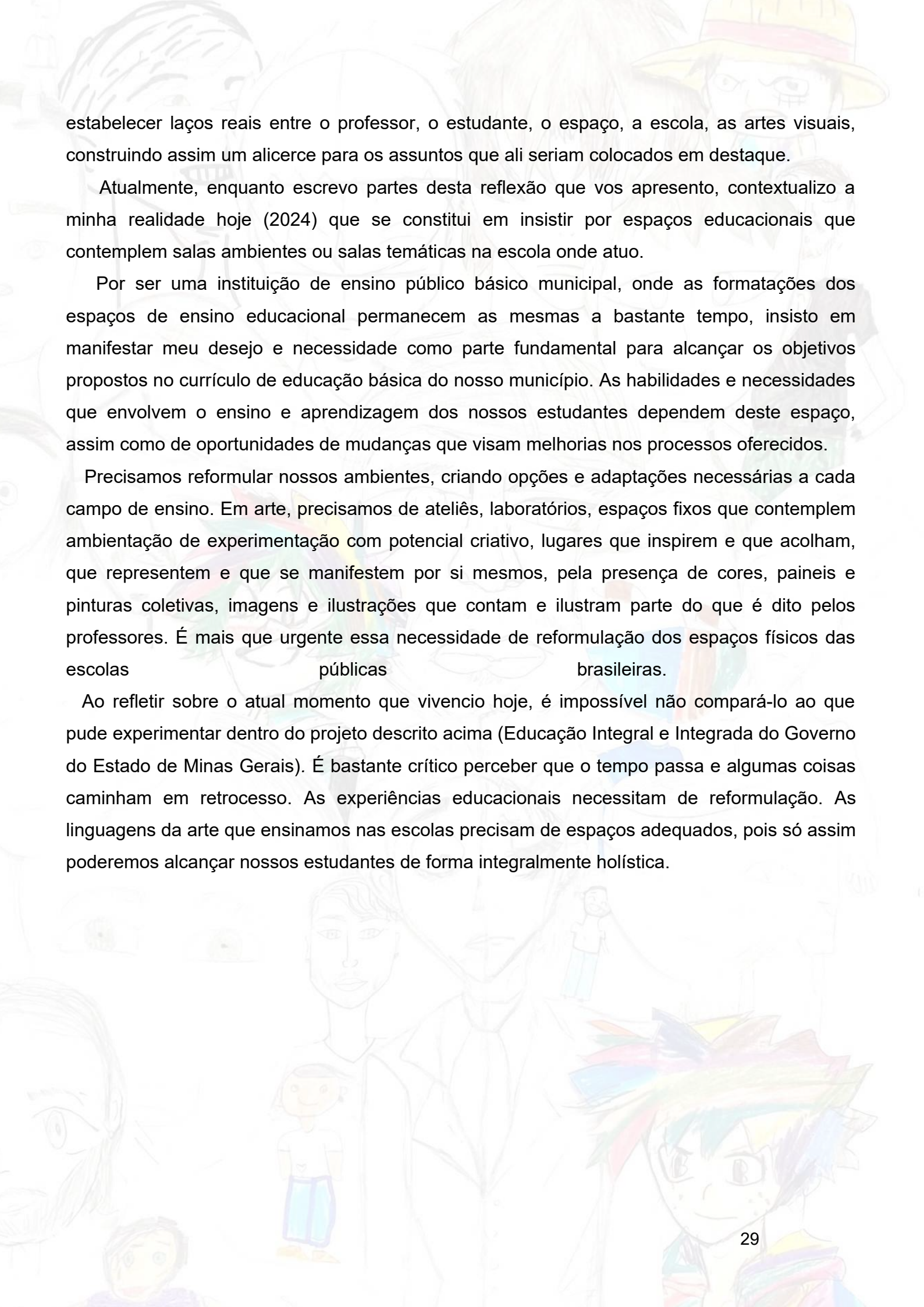
Consequentemente, se interessavam pela escola e pelo trabalho que ali era feito, colocando assim em evidência a necessidade de multiplicar abordagens educacionais com resultados positivos, falar em reuniões pedagógicas sobre o processo desenvolvido internamente na escola, de forma transparente e clara para toda a comunidade, esclarecendo que tudo só era possível pois eles compunham parte importante daquele todo e porque acreditavam no ideal transformador que geria as ideias e intenções do grupo.

Por atuar com a disciplina de artes visuais, entendemos a necessidade de desconstruir o espaço da sala de aula, transformando-o em um espaço de ateliê artístico, ou simplesmente em um laboratório de artes como prefiro chamar, uma vez que *"toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive"* (DEWEY, 2010, p.122) tornando assim o espaço físico da sala de aula protagonista nos processos criativos artísticos educacionais realizados neste contexto.

Pontua-se que para o desenrolar de uma prática de educação em artes, que é esse o ambiente propício à experimentação das linguagens artísticas e que por consequência se torna o ambiente oportuno para que a experiência estética relacionada com a arte possa realmente ser transformadora para o indivíduo como apresenta Dewey (2010)¹⁰, que se torna uma referência no decorrer da prática educacional, com tomada de consciência durante a construção desta pesquisa.

Ao pensar o espaço de trabalho, ou seja, a sala de aula, enquanto ateliê de arte, por ser parte importante e de grande impacto no processo de ensino e criação, pois é ali onde acontece a magia do despertar de interesses, curiosidades, reflexões, admiração e transformação (entre outros sentimentos e sensações que a arte pode nos proporcionar), torna-se necessário incluir esse estudante no projeto de construção do ateliê de forma participativa. Ouvir estes estudantes através de sugestões e novos olhares, significa

10 Ver Jhon Dewey: Arte como experiência. 2010.

The background of the page features a faint, colorful illustration of a diverse group of children and adults. In the top right, a boy with a yellow hat and a girl with a pink headband are visible. In the center, there are several children of different ethnicities and ages. At the bottom, a girl with long dark hair and a boy with spiky, multi-colored hair are prominent. The overall style is a soft, watercolor-like sketch.

estabelecer laços reais entre o professor, o estudante, o espaço, a escola, as artes visuais, construindo assim um alicerce para os assuntos que ali seriam colocados em destaque.

Atualmente, enquanto escrevo partes desta reflexão que vos apresento, contextualizo a minha realidade hoje (2024) que se constitui em insistir por espaços educacionais que contemplem salas ambientes ou salas temáticas na escola onde atuo.

Por ser uma instituição de ensino público básico municipal, onde as formatações dos espaços de ensino educacional permanecem as mesmas a bastante tempo, insisto em manifestar meu desejo e necessidade como parte fundamental para alcançar os objetivos propostos no currículo de educação básica do nosso município. As habilidades e necessidades que envolvem o ensino e aprendizagem dos nossos estudantes dependem deste espaço, assim como de oportunidades de mudanças que visam melhorias nos processos oferecidos.

Precisamos reformular nossos ambientes, criando opções e adaptações necessárias a cada campo de ensino. Em arte, precisamos de ateliês, laboratórios, espaços fixos que contemplem ambientação de experimentação com potencial criativo, lugares que inspirem e que acolham, que representem e que se manifestem por si mesmos, pela presença de cores, painéis e pinturas coletivas, imagens e ilustrações que contam e ilustram parte do que é dito pelos professores. É mais que urgente essa necessidade de reformulação dos espaços físicos das escolas públicas brasileiras.

Ao refletir sobre o atual momento que vivencio hoje, é impossível não compará-lo ao que pude experimentar dentro do projeto descrito acima (Educação Integral e Integrada do Governo do Estado de Minas Gerais). É bastante crítico perceber que o tempo passa e algumas coisas caminham em retrocesso. As experiências educacionais necessitam de reformulação. As linguagens da arte que ensinamos nas escolas precisam de espaços adequados, pois só assim poderemos alcançar nossos estudantes de forma integralmente holística.

1.2 - EXPERIMENTANDO CAMINHOS E PERCURSOS NA ARTE EDUCAÇÃO:

Apresento este capítulo traçando uma linha de volta ao passado, revisitando imagens e fotografias de arquivo pessoal, recortes de portfólios que foram produzidos durante os cinco primeiros anos de atuação como docente, com a intenção de analisar a experiência profissional que tem sido construída no desenrolar da prática como arte educador.

Pensar e problematizar a educação básica que é oferecida nas instituições públicas e privadas brasileiras tem se tornado parte fundamental para que essa visitação aconteça junto à pesquisa aqui apresentada. A intenção ou objetivo proposto pelo trabalho, busca analisar e refletir sobre o ser artista/professor/pesquisador na sua experiência estética e singular, iluminada pelos textos e pensamentos do filósofo americano e também pragmatista John Dewey .

Talvez possamos ter uma ilustração geral, se imaginarmos que uma pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente "prática". A pedra parte de algum lugar e se move com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso - em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos, à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma experiência com qualidade estética. (DEWEY, 2010, p.115-116).

Particularmente nesta experiência que considero um processo de criação de pesquisa em arte enquanto pesquisador, pontuo que ela contempla uma característica e que conforme se consolida através das experiências e acasos em meio ao caminhar pesquisando, se torna uma habilidade do ser que enquanto ensina¹¹, também se transforma. Quanto mais experiências e situações inesperadas surgem no decorrer dos processos, mais transformações se concretizam, oportunizando assim uma ininterrupta lapidação do ser que se propõe a pesquisar e ensinar.

¹¹ Ensinar: Está vinculado ao ato de oferecer oportunidades através de experiências e experimentações artísticas e estéticas, com a finalidade de transformação do pensar e do agir do ser que é ensinado. Ensinar está impregnado ao ato de viver, pois só se ensina vivendo, experimentando.

Pretendo com este processo de construção de reflexões caracterizado como ato de pesquisar, satisfazer uma necessidade de amadurecimento pessoal e profissional irrigado por estudos teóricos e filosóficos pertinentes à reflexão do processo de criação no ensino de arte. A proposta pretende incentivar e valorizar a formação continuada de professores da educação básica da rede pública, na busca por melhor qualidade no ensino que é oferecido por educadores, assim como compartilhar e multiplicar experiências de transformação estética particular por parte do propositor.

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. [...] As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. [...] Em contraste (...), temos uma experiência singular quando o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. (DEWEY, 2010, p.109)

Para tal finalidade, proponho uma conversa com as experiências do passado, que influenciadas diretamente pelas experiências do presente, possam alimentar o desejo para novas experiências advindas de um futuro com escolhas mais assertivas acerca do ensino de arte, para que ele seja efetivo, realista, porém libertador.

Inicialmente, apresentamos a imagem da figura 04 produzida ao longo da pesquisa, criada a partir da palavra geradora *CAMINHOS*, que se configura em um mapa cartográfico feito com lápis de desenho em papel canson A3, colorido com lápis de cor, representando instituições públicas de educação básica por onde atuei até o presente momento. Ela surge em contexto de aulas de arte, com uma turma do 5º ano do ensino fundamental 1, quando falávamos sobre histórias e memórias de escolas.

Naquele dia em especial, recebemos um novo colega na sala de aula. Como de, fizemos a recepção, nos apresentamos e pedimos que ele também fizesse o mesmo. A conversa tomou um rumo que não havia sido planejado, pois o garoto contou que havia ido para aquela escola um tanto quanto desanimado, pois antes, estudava em uma escola de zona rural e adorava tudo, e agora a princípio, achava que não seria tão interessante e até mesmo bem recebido por todos ali.

Ao perceber a situação delicada, pedi que outras crianças dissessem por quais escolas haviam passado durante sua vida escolar, na tentativa de dar outras referências ao novo integrante do grupo. Em seguida, um outro estudante perguntou se ele havia vindo de muito longe, qual a quilometragem da casa dele até a escola, perto de onde, se era possível mostrar o caminho aos demais colegas de sala. Alguém ao fundo da sala sugeriu que ele desenhasse

no quadro, para que todos pudessem visualizar melhor a explicação. Minha reação naquele exato momento foi de estranheza e indagação; e ainda assim, com o olhar atento às oportunidades, disponíveis para acessar o interesse e desejo dos estudantes, ofereci então o pincel de quadro branco, estendendo a mão em sua direção.



04 -

Figura 4. Sousa, Maycon Antônio Silva. Caminho. Desenho da cartografia das escolas onde atuei. Lápis de cor em papel canson A3 com caneta. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A partir deste momento, a palavra caminho começou a fazer parte da apresentação e que enquanto ele narrava a história, ia também rascunhando um determinado espaço, como forma de delimitação a ser utilizado, representando o final do papel ou suporte destinado para uma criação artística bidimensional.

Desenhando um caminho cheio de linhas e marcações feitas com riscos mais fortes, sinalizando pontos de referencias como saída da escola, posto de combustível que parava para abastecer a van escolar, saída da cidade, inicio do chão de terra, mata burro (como bem me lembro de ouvi-lo falando enquanto desenhava). Até finalmente chegar à escola como destino final. Ao retirar a caneta do quadro o estudante se voltou para a turma que surpreendentemente o aplaudiu vibrando, como que num campo de futebol, onde um grupo de torcedores fiel interage com seu time.

Aplaudido pelo desempenho e pelo entusiasmo utilizado ao contar e desenhar o caminho de sua casa até a nova escola. O novo colega da turma acabou por problematizar uma discussão

em sala de aula, onde todos os estudantes da turma se manifestaram com interesse de participar daquele momento que tinham presenciado. Começaram a pedir para desenhar, pedindo a caneta, e mais e mais canetas, de maneira que tornou o ambiente um tanto quanto caótico.

Ao organizar novamente a sala de aula, solicitei que ouvissem a proposta do que seria feito a partir daquele momento. Pedi que fizessem esse trabalho como um dever para casa e disse ainda que na próxima aula todos iríamos apresentar ao grupo da sala, como o colega novato em questão já havia feito.

Surge desta forma, a proposta para trabalharmos criações em arte a partir das palavras. A palavra *CAMINHOS*, nos referindo ao caminho que percorremos de casa até a nossa escola foi a primeira palavra a surgir durante o processo. Iluminado inicialmente pelo método de alfabetização de adultos, proposto por Paulo Freire, denominado por palavra geradora¹², a proposta se materializa mediante um acaso que não estava previsto, onde ao acontecer, modificou o seu entorno, causando novas perspectivas e olhares mais interessados ao que estávamos experimentando.

O surgimento do projeto aqui descrito, acontece a partir de um feliz acaso e que faz jus ao contexto proposto por Freire quando desenvolveu o método que tinha como principal intenção, enfatizar o poder transformador da palavra, que naquele momento foi o motivo de interesse ao trazê-lo para uma experimentação ao ser aplicado nesta pesquisa.

O poder transformador da palavra proposto pelo método de Freire, ao ser modificado e aplicado em contexto de processo de criação em arte, surge como ferramenta de disparo criativo para novas conexões destinadas a criações artísticas de crianças em idade escolar. Se coloca como uma ferramenta poderosa e capaz de alcançar resultados que serão discutidos ao longo deste texto.

Inspirado pela proposta feita aos estudantes citada ao longo do texto, nasce a imagem da figura 04. Ela evidencia o caminho percorrido por um arte educador em que sua prática se inicia em meados de 2015, quando conclui a licenciatura em artes visuais e dá início a prática como professor de artes em escolas públicas de educação básica do município de Uberlândia-MG.

¹² Palavra geradora: O Método Paulo Freire consiste numa proposta para a alfabetização de adultos, que criticava o sistema tradicional que utilizava a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita. As cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras soltas ou de frases criadas de forma forçosa que comumente se denomina como linguagem de cartilha, por exemplo *Eva viu a uva, o boi baba, a ave voa*, dentre outros. Essas palavras geradoras são discutidas nos estudos de Freire apresentados em 1967, 1987, 2019). O conhecimento a respeito do termo palavras geradoras passa por leituras advindas do mestrado profissional em arte, e se configura como um método de grande potencial para o que a pesquisa se propõe: promover disparo criativo para descongelamento de artistas e de processos de criação em arte.

Para a investigação com foco no processo de ensino e aprendizagem foi utilizado a aplicação do método Paulo Freire, conhecido também como proposta da palavra geradora, que na proposta original do autor foi pensado e utilizado na alfabetização de jovens e adultos (EJA). Sua aplicação nesta pesquisa se dá através de uma adaptação, tendo como ponto de referência entre a proposta adaptada e a proposta original, a importância do papel transformador que acompanha as palavras. Esta pesquisa de caráter investigativo artístico é direcionada para crianças em idade escolar, atualmente no 5º ano do ensino fundamental 01 da educação básica.

A investigação utiliza a fenomenologia como método de pesquisa, a qual é caracterizada como pesquisa viva, e que por essa qualidade não busca uma resposta concreta e definitiva para algum problema específico, mas sim, nesta ocasião, propõe uma análise de revisitação a uma prática realizada em ambiente educacional, voltado para o ensino de arte. Coloca artista e também professor, juntos, assumindo o lugar de pesquisador/investigador, porém agora, de forma consciente e fundamentada por escritores/pesquisadores e investigadores das ciências sociais e ciências humanas.

Desta forma, consciente de si mesmo e do outro, pensando a respeito do trabalho como educador e do potencial impregnado neste ofício, a proposta pretende tornar possível rever, questionar e revisitar pensamentos que colocam em evidência a problemática principal da pesquisa ou mesmo objetivo geral: Como a atuação enquanto professor de artes visuais tem influenciado a minha prática como artista e a formação de alunos reflexivos, críticos e criativos?

Para buscar respostas que contemplem a resolução ou mesmo novas conexões para a problemática, proponho alguns objetivos específicos que surgem a partir dos primeiros questionamentos: **a) como o trabalho do artista e educador tem se desenrolado e fundamentado ao longo de sua prática; b) como sua atuação enquanto professor tem influenciado na sua própria produção artística e; c) como sua prática de educação em arte tem contribuído para a formação de novos cidadãos reflexivos, críticos e criativos artisticamente.**

Partindo dos objetivos geral e específicos então citados, na intenção de busca por auto reflexão e reconhecimento a partir da própria prática metodológica educacional revisito um determinado período de uma prática em artes visuais que não é estática, pois permanece em constante movimento de troca.

Para esta finalidade reconheço a a/r/tografia como uma atitude de pesquisa investigativa que, configura e concretiza a possibilidade de interlocução existente na presença e relação

entre texto e imagem, colocando as duas em protagonismo, uma vez que pesquisar de forma a/r/tográfica

[...] significa indagar no mundo através de um contínuo processo de fazer arte em qualquer forma artística e escrita de maneira que não estejam separadas nem sejam ilustração uma da outra, mas que estejam interconectadas e entremeadas umas às outras para criarem significados novos e/ou relevantes. (IRWIN, 2006, p.28).

Desta maneira, a a/r/tografia como ferramenta de pesquisa em arte apresentada por Belidson Dias e Rita Irwin no livro "Pesquisa Educacional Baseada em Arte - A/r/tografia" (2023) possibilita reflexões mais assertivas aos olhos do pesquisador nesta busca pelo que as imagens de arquivos pessoais contam. Associadas aos textos construídos e linkados a memórias e experiências individuais do propositos, possibilitando uma conexão valiosa de dois momentos considerados de extrema importância para a investigação: a relação entre passado e presente do artista/professor congelado.

A ações educativas presentes nos registros fotográficos deste primeiro momento (passado) que serão apresentados no decorrer do texto, se deram ou se desdobraram de forma inconsciente. Em sua grande maioria, estes registros surgiram apenas para contemplar e guardar o que foi proposto pedagogicamente, com intenções e embasamentos que a priori eram definidos pelo instinto de educador, que até então não possuía experiência prática suficiente (se é que exista) ou referencial teórico bem definido.

Naquele momento, as experiências estavam vivas, logo era possível eternizá-las através de imagens fotográficas. Com um significado voltado apenas para o registro da atividade desenvolvida como um registro do que foi trabalhado pedagogicamente.

Já o segundo momento, se dá no agora, no momento presente, enquanto a investigação acontece e é escrita, desenvolvida e guiada por um conjunto de autores que se tornam referência com suas influências teóricas, permitem através de uma reflexão, uma nova interpretação ou entendimento daquilo que foi feito e guardado como um registro. Nele, é onde o real significado das imagens guardadas se manifesta e possibilita novas relações com o agora. As imagens escolhidas para a discussão, tornam-se protagonistas junto ao texto descritivo/afetivo que é produzido no agora, influenciado por cada referencial teórico acessado ao longo das aulas do programa do mestrado profissional em arte.

Se a pesquisa tende a estabilizar o conhecimento, a investigação nutre a produção de conhecimentos. A construção de significados acontece ao longo do tempo, mas 'inquiry in and through time' busca referir à investigação do

agora, mas que acontece simultaneamente ao que já está acontecendo e que aponta para o que vai acontecer. É passado, presente e futuro. (DIAS, Belidson, 2023, p.16)

Prefiro então, caracterizar este momento de conexão entre imagens do arquivo pessoal do pesquisador junto com os textos reflexivos produzidos a partir delas, como um exercício transformador reflexivo, que se dá durante a investigação que compõe a pesquisa. Ainda sobre o segundo momento, decido então denominá-lo como uma atitude investigativa.

Os dois instrumentos são semelhantes - a diferença é que a investigação está sempre em curso e, como resultado, é orientada para a prática, - teorizando a prática, praticando a teoria. Há um movimento constante na investigação de achados, já a pesquisa tende a buscar respostas e resultados. (DIAS, Belidson, 2023, p.16)

As respostas e resultados se dão através de visitas críticas em anotações, planejamentos e portfólios, construídos e executados durante o período de 2015 até 2019. No presente momento, a pesquisa acontece com a aplicação adaptada do método de alfabetização de jovens e adultos desenvolvido por Paulo Freire através das palavras geradoras, como uma proposta de disparo criativo para processos de criação em arte a partir de palavras geradoras. Sua aplicação se dá entre 2022 e 2023¹³ com estudantes no 5º ano do ensino fundamental 01, selecionados propositalmente por ser uma faixa etária em que o diálogo e relação entre professor e estudantes se dá de maneira natural e orgânica, facilitando trocas e conexões mais exatas.

Considero a investigação baseada em arte aqui apresentada uma abordagem de caráter qualitativo, uma vez que se refere a uma busca por conexões que relacionam os aspectos da vida pessoal que também compõem o perfil profissional do pesquisador e influenciam sua prática pedagógica. Relaciona ainda as experiências do educador/propositor com as habilidades adquiridas na formação durante a graduação de licenciatura em artes visuais, com sua aplicação prática em salas de aula de educação básica, enfatizando a falta de preparo que muitos colegas educadores lidam no início de suas práticas.

Visto que o foco investigativo explícito nesta pesquisa está para a qualidade do ensino que tem sido oferecido a partir de um congelamento artístico do pesquisador propositor:

Nós acreditamos que a pesquisa é um campo interdisciplinar que atravessa as humanidades e as ciências sociais e físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas a um só tempo. É

¹³ Aplicação da investigação se dá entre 2022 e 2023, período que contempla os estudos e aprofundamentos o programa de pós graduação do mestrado profissional em arte),

multiparadigmática em seu foco. Seus praticantes são sensíveis ao valor da abordagem multimétodo. Eles são compromissados com a perspectiva naturalística e com a compreensão interpretativa da experiência humana. (DENZIM; LINCOLN, 2002, p.73).

Tendo como ponto de partida a pesquisa/investigação autoetnográfica, consolida-se a necessidade de rever as próprias convicções artísticas e educacionais construídas e fundamentadas através da convivência e trocas de experiências no âmbito escolar/acadêmico. Disparados por professores que se tornaram referência ao longo do trajeto vivenciado pelo educador/professor (como educando e como docente)¹⁴ através de suas práticas educacionais.

Acreditamos ainda que a competência ou qualidade de pesquisador/investigador se dá durante o processo que parte do pensar (imaginar/criar), caminha para o realizar (fazer/construir) e se consolida no refletir (refazer/modificar). Este processo pode então ser recriado, reconstruído ou refeito quantas vezes forem necessárias, consolidando assim o processo de construção científica viva. Desta forma, nunca chegará a um estágio final ou ideal como em uma receita que seguimos passo-a-passo para um resultado satisfatório, concreto, conhecido.

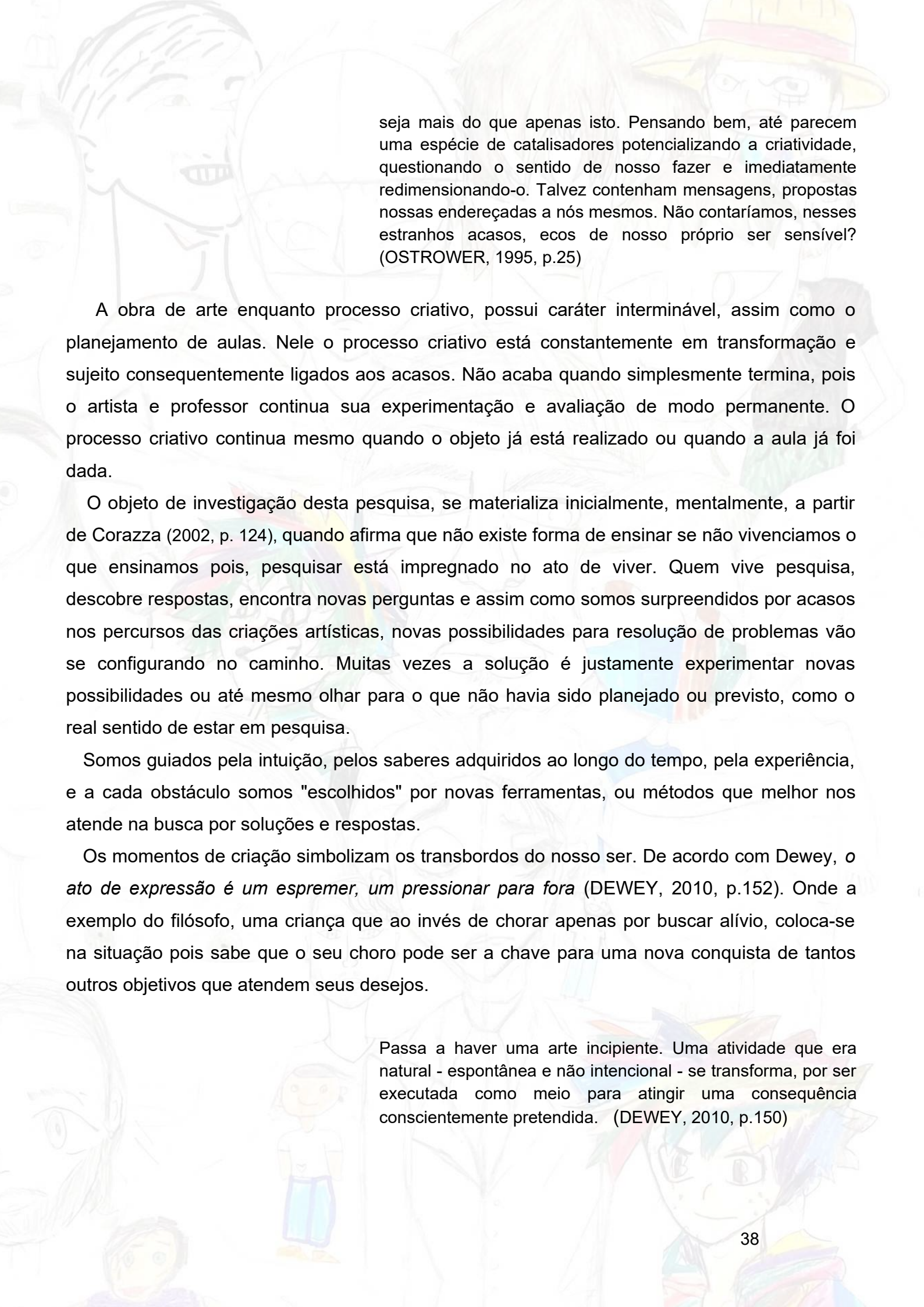
O ato de pesquisar (e digo isto enquanto caminho por estes trilhos, a partir da própria experiência pesquisando), coloca o navegante que sai em direção ao mar, e mesmo com coordenadas bem definidas, sabendo onde se quer chegar, num caminho imprevisível e muitas vezes cheio de surpresas. Muitas delas responsáveis por influenciar nas decisões atuais, sendo capazes de redefinir e refazer toda a rota a ser seguida.

Por acreditar que a criação artística *vai acompanhando a mobilidade do pensamento* (SALLES, 1998, p.30) consideramos o processo criativo da obra de arte um processo permissivo para possíveis acasos, inesperados gestos indutivos, repleto de inconstâncias e incertezas, que como em um passe de magia passa a existir guiado instintivamente pelo desejo criador. Sucessivamente, tornando o ato criador um lugar sem metas pré estabelecidas, e definidas, muito menos planejadas.

Neste momento, pontuo que os acasos passam a ser valorizados inevitavelmente após tomada de consciência adquiridas a partir de leituras como por exemplo do livro *Acasos e Criação Artística* de Fayga Ostrower (1990).

Meras coincidências? Incidentes fortuitos? Mas é assim que surgem os acasos significativos e de modo tão puramente circunstancial incendeiam nossa imaginação? Talvez. E talvez

¹⁴ Ato ou ação que não se modifica, uma vez que sempre estamos aprendendo e ensinando algo ou alguma coisa.



seja mais do que apenas isto. Pensando bem, até parecem uma espécie de catalisadores potencializando a criatividade, questionando o sentido de nosso fazer e imediatamente redimensionando-o. Talvez contenham mensagens, propostas nossas endereçadas a nós mesmos. Não contaríamos, nesses estranhos acasos, ecos de nosso próprio ser sensível? (OSTROWER, 1995, p.25)

A obra de arte enquanto processo criativo, possui caráter interminável, assim como o planejamento de aulas. Nele o processo criativo está constantemente em transformação e sujeito consequentemente ligados aos acasos. Não acaba quando simplesmente termina, pois o artista e professor continua sua experimentação e avaliação de modo permanente. O processo criativo continua mesmo quando o objeto já está realizado ou quando a aula já foi dada.

O objeto de investigação desta pesquisa, se materializa inicialmente, mentalmente, a partir de Corazza (2002, p. 124), quando afirma que não existe forma de ensinar se não vivenciamos o que ensinamos pois, pesquisar está impregnado no ato de viver. Quem vive pesquisa, descobre respostas, encontra novas perguntas e assim como somos surpreendidos por acasos nos percursos das criações artísticas, novas possibilidades para resolução de problemas vão se configurando no caminho. Muitas vezes a solução é justamente experimentar novas possibilidades ou até mesmo olhar para o que não havia sido planejado ou previsto, como o real sentido de estar em pesquisa.

Somos guiados pela intuição, pelos saberes adquiridos ao longo do tempo, pela experiência, e a cada obstáculo somos "escolhidos" por novas ferramentas, ou métodos que melhor nos atende na busca por soluções e respostas.

Os momentos de criação simbolizam os transbordos do nosso ser. De acordo com Dewey, o *ato de expressão é um espremer, um pressionar para fora* (DEWEY, 2010, p.152). Onde a exemplo do filósofo, uma criança que ao invés de chorar apenas por buscar alívio, coloca-se na situação pois sabe que o seu choro pode ser a chave para uma nova conquista de tantos outros objetivos que atendem seus desejos.

Passa a haver uma arte incipiente. Uma atividade que era natural - espontânea e não intencional - se transforma, por ser executada como meio para atingir uma consequência conscientemente pretendida. (DEWEY, 2010, p.150)


Nossa sensibilidade passa pelo caminho do transbordo. Se torna assim um ato de expressão que pode ser um simples ato artístico, ou um ato de expressão artístico estético. Ele surge a partir de algo que já está dentro do artista. Seu start se dá por intermédio do interior que se conecta com algo exterior. Ele é fruto de uma ou mais experiências vividas no passado e que ao ser revivida ou lembrada desperta então o desejo de se expressar. (Dewey, 2010, p.152)

Qual seria a graça de estar vivo se não pudéssemos nos expressar e desvendar os enigmas instaurados no ato de existir? Talvez pesquisar faça sentido enquanto existimos experimentando o viver já que viver

[...] uma prática de pesquisa é imbricado em nossa própria vida. A escolha de uma prática de pesquisa, entre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivados/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isso, não escolhemos, um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos 'escolhidos/as' (e esta expressão tem na maioria das vezes um sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos(as) sujeitou. (SINNER et al apud DIAS, 2023, p. 77)

Dessa forma, acredito que, ensinar está vinculado diretamente ao ato de experimentar. É experimentando que conhecemos, e se assim não for, o conhecimento se torna superficial, indo na contramão do real objetivo das trocas que permeiam o ato de ensinar. Sobre o ensino de arte, não acredito que ela possa ser ensinada. A arte não ensina. É impossível ensinar arte a alguém. A arte é pura expressão de sensibilidade, e sensibilidade é individual ao ser e se manifesta respondendo aos estímulos que o rodeiam. Não dá para ensinar alguém a ser criativo pois *criar significa poder compreender, e integrar o compreendido em novo nível de consciência*. (OSTROWER, 1995, p.252).

É preciso estimular a criatividade de forma a mostrar ou apresentar algo a alguém. Já aprender está relacionado ao ato de se dispor, de se abrir ao conhecimento. Ensinar é fortalecer a sensibilidade, a espiritualidade do ser, através da tomada de consciência. Ensinar e aprender para viver, estão imbricados na perspectiva de evolução do ser humano e, se não passa pela experiência, não transforma, sendo assim, não se consolida, torna-se banal, simplesmente insignificante. Na experiência singular o indivíduo está presente e vivencia as experimentações de forma plena.



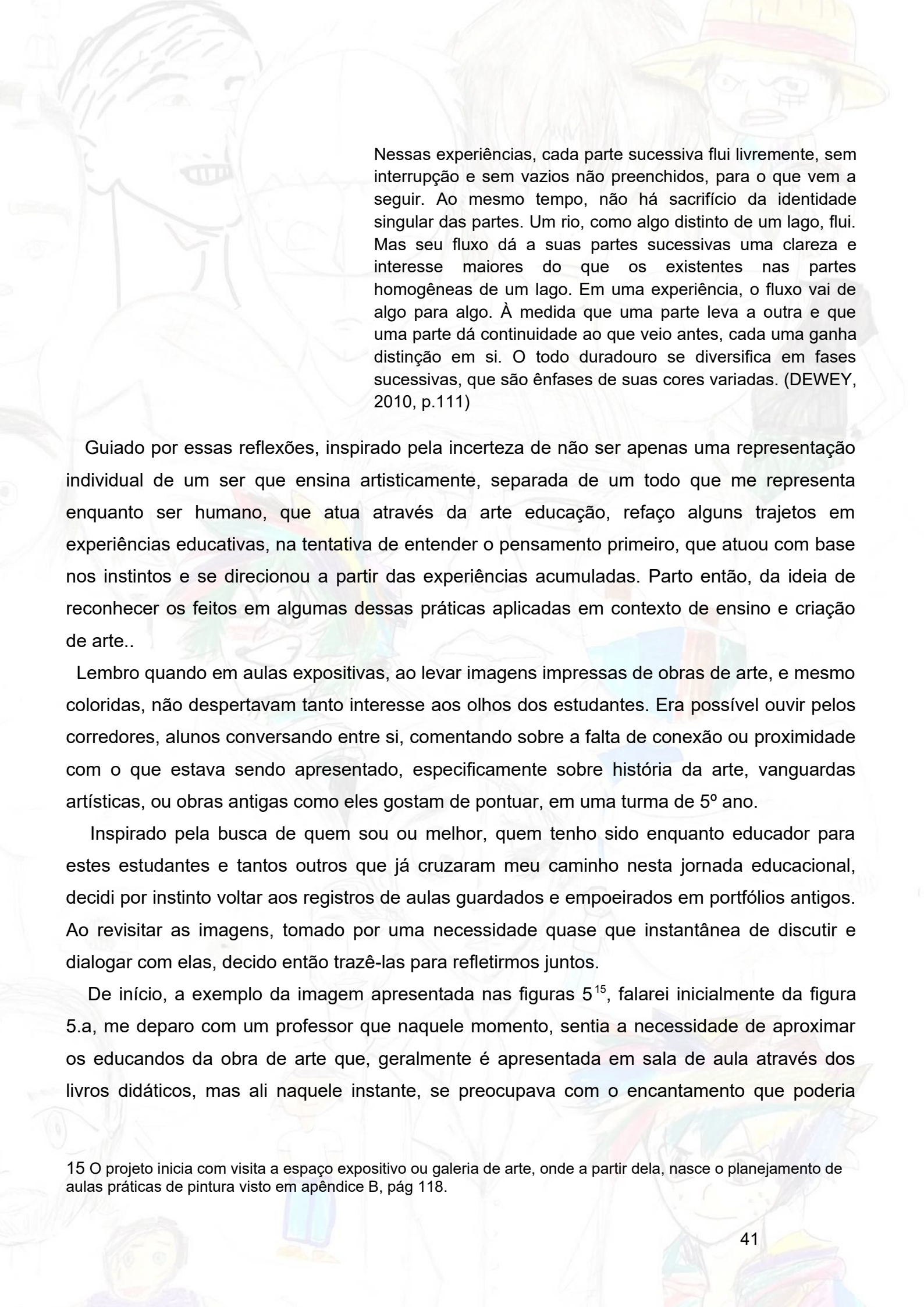
Muitas vezes, porém, a experiência vivida é incipiente. As coisas são experimentadas, mas não de modo a se comporem em uma experiência singular. Há distração e dispersão; o que observamos e o que pensamos, o que desejamos e o que obtemos, discordam entre si. Pomos as mãos no arado e viramos para trás; começamos e paramos não porque a experiência tenha atingido o fim em nome do qual foi iniciada, mas por causa de interrupções externas ou da letargia interna. (DEWEY, 2010, p.109)

Neste ponto, percebo a necessidade de estimular a sensibilidade de todos nós professores, principalmente os professores de arte. Ao ensinar oferecendo experiências através da disposição para aprender, o adulto toma consciência de sua importância e dimensão na vida do outro, passando assim para um estágio de contágio. Quem se abre ao conhecimento vive a experiência, e só o aprende pois se sensibilizou. Sendo assim, quem sensibiliza educa. Aquele que educa consequentemente contagia. Apenas contagiamos quando

[...] o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Então, só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de uma experiência. (DEWEY, 2010, p.109-110)

Ao passo que oportunizamos momentos de criação artística, e de apreciação estética em ambientes de ensino e aprendizagem voltados para o ensino de arte, colocamos em evidência a possibilidade da experimentação, seja no ato de fazer ou de observar. O fato é que ao propor uma dinâmica que não se sabe ao certo para onde irá caminhar, pois depende da interação dos participantes incluídos, estamos abertos ao que chamamos de experimentação imersiva.

Seja em momentos de puro devaneio criativo, ou de desapego com os pensamentos que acabamos depositando no papel ou suporte de criação artística, passam pelo desejo que nasce a partir de outros disparadores, que aqui chamarei de experiências anteriores. Nossas criações precisam instintivamente de um disparo criativo. Somos transformadores das ideias e disseminadores de ideias transformadas que transitam entre as experiências acumuladas ao longo da vida.



Nessas experiências, cada parte sucessiva flui livremente, sem interrupção e sem vazios não preenchidos, para o que vem a seguir. Ao mesmo tempo, não há sacrifício da identidade singular das partes. Um rio, como algo distinto de um lago, flui. Mas seu fluxo dá a suas partes sucessivas uma clareza e interesse maiores do que os existentes nas partes homogêneas de um lago. Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas. (DEWEY, 2010, p.111)

Guiado por essas reflexões, inspirado pela incerteza de não ser apenas uma representação individual de um ser que ensina artisticamente, separada de um todo que me representa enquanto ser humano, que atua através da arte educação, refaço alguns trajetos em experiências educativas, na tentativa de entender o pensamento primeiro, que atuou com base nos instintos e se direcionou a partir das experiências acumuladas. Parto então, da ideia de reconhecer os feitos em algumas dessas práticas aplicadas em contexto de ensino e criação de arte..

Lembro quando em aulas expositivas, ao levar imagens impressas de obras de arte, e mesmo coloridas, não despertavam tanto interesse aos olhos dos estudantes. Era possível ouvir pelos corredores, alunos conversando entre si, comentando sobre a falta de conexão ou proximidade com o que estava sendo apresentado, especificamente sobre história da arte, vanguardas artísticas, ou obras antigas como eles gostam de pontuar, em uma turma de 5º ano.

Inspirado pela busca de quem sou ou melhor, quem tenho sido enquanto educador para estes estudantes e tantos outros que já cruzaram meu caminho nesta jornada educacional, decidi por instinto voltar aos registros de aulas guardados e empoeirados em portfólios antigos. Ao revisitar as imagens, tomado por uma necessidade quase que instantânea de discutir e dialogar com elas, decido então trazê-las para refletirmos juntos.

De início, a exemplo da imagem apresentada nas figuras 5¹⁵, falarei inicialmente da figura 5.a, me deparo com um professor que naquele momento, sentia a necessidade de aproximar os educandos da obra de arte que, geralmente é apresentada em sala de aula através dos livros didáticos, mas ali naquele instante, se preocupava com o encantamento que poderia

15 O projeto inicia com visita a espaço expositivo ou galeria de arte, onde a partir dela, nasce o planejamento de aulas práticas de pintura visto em apêndice B, pág 118.

promover se essa apresentação de obras fossem realizadas de outras maneiras, em outro espaço, rompendo assim as páginas e barreiras que acompanham o livro didático.

Percebo que este professor valoriza o poder das imagens físicas e digitais; entende que ao passo que caminha os discursos e imagens dos livros didáticos ainda assim estão aquém do potencial real dessas imagens e obras que estão sendo apresentadas e discutidas. É perceptível o desejo transformador que permeia os anseios do professor. Materializado na necessidade de experimentar o espaço expositivo da arte, através da dinâmica proposta para o momento: promover a aproximação dos educandos com os espaços de arte a exemplo das galerias e espaços artísticos expositivos que socialmente são vistos com olhares de distanciamento por grande parte dos estudantes.

Nela, figura 5.a, relembro a apresentação de um convite para a exposição de um professor querido (Profº Alexandre França) que encontrei nas aulas de pintura durante a graduação em artes visuais, assim como parte do planejamento de uma aula expositiva, apresentando regras e normas (ver figura 5.b.) desenvolvidas com a finalidade de orientar e instruir estudantes em visitas de exposições de arte nos espaços expositivos considerados formais. O espaço de laboratório audiovisual da escola sempre foi muito utilizado em aulas expositivas, tendo em vista que os estudantes sempre se interessam mais por aulas que abordem e apresentem mais recursos visuais. Essa dinâmica passou a ser um importante aliado no resgate de interesse dos estudantes.

Lembro ainda que naquele momento, movido por uma necessidade e desejo de encantar todos aqueles estudantes com a experiência de imersão em espaço expositivo de arte, da vivência, da experimentação, da experiência física e sensorial, foi proposto então este momento de visita a primeira galeria de arte, com possibilidades de conhecer de perto o trabalho de artista expositor, e ver pessoalmente as obras de arte produzidas por ele.

As imagens apresentadas das figuras 5.a e 5.b, retomam aos meus olhos uma ação educativa de cuidado e de valor de apreciação estética. Algo que desde sempre esteve presente nas intenções e desejos do educador. Fazem parecer que o tempo pode sim renovar energias e resgatar sonhos aparentemente já adormecidos. Coloco desta maneira pois atualmente uma visita como a apresentada em aula expositiva, visto na figura 05.c, tornou-se algo muito distante da realidade do âmbito educacional em que atuo. Não são propostas que podem ser contempladas tendo em vista a dinâmica educacional como por exemplo, distância, necessidade de transporte, investimento financeiro que já foi negado em outros momentos pelo órgão e representantes da instituição que atuo.

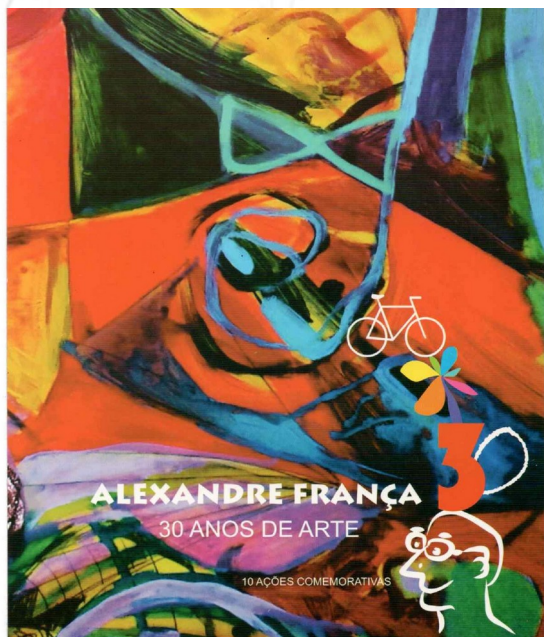


Figura 5.a. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Folder da exposição. Visita à oficina cultural - Exposição Alexandre França. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

5.a

AULA ILUSTRATIVA SOBRE REGRAS EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS NA SALA DE VÍDEOS DA ESCOLA



5.b.

REGRAS DE COMPORTAMENTO EM ESPAÇOS EXPOSITIVOS DE ARTE, GALERIAS E MUSEUS



5.c.

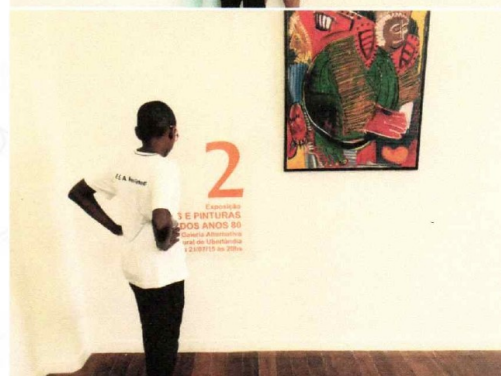
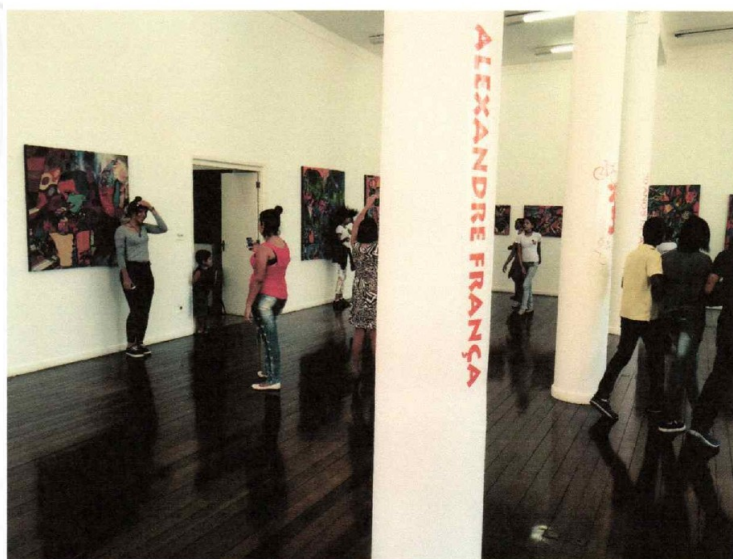
- 1 – PROIBIDO MOCHILAS, SACOLAS E LANCHEIRAS
- 2 – PROIBIDO CONSUMIR ALIMENTOS
- 3 – PROIBIDO CONSUMIR BEBIDAS, BALAS E CHICLETES
- 4 – PROIBIDO DISPERSAR
- 5 – PROIBIDO FALAR ALTO
- 6 – PROIBIDO CORRER
- 7 – PROIBIDO USAR CELULAR
- 8 – PROIBIDO FOTOGRAFAR COM FLASH
- 9 – PROIBIDO FILMAR
- 10 – PROIBIDO TOCAR
- 11 – PROIBIDO DESOBEDECER AS REGRAS ACIMA!!

Figura 5.b. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Aula expositiva sobre regras em espaços expositivos na sala de vídeo da escola. Estudantes assistindo a apresentação. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 5.c. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Aula expositiva em laboratório de informática da escola. Regras de comportamento em espaços expositivos de arte, galerias e museus, desenvolvido pelo grupo de estagiários do PIBID - Olho Aberto. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

As figuras 6.a e 6.b apresentam a realização do desejo de apresentar aos estudantes o espaço expositivo. Muitos a princípio nunca haviam ido ao museu de arte, ou à galeria de arte. Registramos o momento e percebemos as possibilidades de encantamentos acontecendo diante dos nossos olhos. Me lembro bem que alguns inclusive não quiseram fazer registros fotográficos individuais, uma vez que foi sugerido que escolhessem uma obra de arte com a qual se identificassem para fazermos a foto. Alguns não conseguiram se aproximar ou se identificar com algo presente nas imagens expostas naquele momento. Acredito que pelo fato de ser algo "novo", "diferente", para eles, ou mesmo pelo fato do distanciamento entre visitante e obra de arte, já que o momento era de estranhamento ao novo.

FOTOGRAFIAS DA 1ª VISITA A OFICINA CULTURAL



6.a.

6.b.

Figura 6.a e 6.b - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Visita à 1ª exposição do grupo de estudantes ao trabalho do artista Alexandre França na Oficina Cultural de Uberlândia. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A ausência de referência e de pertencimento são sentimentos que passam por este lugar que vem com incertezas e desconfortos. A referência é algo que acontece ao acaso, quando não percebemos. O acaso nos surpreende enquanto não os esperamos. Não esperava derrubar o café no computador enquanto trabalhava e produzia depois de trabalhar três noites seguidas, incansavelmente, mas ter derrubado, me fez repensar o tempo investido no trabalho, e o quando outras áreas da minha própria vida mereciam um momento de reflexão e de atenção.

Desligar o computador e mandá-lo para o conserto foi necessário, inclusive para retornar ao trabalho depois, descansado e renovado. Mas também para dar um respiro e prestar atenção em outras coisas que eu já não estava mais observado, a exemplo do cachorro que estava

deitado aos meus pés, triste a alguns dias, sem passear, pois o foco estava totalmente direcionado ao compromisso com o trabalho e a produtividade da vida moderna que temos hoje.

Não que seja uma romantização do prejuízo financeiro, mas se não fosse esse acaso, poderia não perceber o quanto existem experiências outras, significativas e valiosas ao meu redor e que é preciso olhar e não apenas ver, mas olhar e enxergá-las para além do que uma tarefa ou obrigação. Precisamos estar atentos ao momento presente, e este pensamento tem proporcionado pequenos instantes de transformação diária, principalmente no ambiente escolar. Os acasos tem me colocado no pensamento do aqui e agora, enquanto vivo e atuo.

Lembro-me bem quando Fayga Ostrower fala sobre os acasos significativos, em que a seletividade interior se constitui pela simples percepção de um evento. As pessoas não são passivas frente aos estímulos, uma vez que não é qualquer estímulo que poderá se tornar um acaso ou inspiração, uma vez que para se tornar importante, o externo precisa fazer conexão com o interno de alguma forma.

Enquanto a autora discute questões de acasos durante o processo de criação de suas obras de arte, acasos esses que influenciam diretamente nos objetos de arte que produz, proponho pensar os acasos no processo de criação e de construção enquanto e durante o ensino de arte. Sua reflexão sobre os acasos me levam a pensar que enquanto professores, temos em nosso processo de criação educacional (seja de objeto artístico ou produção de conhecimento através de planos de ensino e ideias a serem executadas) a constante presença desses acasos.

Através de obras onde a linguagem se consolida pela escrita, escrita essa que pode ser observada em planejamentos diários de aulas, em projetos educacionais a serem desenvolvidos a longo prazo, em anotações feitas em diários de bordo, em portfólios pessoais do educador. Os acasos podem ser percebidos no simples ato de modificar um planejamento que, enquanto executa, precisa ser revisto e novamente calculado.

A partir deste pensamento, a referência poderia então ser considerada um acaso bem vindo, ou um acaso que deu certo, que contribuiu para uma transformação de um plano de ensino que ao ser executado passou por ressignificação possibilitando a transformação de experiências individuais. A referência nasce em algum momento e sempre a partir de uma experiência, vivida ou adquirida. Pensar os acasos em processos de criação ligados ao contexto educacional tem contribuído para uma prática que transita e não estagna, que inclui ao invés de excluir, que trás para o agora todo e qualquer plano que precise ser alterado ou

recalculado. Torna o processo orgânico e mais humano, torna as experiências, mesmo que parecidas, sempre únicas e novas.

Escolho a figura 07.a. para participar da conversa, pois nela apresento um exemplo onde o acaso surge durante o processo de execução de um planejamento educacional¹⁶. Ele influencia diretamente no resultado e vai em desencontro ao que havia sido planejado inicialmente. Reforça a transformação de um plano de aula que se transforma durante sua apresentação e aplicação.

O plano em questão toma outro rumo, outra forma, devido ao fato de um estudante comunicar sobre falta de relação próxima com o que era apresentado nos encontros semanais das aulas de artes, no que diz respeito às práticas de pintura com tinta guache. Nesta aula em específico ministrava aulas em uma oficina de pintura e o material a disposição era lápis de cor aquarelável e tinta guache. Lembro-me que este estudante comunicou que estava entediado de pintar com lápis de cor e com pinceis muito pequenos e que não tinha habilidade motora suficiente para conduzi-los e reproduzir os desenhos iguais aos vistos na exposição que havíamos visitado.

Mesmo depois de ter reforçado que não era para serem iguais as imagens que tínhamos visitado, mas sim, usá-las como referências para novas criações e conexões com nossas próprias ideias, como em um processo de releituras de obras de arte relacionadas às nossas memórias fotográficas afetivas e lembranças individuais da visita feita ao espaço expositivo e das obras vistas. Enfatizando que o trabalho seria individual, cada estudante com seu papel kraft tamanho A3 sob a mesa e tendo liberdade total de criação.

A partir daquele momento, o acaso apresentado em forma de inabilidade de executar o exercício em questão trouxe a necessidade de transformar o que estava proposto e considerado adequado ao momento, em algo que era necessário: alcançar os estudantes e encantá-los com a experiência de imersão que uma visita a um espaço expositivo pode proporcionar, influenciando assim em suas próprias produções artísticas.

Hoje percebo que naquele momento como professor eu poderia ter agido de forma autoritária, e exigido que o exercício fosse feito conforme o que era pedido na proposta, como em muitos casos é o que acontece em aulas de artes. Os professores tendem a exigir que sejam feitos de determinada maneira, engessada e alcançando os objetivos do próprio educador.

Ao trazer esta figura para nossa reflexão, colocando minha prática antiga como um objeto de estudos sob a mesa, escolho este momento para ilustrar sobre os acasos, pois

¹⁶ Planejamento educacional: ver plano de ensino citado em apêndice B, p.118.

imediatamente quando olho essa imagem, me lembro da sensação que senti quando o estudante demonstrava suas dificuldades em manusear ferramentas. Me recordo que perguntei a ele o que ele gostaria de usar, e em resposta, ele imediatamente disse que faria bem melhor usando as próprias mãos, pois achava que o artista referência havia o feito assim.

Os demais colegas incentivados pela colocação desse estudante, demonstraram interesse em pintar com as mãos acreditando que o artista havia mesmo pintado desta forma. Solicitei que me aguardassem por alguns minutos, me retirei da sala com auxílio da coordenação, providenciei um retalho de papel kraft em tamanho maior. Ao retornar a sala, pedi que abrissem espaço no centro, empurrando mesas e cadeiras para as laterais, estendi o papel grande no espaço vazio, coloquei pinceis e tintas nas laterais e pedi a atenção do grupo, dizendo: a partir de agora, vocês podem usar os materiais que estão aqui ao lado, assim como as mãos de vocês, a única regra é que não podemos sair do espaço do papel ou usar outras partes do corpo, apenas as mãos estão liberadas para a produção da atividade.

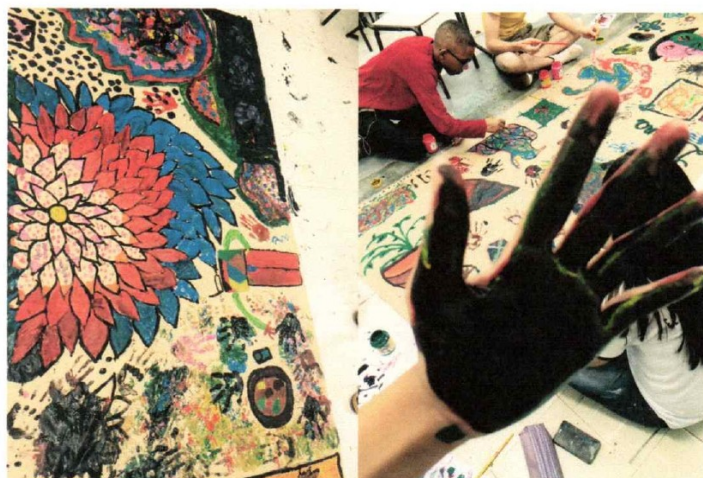
Desta forma o planejamento se configura próximo da realidade e da visão que os alunos tinham sobre a referência usada a partir de uma intervenção vinda de um acaso. Este acaso tornou-se significativo a partir do momento que houve sensibilidade para percebê-lo.

[...] os acasos podem ser caracterizados como momentos de elevada intensidade existencial; porquanto a criatividade é estranhamente vinculada a sensibilidade do ser. Ambas se complementam, sendo impensáveis uma sem a outra. (OSTROWER, 1995. p. 25)

A figura 07.a. simboliza ainda o nascimento de relações de afirmação de indivíduos criativos e ativamente participativos desde o processo de criação até a sua execução e que ao longo das próximas experiências poderá se tornar uma referência significativa e transformadora em suas novas práticas. Nela, juntos, professor e estudantes, consolidam a construção de referência de arte, através da produção de um painel colaborativo em que a principal orientação é revisitar nossa memória fotográfica afetiva associada às imagens que vimos em exposição.

A figura 07.b. apresenta parte do planejamento de aula teórica com conteúdo sobre desenho de memória afetiva, assim como os benefícios adquiridos pelos indivíduos que a praticam, além de cuidados básicos para uma boa memória ao longo da vida, para dar informações necessárias ao desenvolvimento da atividade prática de pintura proposta e apresentada na figura 7.a.

PINTURA DE MEMÓRIA FOTOGRÁFICA SOBRE A VISITA À EXPOSIÇÃO DO ARTISTA ALEXANDRE FRANÇA



7.a.

Figura 7.a. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Pintura de memória fotográfica sobre a visita à exposição do artista Alexandre França com tinta guache em papel kraft. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Escola de Tempo Integral

DESENHO DE MEMÓRIA

O desenho de memória possui uma característica bastante pessoal, e intrínseca. Cada um possui sua forma de enxergar o mundo externo e internalizar essas imagens faz parte de nossa vida.

Convivemos o tempo todo com memórias e lembranças, muitas vezes de momentos felizes e também de momentos tristes. É através da memória que recordamos de familiares e amigos que já não estão mais entre nós, como no caso de entes queridos falecidos.

A fotografia surge como uma forma de estimular a memória que muitas vezes pode ser falha, ou até mesmo fraca, quanto a riqueza de detalhes quando tentamos lembrar de algo específico, enquanto a fotografia congela todos os momentos, e tem por natureza fazer com que nossos sentimentos sejam renovados e de certa forma, renascidos em nós mesmos.

7.b.



Figura 7.b. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Legenda da imagem: Memória afetiva. Aula sobre o poder da memória e como cuidar para termos um bom funcionamento ao longo da vida. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A experiência se dá também a partir de um acaso que surge em contexto de processo de criação artístico educacional, causando uma alteração do planejamento inicial do professor. Trata-se de uma ação educativa realizada em 2016, que a muito tempo pairava em minha vontade enquanto educador: experimentar o espaço teatral através de uma visita com estudantes do ensino básico em escola pública.

Pensando no ser humano, nas suas formas de existência, assim como na realidade de cada ser e de seu entorno. Este é um comportamento comum no ambiente escolar: observar o espaço e os seres que se encontram nele. Esse exercício faz com que muitas realidades sejam confrontadas diariamente, podendo a cada diálogo nos permitir construir um mapa mental sobre o perfil de cada indivíduo presente, analisando comportamentos, temperamentos, perfis familiares, grupo ao qual pertence socialmente. Na escola não tem como ser diferente. Precisamos identificar os indivíduos com os quais estamos lidando e localizá-los nos grupos sociais aos quais estão inseridos, pois essas informações irão nortear nossas ações enquanto educadores.

É curioso pensar que todos os seres humanos que existem, pertencem a um determinado grupo que por consequências da própria existência, associada à história e costumes desenvolvidos e aprendidos ao longo do tempo, fazem com que cada ser humano seja representado por uma determinada cultura. Embora seja bastante comum encontrar indivíduos que não se identificam ou que não se sintam representados pelas culturas em que estão inseridos (referindo a cultura de origem ou de nascimento de cada indivíduo), o fato é que todos nós, sem exceção, conscientes ou não, compomos o que estudiosos e antropólogos chamam de cultura.

Proponho discutirmos a imagem da figura 08.a e 8.b. Nela temos um grupo social diverso, composto por estudantes do ensino fundamental 2 de uma escola estadual, com múltiplas vivências e experiências culturais indo pela primeira vez a um espetáculo de teatro profissional. Revisito nela, uma experiência onde foi possível experimentar a linguagem do teatro com um grupo que até o presente momento não havia tido essa vivência.



8.a.

Figura 8.a. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Visita ao GruPontapé de teatro de Uberlândia. Peça apresentada pelo GruPontapé de teatro com o tema indígena. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



8.b.

Figura 8.b. Sousa, Maycon Antônio Silva. Imagem de portfólio de 2015. Visita ao GruPontapé de teatro de Uberlândia. Peça apresentada pelo GruPontapé de teatro com o tema indígena. Plateia com estudantes. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A palavra cultura possui interpretações que considero importantes para iniciarmos a discussão que abarcam as figuras 08.a e 8.b. Falaremos um pouco sobre o que é a criatividade, uma vez que um ser criativo só é criativo pois vive uma experiência. Experiência essa que em sua grande maioria vem da cultura a qual você foi inserido naturalmente.

Essas experiências são determinadas por uma ou mais culturas que precedem a nossa existência; logo, experimentamos não por escolha própria, mas por ocasião da própria existência em determinado grupo e/ou lugar, que por natureza se reproduz, e

consequentemente são colocados frente a essa cultura que já está definida, que por sua vez é quem determina condições diversas e que são inerentes ao viver. Como por exemplo: condições sociais, emocionais, intelectuais, de oportunidades, entre tantas outras, uma vez que elas influenciam totalmente em nossa forma de ver, de ser e de estar no mundo. Segundo Matta (1981):

"Nesse sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, as vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade ("as gerações mais novas são incultas"), etnia ("os pretos não tem cultura") ou mesmo sociedades inteiras quando se diz que "os franceses são cultos e civilizados" em oposição aos americanos que são "ignorantes e grosseiros" (MATTA, 1981, p.01)

Ir ao teatro e valorizar a arte realizada por atores em peças, teatrais, filmes, séries, novelas, cinemas, está relacionado a forma como você foi inserido ao contexto das linguagens artísticas, das artes cênicas, das artes visuais ou plásticas, da arquitetura, do design, da música, do canto, e todas as demais linguagens artísticas. É fato que para se valorizar a arte em geral é necessário aprender isso. Geralmente que ensina esses valores culturais são nossas raízes e bases familiar primeiramente, e depois a escola, com base no que se exige nos currículos escolares.

Nossos estudantes, principalmente os estudantes de escolas públicas não possuem referências artísticas por falta de acesso de condições que permitam sua aproximação com as demais linguagens artísticas. Ao decidir trabalhar teatro em escolas públicas de educação básica, enfrentamos desafios que muitas vezes não imaginamos ao planejar momentos de reflexão e debates escolares.

Muitos dos estudantes com os quais já trabalhei nunca foram ao teatro ou tiveram interesse, mesmo porque se é algo que está distante, nem existe o desejo, uma vez que não se ensinou a importância ou valor que aquilo tem.

Tendo em vista estes obstáculos que estão postos desde sempre, ao dar início ao conteúdo de iniciação ao teatro e linguagens teatrais sempre é feito mapeamento em sala com questões feitas verbalmente em roda de conversa, como por exemplo: quem conhecia o trabalho que é realizado em palcos de teatros; quem já foi ao teatro; qual a experiência mais próxima do teatro que eles já haviam tido. A partir das respostas, constatamos que a grande maioria realmente não havia ido ao teatro, por inúmeros fatores como por exemplo: não saber onde tem teatro na cidade, não participar do circuito artístico que divulga e compartilha notícias sobre peças e

apresentações na cidade, falta de informação e de conhecimento a respeito do assunto, dificuldade financeira para acessar os espaços de apresentações teatrais entre outros.

Dada a realidade escolar frente às dificuldades em realizar visitas externas a escola, já sem muitas perspectivas a respeito de experimentar um espaço cênico profissional com a turma, coincidentemente, durante as discussões em aula sobre o conteúdo e linguagens relacionadas ao teatro, nos deparamos com um novo acaso, com potencial transformador significativo: a possibilidade de fazer uma visita e experimentar o espaço da linguagem teatral com um grupo profissional.

Durante conversas na sala dos professores, dividindo projetos e compartilhando experiências de práticas educativas, contando sobre as aulas onde abordava o conteúdo da linguagem do teatro que já estavam em andamento, manifestando a vontade de proporcionar a experiência teatral real e viva aos estudantes, surpreendi-me com a fala de uma colega apontando o espaço utilizado pelo GruPontapé de Teatro.

Ao comentar que o grupo estava localizado na mesma rua da escola, sem perceber, a colega nutriu a possibilidade de realizar um desejo particular do professor de arte de apresentar um espaço cênico aos estudantes que ainda não haviam tido a oportunidade. Em questão, a escola¹⁷ funcionava em um espaço alugado pelo governo, sendo tudo ao redor dela uma novidade ainda desconhecida.

Percebemos então que o GruPontapé de teatro de Uberlândia ficava localizado próximo da escola, sendo possível uma visita sem custos de transporte ou alimentação fora da escola. Ao demonstrarmos interesse em fazer uma visita, os responsáveis de prontidão se colocaram à disposição e providenciaram mudanças nos planejamentos dos ensaios para que pudessem nos receber.

O grupo estava ensaiando uma apresentação com a temática dos indígenas e seus enfrentamentos para participar de festivais regionais. Dessa forma, devido ao grande interesse por parte dos estudantes da escola, após alguns ensaios assistidos e percebendo o encantamento de todos, o grupo de teatro convidou nossa escola para assistir a uma apresentação com direito a efeitos especiais e todos os componentes que compunham a peça. Assim, experimentamos coletivamente os trabalhos de ensaios, bastidores, erros de cena,

17 Escola: O prédio principal desta escola passou por vistoria e acabou sendo interditado por danos em sua estrutura. Com isso, foi necessário adaptar um novo espaço para a continuação do ano letivo com os estudantes. Se tratava de uma casa adaptada com paredes feitas com placas de pvc, transformando os cômodos em salas de aula. Isso apresenta uma transição que aconteceu durante o período letivo. Dada esta realidade, podemos afirmar que o novo bairro onde a escola se localizava era desconhecido. Além do mais, devido a descrição da fachada do GruPontapé de teatro, que praticamente não existia, seria impossível identificar o local como uma oficina e grupo profissional de teatro.

efeitos sonoros e especiais, concluindo assim a primeira peça de teatro assistida pelos estudantes do fundamental 2 da nossa escola com toda a magia envolvida no processo do teatro.

A peça abordava um tema social de extrema importância para discussões sobre disputas de terras indígenas por homens brancos, tornando assim um momento de reflexão e de contextualização da história de nossos antepassados. A oportunidade em questão, proporcionou debates e ensaios de jogos teatrais apresentados para a escola posteriormente pelos estudantes que participaram do projeto. Tornou possível a realização de trabalhos sobre a temática dos povos originários e suas histórias, preparando nossos estudantes para a construção de uma sociedade justa e rica culturalmente.

Com a experiência de ida ao teatro e abordagem da temática, podemos adentrar em conteúdos específicos da linguagem artística realizada nas comunidades indígenas, como suas vestimentas, seus utensílios, suas pinturas corporais, rituais com cânticos religiosos, Dessa forma, percebemos o despertar para um mergulho nas raízes culturais de nossas origens enquanto sociedade e país de matrizes indígenas, contemplando assim parte da obrigatoriedade exigida pelo currículo oficial da rede de ensino do país, que prevê o ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" proporcionando o contato com as tradições originárias do país.

É importante salientar que o termo "ter ou não ter cultura" utilizado para definir e representar alguém ou determinado grupo ou sociedade, é de fato, uma expressão carregada de preconceito e discriminação, e que por ter natureza de julgamento, desvaloriza e inferioriza o que é diferente de si próprio, colocando uma medida invisível aos olhos, mas perceptível nas relações sociais e humanas. O fato de ter participado da experiência de acompanhar o desenvolvimento e assistir a uma peça teatral abordando o tema de disputas territoriais entre brancos e povos originários, proporcionou discussões e aberturas para temas de formação social como por exemplo o preconceito racial.

Nas escolas não tem sido diferente, é comum ouvir frases e referências do tipo "esse menino não tem educação" ou "a família desse garoto não educou como deveria", mas por qual motivo essas crianças seriam educadas e ensinadas da mesma forma se cada núcleo familiar produziu e recebeu uma educação individualmente?

Do mesmo modo é comum ouvir referências à humanidade, cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, como sendo sociedades que estão "na idade da pedra" e se encontram em estágio cultural muito atrasado. (MATTA, 1981, p.01)

Não faz sentido pensar que estão atrasados. Na verdade, o que não permite uma grande parcela da população mundial de ver a riqueza e a importância que a cultura dos povos originários possuem na construção social que conhecemos hoje é justamente uma visão preconceituosa, discriminatória e ignorante. Viver em uma sociedade como a nossa, onde os povos originários demoraram a se tornar pauta de discussões em mesas importantes, assim como nas discussões mais íntimas feitas em casa com familiares, ao meu ver denuncia uma negligência cultural.

Poder experimentar o espaço teatral vivo, no ambiente escolar, enquanto ele nasce, cresce e se consolida no palco, tendo como tema principal os indígenas e suas vivências, proporciona uma enorme possibilidade de desdobramentos para a abordagem em aulas de artes.

Ao dialogar com autores selecionados para esta discussão, foi preciso definir conceitos a fim de conduzir o pensamento em construção, desta forma, em concordância com o filósofo e escritor Lowenfeld, sobre criatividade coletiva, onde aponta que toda criança passa pelos "mesmos estágios, pelos mesmos caminhos, e mais ou menos nas mesmas idades" (Zimmerman, 2023: 42). Nós professores, nos deparamos diariamente com estes pontos ligados a criatividade e ao desenvolvimento criativo das crianças, pois desde sempre

[...] tomavam lugar em estágios hierárquicos que incluíam componentes sociais, emocionais, perceptuais, intelectuais, estéticos e criativos. (Zimmerman, 2023: 41-42).

Digamos então que a criatividade está relacionada diretamente à cultura do indivíduo, assim, uma criança apresenta em suas criações aspectos culturais relevantes e que na maioria das vezes podem ajudar na identificação cultural da qual ela faz parte. Acreditamos que as influências sob as quais crianças são colocadas, passam a fazer parte do seu universo criativo, assim como Judith M. Burton (2009, p.328) defende que "todos os aspectos do desenvolvimento das crianças não estão apenas situados dentro da cultura da qual fazem parte, mas também são moldados pelas práticas, habilidades e expectativas quanto à cultura".

Pensem sobre uma criança que possua questões relacionadas ao gênero por exemplo, em uma situação em que se discute sobre família, imediatamente identificamos uma estrutura de ensino que não nos permite dialogar e instruir todas as pessoas na sua totalidade humana e clara. Não é pensado em incluir as crianças que possuem dois pais ou duas mães por exemplo, ainda assim sem falar das mais variadas formas de concepção familiar existentes na atualidade.

Isso sem sequer entrar nas auto denominações de gênero existentes, ou melhor ainda, sobre como cada um se denomina e se vê na sociedade. Me questiono por muitas vezes, 'como estamos educando?'; 'para quem, ou quem estamos educando?'; 'qual seria a melhor maneira de educar se não for pela totalidade do indivíduo?'. Mas essas são algumas questões pessoais que permeiam o pensamento quando penso sobre cultura e suas variantes relacionadas à educação que ficarão para outras discussões.

Trago para a discussão, o pensamento de educação cultural integral ou holística, que se caracteriza por dois princípios: integralidade e interconectividade. O primeiro "*considerando o ser humano na sua totalidade, educando-o sem a fragmentação de suas dimensões: física, emocional, mental, social e espiritual,*" (SOUZA, 2013. p.16). Já o segundo, "*onde o ser humano está ligado a tudo que existe. Não há como negar que todas as nossas ações de descuido com o que existe no planeta Terra, não resultem no futuro, em reações sentidas pela humanidade.*" (SOUZA, 2013. p.16)

Transpiram fragmentação por todos os poros: organização (tempos, espaços) compartimentada e hierarquizada, profissionais especializados e desconectados, conhecimento fragmentado em disciplinas, unidades e lições isoladas, sem possibilidade de ver a relação entre elas, a realidade que os alunos vivem. (YUS, 2002, p.14)

A influência para a dança, pode colocar uma criança próxima de um possível encontro afetivo com essa linguagem possibilitando assim a construção de uma nova realidade a partir de um novo hábito ou habilidade apreendida. Assim como incentivar o desenho e a criação autônoma e original, sem que passe pela simples reprodução ou cópia, pode abrir novos caminhos e possibilidades para esse indivíduo.

A criatividade passa por uma espécie de amadurecimento ao longo dos anos e o processo criativo de uma criança é influenciado pelo que acontece diretamente com ela, ou ao seu redor, seja em casa, na escola, no transporte público ou privado, na vida cotidiana. Por isso, ao nos depararmos com crianças com potencial criativo elevado, podemos considerar os pais como principais disparadores desta qualidade inventiva e dessa capacidade criadora tão aguçada.

É de extrema urgência que estudiosos, assim como pessoas interessadas em atuar na área da educação principalmente na área de arte/educação como educadores ou professores, entendam a necessidade de proporcionar momentos de experiências aos estudantes. Experiência que passa pelo corpo, pelas mãos ou pelos órgãos dos sentidos, que causem uma marca e que essa marca signifique uma experiência singular. Experiência onde o interesse do

aluno seja despertado e portanto ele de fato esteja presente no processo e disponível aos acasos, sem julgá-los como erros, que é a forma como somos ensinados em sua grande maioria.

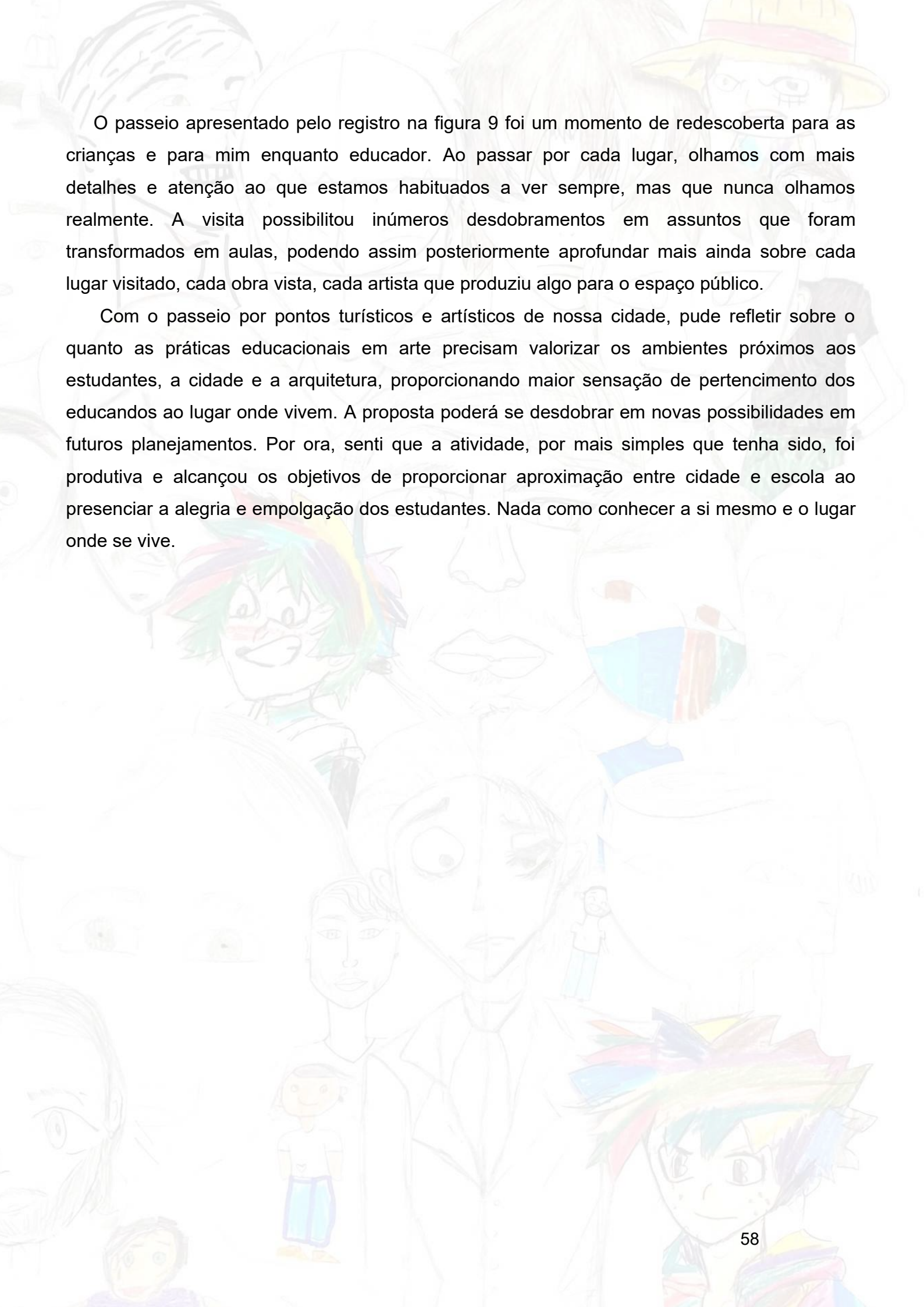
A figura 9, me proporciona uma volta no tempo, em uma tarde que planejei junto com a direção da nossa escola. Nossa localização, naquele período era em uma região central, permitia que fizéssemos um passeio a pé pelos entornos da escola, onde tínhamos praças de importância histórica como a praça do coreto ou praça da antiga prefeitura da cidade, onde foi residência do prefeito e atualmente é um museu da história da cidade.

Andamos pelo entorno da biblioteca municipal, por ruas com construções que fizeram parte das primeiras casas da cidade, igrejas construídas no surgimento da cidade, a escola Museu, a oficina cultural com o salão de dança e o espaço de exposições artísticas, praças contendo bustos de personalidades importantes na história da cidade, assim como obras de arte de artista locais expostas ao ar livre, proporcionando assim, uma visita turística pelo centro da cidade de Uberlândia.

Figura 9 - Sousa, Antônio Silva. Imagem portfólio 2015. da imagem: Grupo de estudantes da integral em passeio centro da cidade de Uberlândia em pontos e culturais. Uberlândia Fotografia: acervo



Maycon
de
Legenda
educação
pelo
históricos
2022.
pessoal.
09 -



O passeio apresentado pelo registro na figura 9 foi um momento de redescoberta para as crianças e para mim enquanto educador. Ao passar por cada lugar, olhamos com mais detalhes e atenção ao que estamos habituados a ver sempre, mas que nunca olhamos realmente. A visita possibilitou inúmeros desdobramentos em assuntos que foram transformados em aulas, podendo assim posteriormente aprofundar mais ainda sobre cada lugar visitado, cada obra vista, cada artista que produziu algo para o espaço público.

Com o passeio por pontos turísticos e artísticos de nossa cidade, pude refletir sobre o quanto as práticas educacionais em arte precisam valorizar os ambientes próximos aos estudantes, a cidade e a arquitetura, proporcionando maior sensação de pertencimento dos educandos ao lugar onde vivem. A proposta poderá se desdobrar em novas possibilidades em futuros planejamentos. Por ora, senti que a atividade, por mais simples que tenha sido, foi produtiva e alcançou os objetivos de proporcionar aproximação entre cidade e escola ao presenciar a alegria e empolgação dos estudantes. Nada como conhecer a si mesmo e o lugar onde se vive.

CAPÍTULO 2 - O PROCESSO CRIADOR

A intenção deste capítulo é dialogar com as experiências realizadas no decorrer da investigação durante os encontros feitos em sala de aula, a fim de identificar quais relações são encontradas diante de uma proposta como a que a pesquisa se propõe. Em que busca disparar processos de criação em indivíduos que se reúnem em encontros semanais, a fim de pensar e refletir sobre o universo da arte e conseqüentemente sobre nossas vidas e como uma se relaciona com a outra.

Apontaremos ainda a relação de influência que os teóricos Paulo Freire e John Dewey tiveram no decorrer do processo de criação e concepção da experiência apresentada nesta pesquisa. Usar a ideia da palavra geradora de Paulo Freire adaptada como "disparo da criatividade" no processo de criação em arte é uma maneira poderosa de conectar pedagogia e prática artística.

Através de contextos de auto reflexão e questionamentos internos, advindos da problemática de pensar um objeto de pesquisa ou investigação, a a/r/tografia surge e se mostra como ferramenta de novas possibilidades, fundamentalmente por se estruturar em diferentes direções ao mesmo tempo em que se infiltra e explora uma determinada linha de investigação, acredito que ela

..nesse sentido [...] pode ser uma metodologia de situações: situações que constantemente ensinam educadores a lidar com problemas e diferenças, mas comprometidas com a investigação estética. (SINNER et al., 2023: 94)

Utilizar o método da a/r/tografia para expor e apresentar, discussões sobre a temática da interculturalidade no ambiente escolar em aulas de artes visuais e guiada pelo interesse na valorização da competência intercultural que acontece no processo experimentado em salas de aulas, tendo como principal proposta a investigação baseada em arte (IBA), onde imagens e textos possam participar de forma intuitiva e dinâmica, é uma possibilidade recente e que demonstra como os caminhos de pesquisa no âmbito acadêmico tem se ampliado, tornando o campo das artes cada vez mais autêntico, original, dando lugar a novas criações artísticas acadêmicas.

A troca de experiências pessoais e relatos de experiência de vida entre investigador/artista/professor (representado pela abreviação IAP, no texto aqui apresentado) e estudantes do 5º ano do ensino regular da Escola Municipal Profª Carlota de Andrade Marquez, localizada na cidade de Uberlândia em Minas Gerais, culminam na produção de imagens

apresentadas pelo professor como propostas de inspiração para disparos criativos ou referência artística partindo de palavras geradoras colhidas em conversas rotineiras de sala de aula.

As obras de arte¹⁸ apresentadas aqui, foram produzidas pelos estudantes e pelo proponente da pesquisa (IAP), porém no desenrolar da investigação iremos nos referir aos trabalhos produzidos pelos estudantes e pelo professor como "processo criativo que resulta em imagem" e não por "obra de arte", por se tratar de um ambiente educacional onde o processo criativo é guiado pela experimentação do "ver", "fazer", "refletir" e "refazer quantas vezes forem necessárias", e o foco não está no seu resultado final, mas no processo, no desenrolar da criação, e não no produto ou na qualidade de obra de arte pronta.

Considero esta, uma investigação baseada em arte com característica de abordagem qualitativa, uma vez que se caracteriza e se estabelece através de conexões, encontros e pontes, apresentando e evidenciando pontos que dialogam com campo educacional e os processos criativos em arte, considerando de forma holística o ser humano na sua totalidade de indivíduo que existe e que sente sua própria existência e o campo cultural ao qual todos os envolvidos estão inseridos e mergulhados.

Os materiais reunidos no desenrolar da investigação, como desenhos, ilustrações, registros escritos, fotografias, transcrições de falas literais que surgiram durante o processo, fazem parte da discussão proposta na investigação e a alimentam com novas curvas e pensamentos que tornam o ato investigativo necessário e rico para a reflexão e evolução do homem com o mundo.

As imagens que surgem durante o caminhar da investigação que são produzidos de forma colaborativa ou coletiva como prefiro chamar, podendo ser utilizado posteriormente como material de apoio pedagógico destinado a outros profissionais das mais variadas áreas, a fim de promover discussões que investigam processos de ensino-aprendizagem, com foco em processos de criação em arte, disparadores de criatividade, leitura de imagens, investigação baseada em arte como recurso de pesquisa-ação, processo de criação a partir de disparo criativo e palavras geradoras.

18 obra de arte: "A arte é uma qualidade que permeia a experiência; não é, a não ser em sentido figurado, a experiência em si. A experiência estética é sempre mais do que estética.." (DEWEY, 2010, p.551) e seu resultado chamamos de obra de arte, considerando a arte contemporânea e todas as suas possibilidades existentes na criação artística da atualidade, não deixando de reafirmar a real potência presente na valorização intercultural dela, nas suas mais diversas formas, produções e produtos. A obra de arte passa por problematizações acerca da sua validação desde sempre, como podemos acompanhar através da história da arte, e sempre foi manipulada com intermédio e interesses políticos de cada época. Para a discussão, propomos pensar a obra de arte como um objeto físico, apresentado como resultado de uma experiência estética criativa em arte, realizada em sala de aula inicialmente, e posteriormente à escolha do estudante participante, assim como do professor proponente da pesquisa. Chamaremos de "imagem" e não de "obra de arte".

Paulo Freire desenvolveu a ideia da palavra geradora no contexto da alfabetização de adultos, utilizando palavras que têm significados profundos para os aprendizes. Essas palavras atuam como "disparadores" para a conscientização e a reflexão crítica, promovendo não apenas a aprendizagem da leitura e escrita, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico pois caracterizam-se por palavras utilizadas no dia a dia dos educandos, promovendo assim proximidade entre o que se estuda e o que se experimenta vivendo. No contexto artístico, a ideia proposta nesta pesquisa, ela, a palavra geradora é reinterpretada como um "disparo da criatividade", onde a palavra não apenas influencia no processo de alfabetização, uma vez que proporciona associação entre palavras e seus significados com o mundo a sua volta, mas também um processo criativo, levando os alunos a explorar e expressar suas ideias através da arte, influenciadas por essas palavras.

Pensando em processo criativo e disparo da criatividade, podemos dizer que o ato criativo muitas vezes começa com um estímulo, que pode ser visual, auditivo, ou, como no caso proposto pela pesquisa, textual. A palavra geradora pode atuar como esse estímulo inicial que "dispara" o processo criativo, impulsionando os alunos a criar a partir de um ponto significativo. Esse conceito pode ser alinhado com técnicas de associações livres, comuns em práticas de criações artísticas. A palavra geradora funciona como um ponto de partida que leva a associações, ideias e, pontualmente neste caso, à criação de obras de arte.

A princípio, faz-se necessário estabelecer uma relação reflexiva entre os dois teóricos escolhidos no decorrer da pesquisa para fundamentar a aplicação da ideia proposta. Paulo Freire e John Dewey são referências teóricas que compartilham uma visão progressista e centrada no aluno sobre a educação, apesar de suas origens e contextos diferentes. Importante pontuar que as leituras acerca das contribuições desses dois autores tornam-se parte fundamental, assim como referências durante o período da graduação em artes visuais e fazem parte da construção do profissional que aqui permanece em transformação.

Para fundamentar as ideias e pensamentos que constroem essa prática consolidada em pesquisa, chamo a atenção para algumas relações estabelecidas entre os dois autores que permeiam práticas profissionais assim como algumas escolhas feitas ao longo dos anos, até chegar a este momento, onde continuo as escolhendo.

Para Freire (2019), a educação é um ato político e emancipador, central para a transformação social. Ele acreditava que "a educação como prática da liberdade [...] implica o advento da conscientização, que possibilita ao homem interpretar e transformar sua realidade social" (p. 44) onde o educando não é um recipiente passivo, mas um sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Freire defendia a conscientização como um processo em que os aprendizes se tornam conscientes de sua realidade sociocultural e, por meio da reflexão crítica, são capazes de transformá-la. A alfabetização, através das palavras geradoras, é uma das formas pelas quais os indivíduos se tornam críticos e ativos em suas comunidades.

Dewey também via a educação como um meio para promover a democracia. Para ele, a escola deveria ser um reflexo da sociedade democrática ideal, onde a aprendizagem ocorre através da experiência ativa, do questionamento e da resolução de problemas. Dewey (2011) afirma que "a educação é um processo social, é desenvolvimento. A educação não é a preparação para a vida; a educação é a própria vida" (p. 14).

Dewey defendia o "aprender fazendo", onde o processo educacional é construído sobre as experiências dos alunos. Ele acreditava que a educação deveria preparar os indivíduos para participarem ativamente na vida democrática, capacitando-os a pensar criticamente e a cooperar com os outros.

Freire propunha um modelo de educação dialógica, onde o educador e o educando aprendem juntos em um processo colaborativo. O educador não é uma autoridade que impõe conhecimento, mas um facilitador que ajuda os educandos a construir seu próprio entendimento do mundo.

A palavra geradora é um exemplo desse processo, onde o educador seleciona palavras significativas para os alunos, com base em suas experiências de vida, e usa essas palavras para promover uma reflexão crítica e criativa.

Dewey também via o educador como um guia, mas enfatizava a importância de criar um ambiente de aprendizagem que promovesse a curiosidade natural dos alunos. Ele acreditava que o professor deveria estruturar experiências de aprendizagem que envolvessem os alunos em atividades significativas e socialmente relevantes. Para Dewey, a interação entre o professor e os alunos é essencial para criar um ambiente onde o pensamento crítico e a colaboração floresçam.

A visão de Freire sobre a educação é intrinsecamente ligada à ideia de transformação social. Ele acreditava que a educação deveria capacitar os oprimidos a reconhecer e desafiar as estruturas de poder que os marginalizam, promovendo uma mudança social significativa. A conscientização, facilitada pela palavra geradora, é o primeiro passo nesse processo de transformação, onde os indivíduos começam a entender as forças sociais que moldam suas vidas e como podem agir para mudá-las.

Embora menos radical que Freire, Dewey também acreditava que a educação tinha um papel crucial na transformação social, especialmente no contexto de uma sociedade

democrática. Ele via a escola como um microcosmo da sociedade, onde os alunos aprendiam a viver e trabalhar juntos, desenvolvendo as habilidades necessárias para serem cidadãos ativos e responsáveis.

Para Dewey, a educação não apenas prepara os indivíduos para a vida em sociedade, mas também é um processo contínuo de adaptação e crescimento que reflete e molda as mudanças sociais.

Ambos Freire e Dewey acreditavam no poder transformador da educação e no papel central do aluno no processo educacional. Eles compartilhavam a crença de que a educação deve ser relevante para a vida dos alunos e que deve capacitá-los a pensar criticamente e a agir de forma autônoma.

Mesmo com pensamentos que em vários momentos se assemelham nas intenções entre os dois autores, ainda assim são encontradas divergências. Freire focava mais na educação como um meio de luta contra a opressão, enquanto Dewey via a educação como um processo de construção contínua de uma sociedade democrática. Freire é mais explícito em seu ativismo político e na ideia de que a educação deve desafiar diretamente as estruturas de poder, enquanto Dewey se concentra mais na criação de um ambiente educacional que promova a participação democrática.

Portanto, com todas as ideias e pensamentos apresentados a partir das referências e dos autores selecionados, partiremos para a apresentação da proposta realizada com os estudantes participantes da pesquisa. O material apresentado ou o processo é chamado de palavra geradora como disparo de processo de criação em arte e se dá em algumas etapas que para melhor entendimento do processo estão listadas a seguir:

- a) Inicialmente em uma conversa rotineira de sala de aula, abordando assuntos relacionados às experiências de estudantes e professor é escolhida uma palavra.
- b) Denominada por palavra geradora¹⁹, ela é a que aparece com mais frequência nas conversas.
- c) O professor posteriormente, em casa, no ateliê particular, utiliza a palavra geradora como disparador criativo, para a produção de uma imagem ou "processo criativo que

19 palavras geradoras: "o processo proposto por Paulo Freire inicia-se pelo levantamento do universo vocabular dos alunos. Através de conversas informais, o educador observa os vocábulos mais usados pelos alunos e a comunidade, e assim seleciona as palavras que servirão de base para as lições. A quantidade de palavras geradoras pode variar entre 18 a 23 palavras, aproximadamente. Depois de composto o universo das palavras geradoras, apresenta-se elas em cartazes com imagens. Então, nos círculos de cultura inicia-se uma discussão para dignificá-las na realidade daquela turma." Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php?title=C%C3%ADrculo_de_cultura&action=edit&redlink=1>

resulta em imagem" e que seja capaz de dialogar e proporcionar discussões posteriores naquele determinado grupo.

- d) Ao retornar a sala, o professor apresenta aos estudantes o objeto ou a imagem criada, geralmente apresentado em uma moldura, como a que vemos nas galerias e espaços expositivos, reforçando a ideia de obra de arte formal.
- e) Na sequência, com auxílio de tv conectada a internet, iniciamos uma busca por imagens de obras de arte e de artistas que dialogam e que interagem com a palavra geradora a fim de acrescentarmos novas referências artísticas a ela. Disponibilizamos também alguns papéis sulfite A4 com os materiais que fizeram parte da construção da obra realizada pelo professor, entre outros materiais geralmente de uso cotidiano escolar (canetinhas, lápis de cor, canetas, régua, colas, papéis coloridos, marcadores de texto, entre outros), a fim de estimular e possibilitar que os alunos tenham a experiência de uma produção criativa com diversidade de materiais. O professor espera que a produção do aluno seja capaz de dialogar com a palavra geradora escolhida pela turma em sala de aula, com a imagem criada pelo professor, assim como também as demais obras de referência pesquisadas na internet.
- f) A única regra é que não sejam produzidas cópias ou réplicas das imagens apresentadas como referências da palavra geradora.
- g) A próxima etapa é feita por convite, onde o professor disponibiliza papéis e materiais diversos, sugerindo que os estudantes continuem a produção das imagens em casa a partir da palavra geradora abordada em sala de aula. Os participantes podem levar os materiais para serem utilizados na produção que será realizada fora da escola.
- h) É feita uma solicitação aos estudantes para que tudo que for produzido e que esteja relacionado às discussões sobre a temática da palavra geradora sejam entregues ao professor a fim de documentar o processo de cada aluno. Posteriormente, não é feita nenhuma cobrança para que sejam produzidos novos objetos ou imagens artísticas, apenas incentivos quando alguém entrega uma nova proposta²⁰.

Aparentemente o ato de ensinar exige o desenvolvimento de habilidades que nem todo ser humano desenvolve naturalmente, mas sim por meio de estudos, tentativas e erros, e que podem ser adquiridos ao longo do tempo com experiências próprias, e até mesmo experiências de outros indivíduos através do ato da observação. Observar o outro enquanto ele experimenta

seu processo criativo pode ser um disparador criativo para quem observa. Vejamos na prática como o processo descrito acima é aplicado nesta pesquisa a partir das imagens apresentadas a seguir.

Inicialmente, após roda de conversa em que a palavra geradora foi selecionada pelo grupo, é apresentada a produção da imagem feita pelo professor como visto nas figuras 10 (a, b, c e d), assim como os materiais utilizados em sua confecção. A proposta é apresentada pelo professor em um formato expositivo, no espaço da sala de aula. Com a intenção de chamar a atenção do grupo, ela é apresentada em uma moldura. Os estudantes são convidados a olhar de perto para observar melhor pequenos detalhes presentes na obra, assim como para leitura de obra coletiva.



10.a



10.b

Figura 10.a - Sousa, Maycon Antônio Silva. Articulado. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Espaço expositivo na sala de aula. Giz pastel sobre canson A3. Uberlândia 2022.

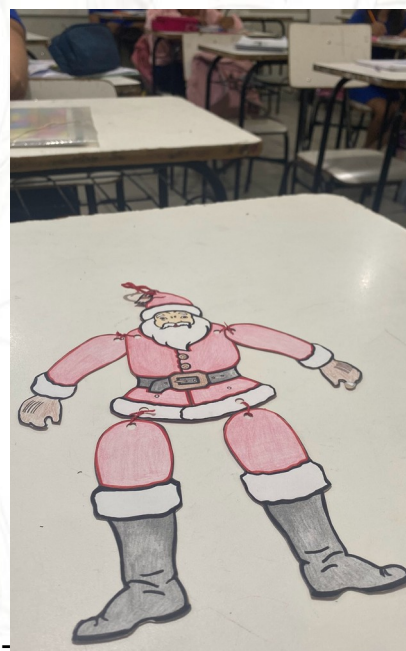
Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.b - Aula expositiva com exposição da obra *Articulado* gerada a partir da palavra geradora Articulado. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Na sequência do movimento de apreciação estética coletiva da obra apresentada, os estudantes são convidados a falar sobre o que foi visto, assim como pontuar o que sentiu ou o que mais chamou sua atenção. Algumas perguntas são feitas verbalmente para instigar a reflexão e promover o início do diálogo de apreciação, como por exemplo: *o que você percebe/enxerga/sente quando aprecia estas imagens?*



10.c-



10.d-

Figura 10.c. - Sousa, Maycon Antônio Silva. Aula expositiva com a obra Articulado gerada a partir de palavra geradora e boneco articulado. Boneco Articulado. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 10.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. **BONECO ARTICULADO**. Aproximadamente 30 cm. Desenho com lápis de cor colado em papel cartão. Obra gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Algumas das observações e falas que surgem no momento de trocas, são anotadas no quadro branco ao lado da imagem (ver imagem 10.c), como palavras geradoras secundárias à esta imagem, ou sinônimos, a fim de influenciar e incentivar o processo criativo dos estudantes (ver na imagem 10.c). Apresento ainda junto a obra gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**, outro artefato artístico construído como segunda proposta de obra de arte também gerada a partir da palavra geradora em questão, como podemos ver na imagem 10.d.

Em sequência, iniciamos uma pesquisa coletiva através de recursos tecnológicos como TV conectada a internet, uma busca por novas referências artísticas que possibilitem mais recursos aos processos criativos que já começam a disparar através das falas dos estudantes como podemos ver na imagem 15.a²¹ quando tratamos das referências de outros artistas para além da produção apresentada pelo professor.

Presumindo que o ato de ensinar e aprender é inerente à existência do ser humano, o simples fato de observar já nos coloca em posição de aprendizagem. Aprendemos com as experiências alheias e podemos nos tornar sábios sem ao menos frequentar uma escola ou instituição de ensino, como no caso dos povos originários do Brasil, onde nativos possuem

21 Ver obra Guernica (figura 15.a) de Pablo Picasso como nova referência artística para a palavra geradora **ARTICULADO**.

grandes ensinamentos e aprendizados que foram ensinados ao longo do tempo, passados de geração para geração, e que permanecem sendo multiplicados até os dias atuais.

Na figura 10.e, vemos o estudante Luis Augusto envolvido com o seu processo criativo, inspirado pelas imagens 10 (a, b, c e d) apresentadas em sala de aula, construindo sua composição com papeis coloridos, cola e lápis de cor. Sua produção sempre acontece de forma natural e logo ele se cansa do processo. Nesta ocasião aconteceu um fato inusitado onde o estudante não queria parar de colar os papeis coloridos onde continuava pedindo novas folhas A4 para novas colagens. Ao ser questionado sobre o que estava fazendo, ele respondeu que estava "*criando todas as coisas*" que conseguia.

Figura 10.e - Estudante do 5º ano Luis Augusto²² durante processo de criação a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Necessário recorte da imagem para preservar a identidade do estudante. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



10.e

A seguir, ao longo do próximo capítulo, abordaremos a ideia da palavra geradora aplicada como um "disparo da criatividade" em turmas de 5º ano do ensino fundamental na escola pesquisada da rede pública estadual.

2.1 - DESCRREVENDO PROCESSOS CRIATIVOS EM ARTE

Ao me deparar com uma pilha de amontoados de papeis ganhos de forma carinhosa, composta por vários presentes, recadinhos com desenhos, poesias e dedicatórias feitas em pequenos pedaços de papel, diariamente, por estudantes no ambiente de ensino, acende-se para o questionamento: qual a potência da presença física enquanto educador no ambiente de ensino? Além dos pré requisitos e habilidades exigidos para exercer a função de

²² Luis Augusto é estudante do 5º ano, público da educação especial com laudo de síndrome de Down.

professor/educador, fiquei preso nesta reflexão ao perceber que todos aqueles desenhos, mensagens, poemas, eram a expressão natural do fazer artístico para aquelas crianças.

Receber muitos desenhos utilizando técnicas artísticas diferentes, com predominância do desenho preto e branco, acredito que influenciados pela presença do corpo físico do professor, que enquanto existe e atua, também performa em representação da (e pela) arte no ambiente da sala de aula e que também é influenciado por estes alunos.

Este contexto dá lugar ao disparador da imaginação e da criatividade coletiva que percebo serem naturais nas crianças, partindo inicialmente como um instinto, como quando sentimos a necessidade de algo ou alguma coisa e buscamos então realizá-la, satisfazê-la, (como estar com fome e comer por exemplo). Quem o vê; (o professor) é o corpo que caminha e troca pela sala de aula, e até mesmo pelo espaço da escola, observa e recebe determinada atenção e é tomado pela necessidade involuntária de produzir arte.

A prática de criação em arte, exerce e reforça parte de um compromisso, que se realiza de forma invisível aos olhos simplesmente pelo fato de existir ali naquele local. A prática criativa potencializa o contrato com o papel do professor, onde o compromisso é educar pela igualdade, pelo direito, e pela existência crítica e livre do indivíduo, com condições sociais, emocionais, culturais, afetivas e humanas para viver com dignidade e se expressar através da arte.

A presença e a influência do professor são aspectos fundamentais tanto para John Dewey quanto para Paulo Freire, embora cada um aborda de maneira a refletir suas visões distintas sobre educação. Dewey (2010) cita que "a arte é uma qualidade de fazer e de agir; ela permeia a vida cotidiana quando as atividades corriqueiras são realizadas com cuidado, atenção e envolvimento" (p. 34), o que enfatiza a importância da presença ativa do professor em administrar e facilitar a experiência educacional. Já Freire (2019) reforça a ideia de que "o professor deve trabalhar junto com os alunos em um processo de co-criação de conhecimento" (p. 44), apontando a relevância de uma abordagem pautada no diálogo durante a prática pedagógica.

Ambos veem a influência do professor não como um exercício de poder, mas como um processo de envolvimento e construção de relações. Dewey vê isso através da facilitação de experiências significativas, enquanto Freire foca na construção de um diálogo que desafie as estruturas opressoras.

A possibilidade de perceber a potência da presença do educador no espaço da sala de aula e da escola só se torna real a partir do momento em que percebo a quantidade de imagens

recebidas²³, assim como de abraços e de cumprimentos ao longo do percurso pela escola. Estas reflexões possibilitam acessar os estudantes, como uma ponte que liga um lugar ao outro, transformando essa situação inusitada e inesperada em algo que possivelmente possa ser utilizado como ferramenta de alcance e de disparo criativo, uma vez que por si só acontece naturalmente. Frente a isso, acreditamos que na potência da presença do professor também esteja uma possível ferramenta de disparo de criação, ou disparador de criatividade.

Frente a esta realidade acrescento no planejamento de aulas a proposta de trabalhar com imagens produzidas por estudantes, criadas em contexto que não seja o de aulas (como por exemplo, atividades solicitadas pelo professor), o que se torna então, uma linha de produção de imagens e de processos criativos extra atividade escolar, chamado de *palavras geradoras de processo de criação em arte*.

Essas imagens passam a fazer parte de um banco de imagens particulares do professor, inicialmente guardadas em uma pasta, e posteriormente utilizadas em aulas futuras, a fim de ilustrar e dar potência para o que for apresentado enquanto proposta pedagógica criativa. Algumas delas inclusive tornam-se referência artística ao serem apresentadas junto com imagens e referências de obras de arte, a fim de dar referências aos trabalhos dos estudantes, dando visibilidade e atribuindo representatividade de valor artístico estético.

Desta maneira, apresento aos estudantes a ideia de trabalharmos a partir de palavras que chamaremos de "disparos criativos"; as palavras geradoras. Inicialmente, explico que serei desafiado a trazer uma nova obra de arte para cada palavra de "disparo criativo" que selecionamos juntos. Surge então, durante um momento de seleção de palavras geradoras, a palavra **EU** que ao meu ver, se torna extremamente significativa por representar o ser humano em sua essência e existência, dando lugar de protagonismo ao próprio ser, com tudo aquilo que há de mais importante na existência do homem, a vida.

A imagem apresentada na figura 11.a, torna-se um interessante recurso e exemplo de obra de arte interativa que surge de uma proposta criada a partir da palavra geradora **EU**, que consiste em uma série de desenhos do rosto e corpo do professor feitos pelos estudantes participantes da pesquisa. Essas imagens fazem parte de um banco de imagens que foram

23 Ver apêndice A, p.117: Tabela para análise dos dados coletados sobre as produções dos estudantes:

ganhas ao longo do período da pesquisa, onde os alunos por intenções próprias, acredito que para mostrar a qualidade de seus desenhos, desenhavam e me davam.



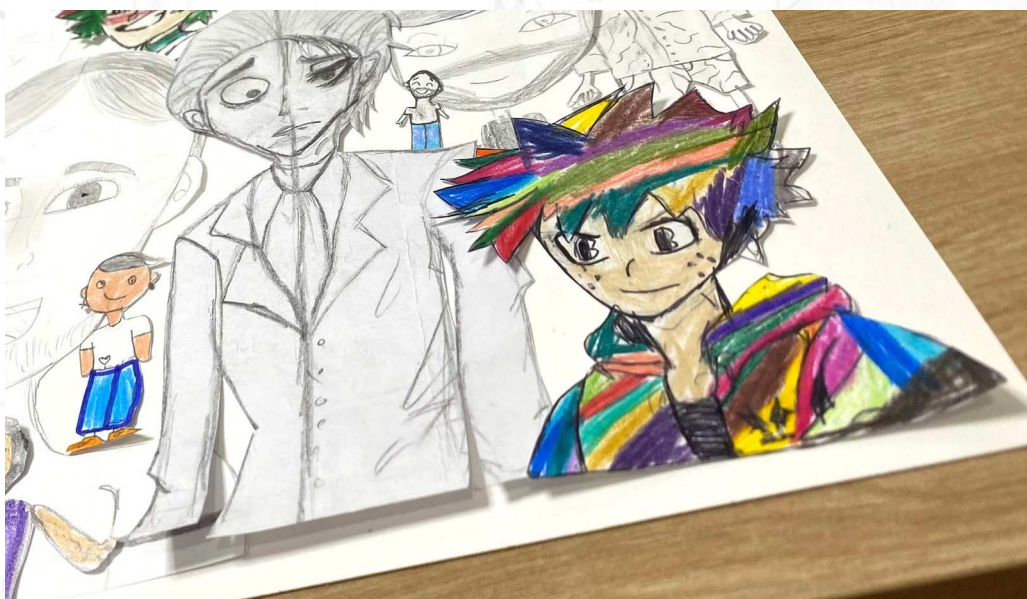
11.a.

Figura 11.a - Sousa, Maycon Antônio Silva. Eus. Composição com colagem de desenhos de lápis de cor e canetas, feitos por alunos. 42 x 30 cm. Imagem produzida a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A obra ou imagem gerada a partir de palavra geradora em processo criativo, apresenta a técnica de recorte com colagem de desenhos feitos a lápis em papéis diversos, criando a possibilidade de manipulação do observador a partir do convite feito pelo professor. Através do toque, o participante pode alterar o lugar das imagens e suas posições, modificando algumas partes dos desenhos, como por exemplo a cabeça, os braços e pernas, quando existem estes membros nos desenhos.

Os desenhos são colados de forma bastante criteriosa e planejada, com apenas uma gota de cola em alguma parte que cause sustentação entre imagem e fundo/suporte, geralmente no

centro da imagem. Ao modificar as colagens como visto na imagem 11.b. de acordo com sua vontade, é possível brincar com a obra, causando sobreposições entre todas elas, proporcionando a sensação de movimento, leveza, dinamismo e interatividade constante.



11.b.

Figura 11.b - Sousa, Maycon Antônio Silva. Eus. Foco da imagem 11.a. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Neste processo criativo, pude enfatizar particularmente o incentivo no desenvolvimento das habilidades de percepção visual, assim como noção de composição e organização espacial das imagens, adquirindo assim um olhar observador estético mais aguçado e criterioso. A imagem ao ser levada para a sala, compõe um jogo de quebra-cabeças onde cada estudante teve a possibilidade de escolher o melhor jeito ou a melhor forma de organizar, como por exemplo o que deve ou não ficar em evidência. A proposta dessa colagem possibilita uma variedade de opções com relação a posição e destaque de cada personagem que a compõe. O interessante é a diversidade de opções das imagens base, como no caso do exemplo acima, a imagem base, ou imagem referência para a colagem foi composta pelo meu rosto.

Ao apresentar o trabalho aos estudantes percebo imediatamente a curiosidade e a surpresa com os próprios desenhos feitos por eles colados ali, como que se algo dessa dimensão os colocasse em papel de importância diante das potências que a arte pode alcançar. Pude guardar aquele momento com carinho e afeto, pois foi o que essa imagem possibilitou despertar na grande maioria do grupo que se reconheceu nela.

A partir deste momento, a missão de cada estudante presente seria desenhar o máximo de colegas possíveis, para que cada um concluísse a sua própria obra, com imagens feitas a partir dos olhos dos colegas. A ideia inicialmente executada por eles, usando como base a

minha imagem, agora seria disseminada para trabalharmos em cima deste processo criativo guiados pela palavra geradora, **EU.**

Os primeiros desenhos foram surgindo com quem tinham mais proximidade e aos poucos todos passaram a desenhar a sala toda. A proposta passou a ser vista como uma ferramenta de socialização entre aqueles que não tinham muita proximidade ou vínculo, pois ganhar um desenho seu feito por outra pessoa torna tudo mais especial.

A atividade realizada em ambiente de sala de aula teve a duração de aproximadamente 3 semanas, totalizando 6 aulas (duas por semana), até atingir o resultado apresentado nas imagens das figuras 12.a, 12.b, 12.c, e 12.d. Apresento essas 4 imagens selecionadas para nossa reflexão acerca do processo realizado, a fim de destacar alguns comentários feitos pelos autores e anotados em diário de bordo do professor:

Benjamim diz: *"Para mim, este trabalho representa um pouco do que as pessoas sentem por mim. Um carinho, uma amizade, um garoto que sempre está sorrindo, porque muitos me desenharam sorrindo, e eu gostei de ver que eles me veem assim."*

Mirella diz: *"Eu agora percebo que sempre estou inovando nos penteados pois fizeram muitos penteados diferentes, apesar de na maioria dos desenhos ser séria, eu gosto de dar risadas. É muito importante a gente se ver não apenas pelo espelho, mas pelos olhos das outras pessoas. Tem muita gente que não se vê mesmo enxergando o reflexo."*

Jhon diz: *"Eu gosto de usar blusa com capuz porque sou tímido, e as pessoas perceberam isso pois me desenharam muito com capuz. Eu acho que eles gostam de mim pois ganhei muitos desenhos."*

Rafaela diz: *"Ganhei tantos desenhos que nem couberam todos na minha folha. Senti que as pessoas precisam se desenhar mais, se olhar mais. Isso deixa tudo mais legal. Eu até fiz amizade com quem nunca falava comigo na sala de aula. A arte serve para ajudar as pessoas realmente."*



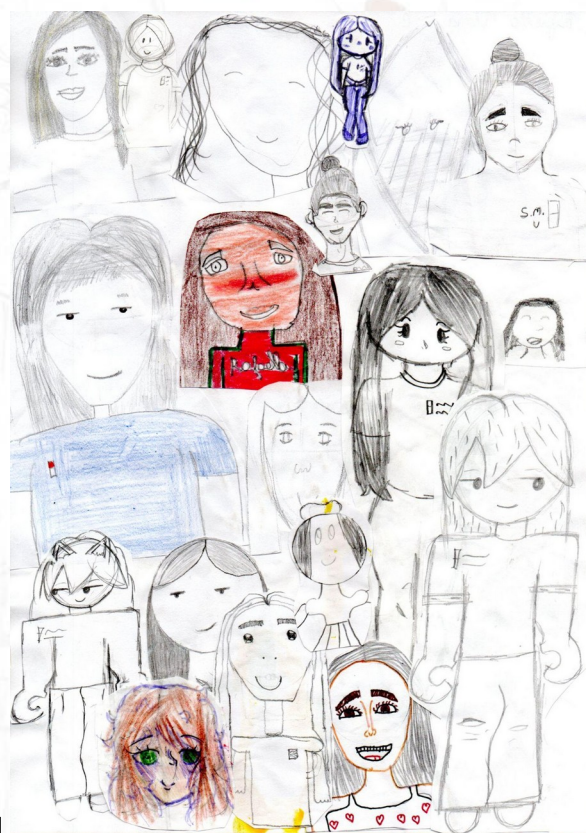
12.a.



12.b.



12.c.



12.d.

Figura 12.a. Benjamim, 12.b. Mirella, 12.c. Jhon, 12.d. Rafaela. Eus. Colagem de desenhos de lápis de cor e caneta feito por alunos em canson. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

2.2. REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Nesta experiência de investigação baseada em arte, surgem propostas que envolvem processos de criação em artes que dialogam com os saberes e os desejos absorvidos no processo de experiência adquirida ao longo da vida dos estudantes participantes da ação descrita a seguir.

Inicialmente, guiado pelo desejo de mergulhar em um universo totalmente artístico, possibilitando o encantamento e a aproximação desses estudantes para um diálogo com a arte e surge a necessidade de colocá-los diante de obras ou imagens consideradas "reais" por eles e não mais apenas as imagens e ilustrações contidas nos livros didáticos e projeções feitas em aulas expositivas.

Um fato importante para destacarmos neste ponto é a ausência de investimentos por parte dos órgãos públicos em ações que promovam, incentivem e possibilitem as escolas de educação básica a levar esses estudantes a visitas em exposições locais e regionais, museus públicos e privados, parques temáticos, teatros, cinemas, recitais, rompendo assim barreiras entre o que se aprende e o que se vive no mundo. É de extrema urgência que nossos estudantes ultrapassem os livros didáticos para que possam experimentar o mundo em que vivemos para além dos muros das escolas.

Dentre algumas das questões levantadas e responsáveis por promover um distanciamento das crianças com a arte e a experiência estética que ela promove ao ser humano, além desta principal citada acima, que chama a responsabilidade para os responsáveis pela implementação da educação básica e pública de qualidade que se oferece hoje em nosso país, estado e município, impossibilitando uma comunicação entre estudantes e arte, podemos destacar algumas.

São elas: as condições de vida e de existência desses estudantes relacionadas ao nível social em que se encontram, falta de oportunidades de ir a uma galeria de arte ou museu, ausência de incentivo e de oportunidades de ir ao cinema assistir um filme ou ao teatro para assistir uma peça ou apresentação de dança, ausência de interesse pela arte por parte dos familiares, amigos e meio em que vivem (uma vez considerando que também não foram incentivados por seus pares enquanto crianças, acabaram por reproduzir esse desinteresse para as gerações futuras, como em um ciclo ininterrupto), falta de informação e de acesso a lugares que promovam e incentivem essa aproximação, entre outras questões sociais,

partimos então para uma experimentação desafiadora que coloca em evidência o processo de criação de um professor artista que até então estava adormecido com relação ao próprio processo criativo em arte.

Sim, um professor que deseja promover e incentivar o interesse pelo mundo do fazer artístico nas suas mais variadas linguagens e formas de existência não pode simplesmente ter parado de produzir. Diante da realidade exposta nesta investigação, evidenciaram-se algumas questões pertinentes e que resultaram no processo investigativo aqui apresentado. São elas: a) Como promover e incentivar processos criativos em arte para crianças? b) É eficiente falar/ensinar arte enquanto educador e não produzir arte? c) Quais referências podem influenciar estudantes de arte em seus processos de criação artística? d) Quando a experiência estética artística se torna transformadora para crianças em idade escolar?

Posto tais questionamentos, iniciou-se uma busca por despertar o interesse e incentivar processos criativos em arte durante os encontros semanais por parte de um educador para com seus estudantes. Inicialmente, partindo de conversas pertinentes ao convívio social e realidade desses estudantes, algumas palavras começaram a se destacar e a partir de anotações feitas de forma subjetiva e despretensiosa pelo professor, nasceu uma primeira série de trabalhos artísticos influenciada pelo Método Paulo Freire, que consiste em uma proposta de alfabetização para crianças, jovens e adultos, utilizando palavras geradoras, ou também palavras que aproximam o estudante do conhecimento apresentado. A primeira palavra é dita em contexto coletivo em que um estudante diz que a mãe é desequilibrada, pois sempre está brigando e gritando com ele e todos a sua volta, outro estudante comentou que precisamos buscar estar em paz para que o **EQUILÍBRIO** possa então existir em nosso ser, outros fazem observações em torno da mesma palavra e então, algumas semanas depois, a partir dela, nasce uma série composta por 8 obras abordando a técnica de recorte e colagem de papéis coloridos muito utilizada em nossas aulas de artes, denominada **EQUILÍBRIO** conforme vistos nas imagens representadas pelas figuras de número 13²⁴.

Foi prazeroso produzir esse material que considero um interessante apoio pedagógico por ter nascido em condições e contexto educacional, ou melhor, em contexto de sala de aula, partindo de conversas sobre o convívio familiar e ilustrados por histórias que posteriormente começaram a ser representadas em suas próprias criações, como podemos ver no processo criativo apresentado a seguir onde apresentamos as palavras geradoras, as imagens produzidas pelo propositor da pesquisa (artista, professor, pesquisador), referências artísticas

24 Série composta por 08 imagens (figuras de número 13.a à 13.h) criadas a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**.

e imagens das produções dos participantes assim como as leituras de algumas dessas imagens.



13.a



13.b



13.c



13.d

Figuras 13.a até 13.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. Equilíbrio. Série com 04 imagens. 42 x 30 cm. Colagem e recorte de papel colorido em canson A3. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**.
Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



13.e



13.f



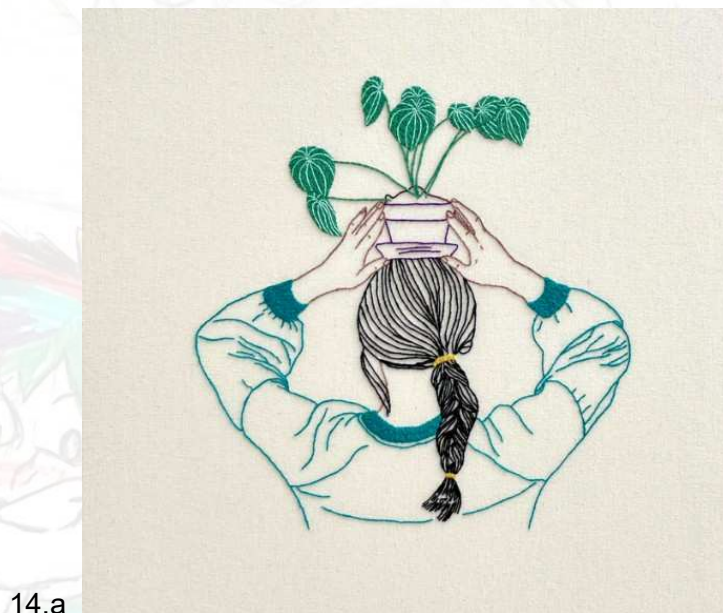
13.g



13.h

Figuras 13.e até 13.h - Sousa, Maycon Antônio Silva. Equilíbrio. Série com 04 imagens. 42 x 30 cm. Colagem e recorte de papel colorido em canson A3. Imagens produzidas a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**.
Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Para além das imagens apresentadas pelo professor como suas produções, os estudantes durante as aulas, em pesquisas feitas coletivamente na internet conectadas a TV, buscaram por referenciais artísticos que abordassem ou representassem referências para a palavra geradora em questão. No caso da palavra geradora EQUILÍBRIO, encontramos algumas das seguintes imagens para abarcar os processos criativos que foram surgindo no desenrolar da atividade:



14.a

Figura 14.a - SILVA²⁵, Andréia da. Equilíbrio. Bordado livre. 45 x 45cm. 2023. Disponível para venda online.



14.b

²⁵ Andréia da Silva é uma artista amazonense, nascida no Careiro, com formação em Artes Visuais e Ciências Biológicas. Seu envolvimento com o bordado, que começou na adolescência, evoluiu para uma experimentação do bordado livre, criativo e poético. Em 2019, Andréia deu vida a imagens de mulheres através de suas agulhas, compartilhando seu trabalho em feiras criativas locais. Hoje, ela nos surpreende ao escrever em secas, dando significado ao seu caminhar em espaços verdes em torno da cidade de Manaus, Construindo trilhas de folhas, palavras e reflexões. Andréia é uma artista que desafia fronteiras e preconceitos, fundando de forma fascinante ciência e arte, poesia e natureza. Fonte: <https://www.manartgaleria.com/products/arte-equilibrio> (Texto de HADNA ABREU, 2023 - EXPOSIÇÃO MULHER-FOLHA)

Figura 14.b - MATISSE²⁶, Henri. A Dança. Óleo sobre tela. 260 × 389 cm. 1909 - 1910. Museu Hermitage, São Petersburgo, na Rússia.

As Imagens pesquisadas nesta etapa, fazem parte de uma busca feita através da palavra geradora seguida de do termo: obra de arte ou obra artística. Com base no interesse dos estudantes, abrimos algumas imagens e comentamos sobre elas, assim como uma breve leitura de imagem, possíveis técnicas que foram utilizadas, como achamos que o artista produziu e em algumas situações as pesquisas se tornam mais profundas, como por exemplo, vida e obra passam a ser abordados ao longo dos próximos encontros. As imagens vão somando ideias ao banco de dados dos estudantes, que em muitos outros momentos voltam a mencioná-las. Como é o caso da famosa pintura de Pablo Picasso, Guernica, representada pela figura 15.a.

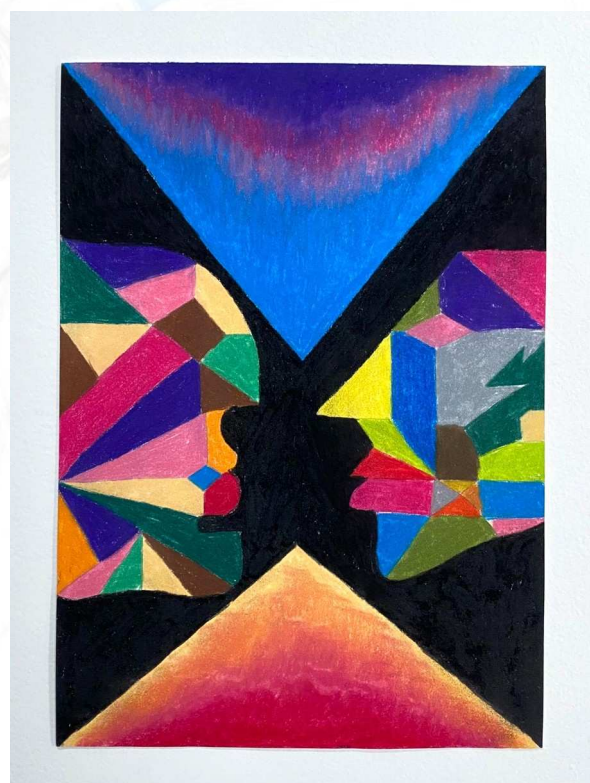
15.a



Figura 15 - PICASSO²⁷, Pablo. Guernica. Óleo sobre tela. 349,3 cm x 776,6 cm. 1937. Museu Reina Sofia em Madri.

A obra Guernica de Picasso surge em pesquisas feitas na internet a partir da palavra geradora **ARTICULADO**, que inicialmente nasce em contexto de sala de aula e posteriormente é representada pela figura 15.b realizada pelo professor.

Figura 15.b - Sousa, Maycon Antônio Silva. Obra: Articulado. Gerada a partir da palavra geradora. Desenho com giz pastel em canson A3. Fotografia: acervo pessoal.



26 Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/La_Danse_\(Matisse\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/La_Danse_(Matisse))

27 Fonte: <https://www.infoescola.com/pintura/guernica/>

Dentre alguns dos comentários feitos enquanto pesquisamos coletivamente na internet, foi com relação a semelhança entre os traços representados pelas duas figuras, como por exemplo as cabeças das imagens da figura 15.b. com a grande cabeça que aparece no painel Guernica.

Apontaram ainda a impressão de seriedade que é retratada nas duas imagens após descobrirem durante a pesquisa em rede, que a figura 15.a foi pintada devido aos horrores cometidos pelo bombardeio à cidade basca de Guernica em 26 de Abril de 1937. A obra é pintada em contexto da guerra civil espanhola e Picasso, ao pintar a tela depositou todo seu pesar e angústia pelo ocorrido.

A relação feita entre as duas obras, pelos estudantes, apontou ainda que na figura 15.b os dois personagens estão demasiadamente sérios, e mesmo em meio a tantas cores, ainda é visível a seriedade e o silêncio entre eles, *"é como se eles estivessem lá em Guernica na hora dos bombardeios, da pra sentir a dor dos dois."* (comentário de um dos estudantes anotado em diário de bordo do professor).

É interessante pensar nas produções que nascem da palavra geradora **MÁSCARA**, que surge em contexto de conversas sobre colegas e pessoas que são falsas umas com as outras. Lembro que estávamos voltando do intervalo e uma discussão entre estudantes tomou a minha atenção, quando um dos garotos chamou o outro de falso.

Chamei a turma para uma conversa e logo todos estavam dando opiniões e palpites sobre o que é ser falso. Bastou este simples acontecimento rotineiro de escola e sala de aula para encontrarmos nossa próxima palavra geradora.

Representada pelas figuras 16.a, 16.b, 16.c, e 16.d, desenvolvidas pelo professor, aproveitando a oportunidade de mostrar processos de criação, decido apresentar etapas do meu processo particular através de uma série de 4 imagens, que representam os passos desde a criação até a finalização de um trabalho com lápis de cor e caneta, para que de alguma forma os inspirem e os encorajem a também experimentar.

Devido ao fato de que a referência artística de obra de arte surgiu antes mesmo de dar início à pesquisa coletiva na internet, o que chamou minha atenção, uma vez que ao comentarmos a respeito das imagens apresentadas na produção do professor, uma estudante comentou que a obra de arte que já havíamos trabalhado antes seria um excelente exemplo para falar sobre máscaras. Para minha surpresa e também dos demais presentes, ela cita a obra O Grito de Edvard Munch. Imediatamente outros estudantes concordam e pedem para vermos juntos a obra.

Alguns disseram que se colocar flores e borboletas na cabeça do personagem da obra O Grito, ficariam bem semelhantes. E por aí vemos nascer as propostas de processos criativos que posteriormente são consolidados de várias formas diferentes.



16.a



16.b



16.c



16.d

Figuras 16.a, 16.b, 16.c e 16.d - Sousa, Maycon Antônio Silva. Série: Máscara. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **MÁSCARA**. Desenho com lápis de cor e caneta em canson A3. Fotografia: acervo pessoal.

Ao observarmos a obra da figura 16.e, alguns comentários apontam, solidão, melancolia, medo, angústia ao olhar por um certo tempo para a imagem. O que vai em desacordo com as imagens apresentadas pela produção do professor de acordo com eles.

"As imagens do professor transmitem alegria, leveza, cores fortes, natureza, mesmo com os personagens sem olho eu consigo sentir isso ao olhar para elas." (comentário de uma das estudantes anotado em diário de bordo do professor).



Figura 16.e - MUNCH²⁸, Edvard. O grito. Óleo sobre tela. 1893. 91 x 73,5 cm. Galeria Nacional de Oslo, na Noruega.

16.e

Dentre as várias imagens de obras famosas e de autores anônimos fizeram parte dos processos de pesquisa para subsidiar as criações dos estudantes. Algumas dessas imagens se perderam em meio a tantas outras que vasculhamos em uma busca incessante por referências que nos dessem ideias acerca dessas palavras que permearam nossos encontros.

Aqui apresentamos alguns recortes que se tornaram significativos aos meus olhos pois geraram repercussões que não havia previsto ou sequer pensado quando a proposta surgiu.

28 Fonte: <https://www.todamateria.com.br/o-grito/>

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE PROCESSOS CRIATIVOS

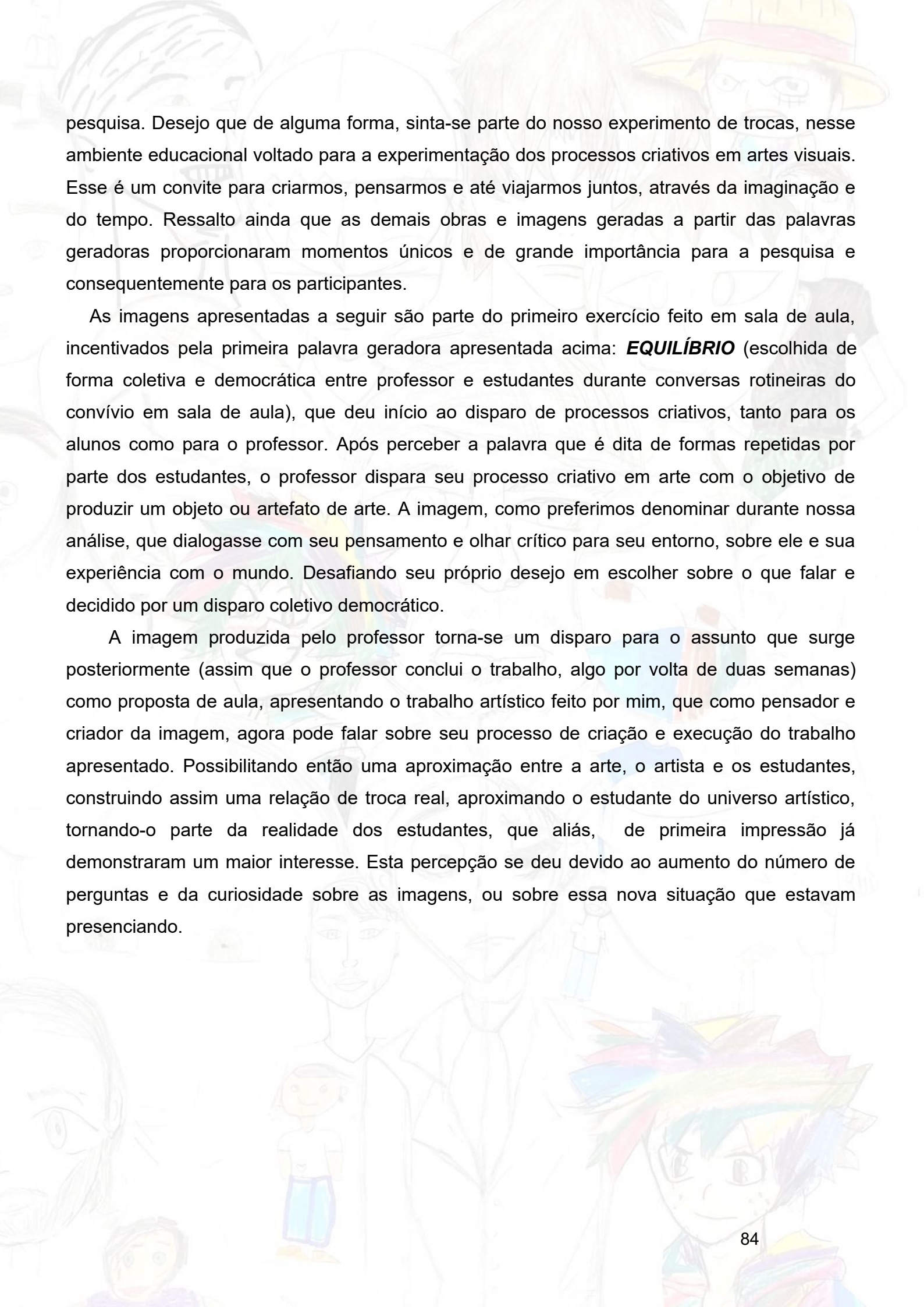
Para a análise das imagens, proponho a utilização do método de leitura de imagens de Ana Mae Barbosa, uma vez que "ler" é diferente de "apreciar" e por esse motivo, proponho leituras de imagens em uma análise reflexiva sobre o processo aqui apresentado. Sabemos que o termo apreciar como foi denominado ou melhor, deformado pelo conservadorismo presente na apropriação que atrapalhou a recepção da abordagem triangular para a arte/educação como um todo, causando um retrocesso nos avanços teórico científicos, impedindo que a abordagem triangular se fortalecesse nas práticas de professores, que acabaram tendo que obedecer as normas que eram determinadas pelo Ministério da Educação através dos PCNS.

Como parte do trabalho, considero importante para que haja uma leitura e contextualização das imagens apresentadas, sendo assim, foi necessário acrescentar comentários do(a) autor(a), que pude observar e presenciar durante a etapa do 'fazer' acompanhado em sala de aula.

"Escolhi usar a expressão 'leitura' da obra de arte na Abordagem Triangular em lugar de 'apreciação' por temer que o termo apreciação fosse interpretado como um mero deslumbramento que vai do arrepio ao suspiro romântico. A palavra leitura sugere uma interpretação para a qual colaboram uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificável e a poética pessoal do decodificador." (BARBOSA, 2012, p 32)

Através da leitura de imagens nos tornamos capazes de compreender melhor o lugar em que vivemos e o mundo que está ao alcance dos nossos olhos, podendo assim, observar apreciando, ou melhor, lendo o mundo, com a capacidade de criticidade, uma vez que não existe apenas uma maneira de ver, e quando vemos mais de uma vez podemos ver novas coisas que antes não pudemos, ou não conseguimos, ou simplesmente não houve sensibilidade crítica ao observar uma imagem, ou um objeto. Ao ler uma imagem, aguçamos nossa percepção visual, adquirimos sensibilidade e entendimento sobre coisas que antes não prendiam nossa atenção. O ato ou ação de leitura de imagem colabora no desenvolvimento de muitas habilidades de qualquer ser humano. É necessário olhar mais de uma vez para ver com um novo olhar.

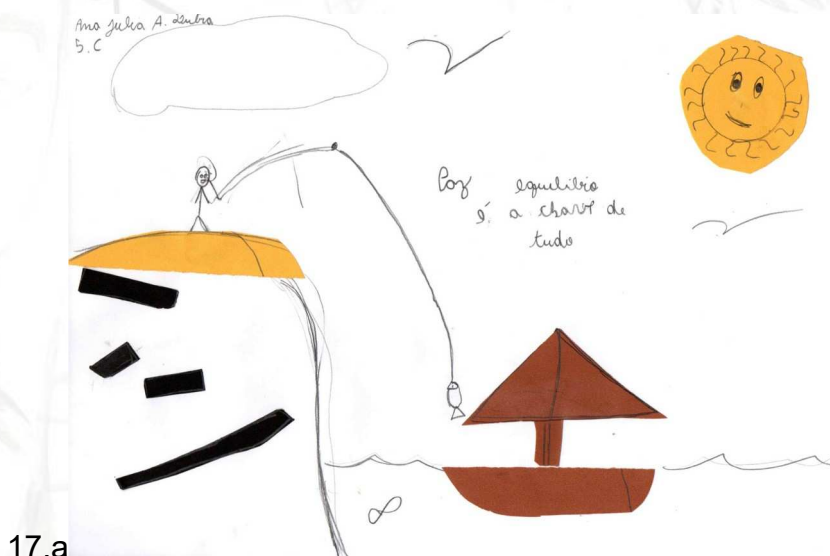
Inicialmente, para a discussão que se inicia a seguir, apresento um recorte da primeira experiência realizada a partir da palavra geradora **"EQUILÍBRIO"**, a fim de explorar sua aplicação como um exemplo ao leitor, de como os trabalhos seguiram no desenrolar da



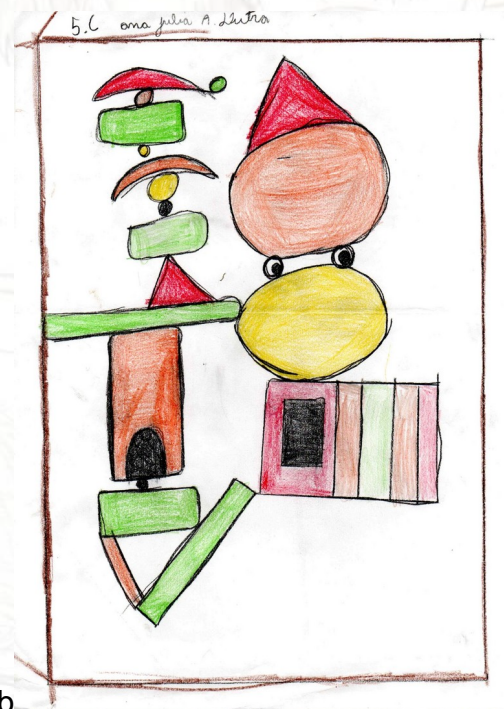
pesquisa. Desejo que de alguma forma, sinta-se parte do nosso experimento de trocas, nesse ambiente educacional voltado para a experimentação dos processos criativos em artes visuais. Esse é um convite para criarmos, pensarmos e até viajarmos juntos, através da imaginação e do tempo. Ressalto ainda que as demais obras e imagens geradas a partir das palavras geradoras proporcionaram momentos únicos e de grande importância para a pesquisa e consequentemente para os participantes.

As imagens apresentadas a seguir são parte do primeiro exercício feito em sala de aula, incentivados pela primeira palavra geradora apresentada acima: **EQUILÍBRIO** (escolhida de forma coletiva e democrática entre professor e estudantes durante conversas rotineiras do convívio em sala de aula), que deu início ao disparo de processos criativos, tanto para os alunos como para o professor. Após perceber a palavra que é dita de formas repetidas por parte dos estudantes, o professor dispara seu processo criativo em arte com o objetivo de produzir um objeto ou artefato de arte. A imagem, como preferimos denominar durante nossa análise, que dialogasse com seu pensamento e olhar crítico para seu entorno, sobre ele e sua experiência com o mundo. Desafiando seu próprio desejo em escolher sobre o que falar e decidido por um disparo coletivo democrático.

A imagem produzida pelo professor torna-se um disparo para o assunto que surge posteriormente (assim que o professor conclui o trabalho, algo por volta de duas semanas) como proposta de aula, apresentando o trabalho artístico feito por mim, que como pensador e criador da imagem, agora pode falar sobre seu processo de criação e execução do trabalho apresentado. Possibilitando então uma aproximação entre a arte, o artista e os estudantes, construindo assim uma relação de troca real, aproximando o estudante do universo artístico, tornando-o parte da realidade dos estudantes, que aliás, de primeira impressão já demonstraram um maior interesse. Esta percepção se deu devido ao aumento do número de perguntas e da curiosidade sobre as imagens, ou sobre essa nova situação que estavam presenciando.



17.a



17.b

Figura 17.a e 17.b - Dutra, Ana Júlia. Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 17.a foi feita como primeira proposta e imagem 17.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Observando a imagem 17.a, a estudante opta por uma criação usando mais de um elemento visual para sua construção, faz uso da técnica de colagem com papel colorido e da técnica do desenho com grafite, criando a composição de uma cena representando uma natureza integrada com a vida humana, onde um pescador do alto de uma montanha se *equilibra* para puxar um peixe do fundo do mar em um dia ensolarado. Ela transmite uma mensagem utilizando códigos e signos, através da escrita formal, originalmente com erros ortográficos, que é a realidade de muitos estudantes nesta faixa etária, por ter vivenciado a pandemia de COVID-19 ocorrida entre 2019 e 2022. Período que atrasou e trouxe situações diversas, dificultando que as crianças dessem continuidade aos seu processo de alfabetização ou sua consolidação, assim como atrasos na sequência dos planejamentos de ensino e consequentemente no desenvolvimento educacional delas.

Atualmente, temos uma quantidade de crianças em todos os níveis básicos de ensino, desde o fundamental 1 e 2, até o ensino médio, que por motivos distintos não puderam se dedicar aos estudos e acompanhar as aulas online que foram oferecidas pelos órgãos responsáveis. Compreendo não terem sido totalmente eficientes assim como previsto na proposta inicial que era de continuar oferecendo educação de qualidade para todos, uma vez que todos é um termo extremamente abrangente e neste caso nada inclusivo, por muitas

questões que não considero pertinentes a esta discussão. Trago esta observação sobre a realidade de nossos estudantes, apresentando a realidade de uma escola de educação básica municipal, que por mais esforços que tenham sido feitos para que todos pudessem participar e dar continuidade no processo de aprendizagem individual durante as aulas online, não tivemos grandes participações e grandes avanços com os recursos que foram disponibilizados. As famílias possuem uma pluralidade imensa de diversidade, tanto social quanto intelectual, e sendo assim, muitas imagens aqui apresentadas terão a característica de realidade do todo que vivenciamos em nossa unidade escolar, que infelizmente se repete em muitos outros municípios e estados brasileiros.

Já na imagem 17.b, percebemos a construção de uma pilha de formas geométricas e formas orgânicas coloridas que fazem referência a imagem apresentada e elaborada pelo professor, tornando o trabalho da estudante uma espécie de cópia ou apropriação da imagem, uma vez que ela optou por utilizar lápis de cor sobre papel sulfite, diferente da sua imagem 17.a onde apresentou sua ideia de *equilíbrio*. Pertinente para nossa leitura, trago a frase que foi dita pela autora das imagens 17.a e 17.b ao entregar a produção da segunda imagem, uma semana depois de ter entregue a primeira:

"pensar às vezes dá trabalho e coloca a gente em situações difíceis, eu gostei mais de fazer a primeira porque quando pensei em equilíbrio logo imaginei alguém caindo e por isso fiz o pescador no topo da montanha pescando, porque ele precisa de equilíbrio e concentração para conseguir pescar, além de silêncio é claro." (comentário da autora sobre imagens 17.a e 17.b, anotações em diário de bordo do professor em sala de aula)

Ao ouvir sua fala na sala e ao reler agora em meu diário de bordo, enquanto anoto minhas reflexões, percebo um detalhe que se repete em outros momentos durante as leituras de imagens de outros estudantes. A estudante, neste caso, possui mais autonomia criativa em uma primeira criação. Pensar em criar algo e dar continuidade a ele ou ao assunto é algo que não tem feito parte de sua prática criativa reflexiva em sala de aula. Justificaria talvez dizer que o estudante já carrega bloqueios criativos quando é necessário dar sequência nas suas próprias ideias, apresentando assim uma imaginação que já está congelada ou que não tem sido influenciada neste aspecto que chamamos de criativo.

Uma criança é naturalmente criativa, é criadora, é inquieta e essa qualidade de inquietude expõe a necessidade de sempre estar buscando algo ou alguma coisa, que por sua vez passa pela sua imaginação e conseqüentemente criação. Mas então por qual motivo uma criança

deixa de ser inventiva e originalmente criadora? Seria talvez a vontade de impressionar o adulto que a está observando enquanto produz? O medo de não ser assertivo no resultado e por isso é melhor tentar refazer o que já foi feito por alguém que é quem avalia o processo? Insegurança e ausência de influência ou incentivo que apaga sua vontade inventiva e questionadora? Aqui percebo que inúmeras situações poderiam ser citadas e revistas a partir de uma observação sobre o porquê de uma criança não estar criando ou imaginando.

A princípio, aos meus olhos, as imagens 17.a e 17.b representam bem o papel de reprodução da imagem a partir de uma referência, e não de um processo de criação originalmente próprio. Não que seja um total problema, na verdade nunca foi, pois um processo criativo passa por etapas e acredito que o começo de uma criação seja um lugar de insegurança e que por isso podemos começar com comparativos e semelhanças como no caso das duas imagens apresentadas. Lendo as imagens, percebi alguns elementos diferentes como por exemplo a representação de formas distintas da original, como no caso de triângulos e pequenos quadrados. Percebo que na primeira opção foi criado com lápis preto e lápis de cor, empilhando tudo em uma linha reta, centralizando tudo na folha. Porém, ao ser perguntada sobre o significado de equilíbrio e de suas criações, a autora apresenta:

"...equilíbrio significa colocar as coisas em ordem, uma em cima da outra e fazer com que elas se ajudem e se apoiem. Achei que estava sem graça e por isso coloquei um pássaro no topo da imagem 17.b carregando uma folha para dar de comida aos filhotes se equilibrando para não deixar a comidinha cair pois ela precisa ajudar os filhotes". (comentário da autora sobre imagem 17.a e 17.b, anotações em diário de bordo do professor em sala de aula)

Ao adicionar um elemento considerado totalmente novo para sua criação, a autora traz a realidade da transformação do olhar individual, a partir de uma vontade e desejo de colocar sua assinatura na criação que executa. A princípio optou por construir algo em um lugar de segurança (imagem 18.a), por justamente se sentir insegura para criar, já na imagem 18.b percebemos que sua capacidade criativa estava aflorada colocando novos elementos e construindo um diálogo entre ela e sua proposta, colocando-se na condição de contadora de uma história, autora da sua criação.



18.a -



18.b

Figura 18.a e 18.b - Ágata. Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 18.a foi feita como primeira proposta e imagem 18.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

É surpreendente observar as mentes das crianças e como seus pensamentos são construídos, a capacidade criativa é energia vital em todos nós seres humanos, por isso acredito que a melhor forma de consolidar aprendizados seja através das criações que podem ser geradas a partir dos conhecimentos adquiridos. Criações essas que permeiam as aulas de artes e que vão muito além do colorir dentro dos limites.

Ainda pensando sobre a fala da autora, ao afirmar que esta representação de equilíbrio faz sentido enquanto proposta criativa autêntica, com significados e representações simbólicas muito fortes, como no caso da mãe que alimenta os filhotes afirmada pela justificativa de que ela se equilibra para não perder o alimento. Ter a presença materna neste lugar de cuidado torna a criança mais segura e livre de impedimentos e inseguranças, e neste caso a autora mostra que tem uma relação particular com sua criação pois dialogam uma com a outra, assim como seus princípios e crenças podem ser vistos através das representações simbólicas de cuidado, zelo e afeto entre mãe pássaro e seus filhotes, esta criança provavelmente vem de um ambiente familiar protetor e se sente cuidada, amada e livre para criar.

19.a



19.b



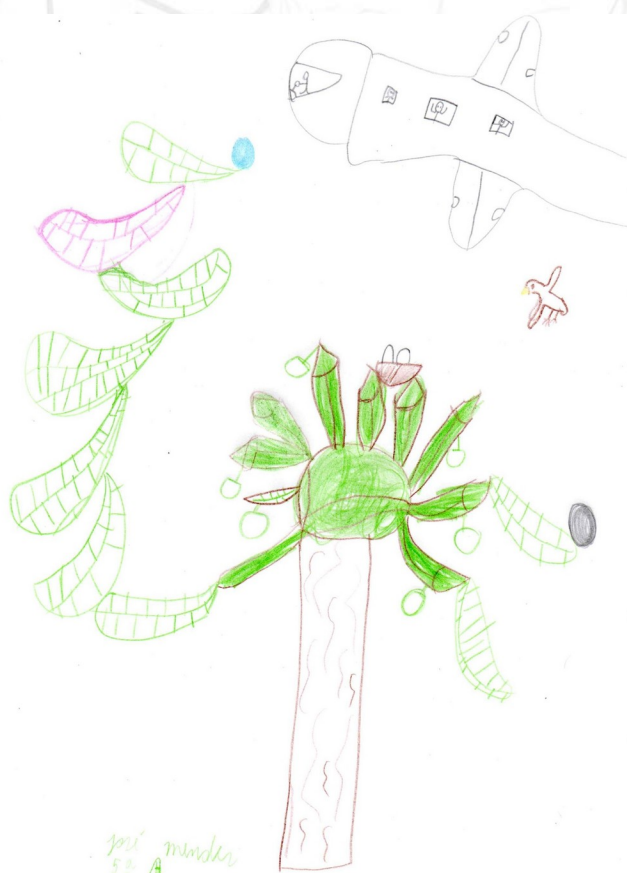
Figura 19.a e 19.b - Gabriel Miguel - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 19.a foi feita como primeira proposta e imagem 19.b como segunda proposta.

Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

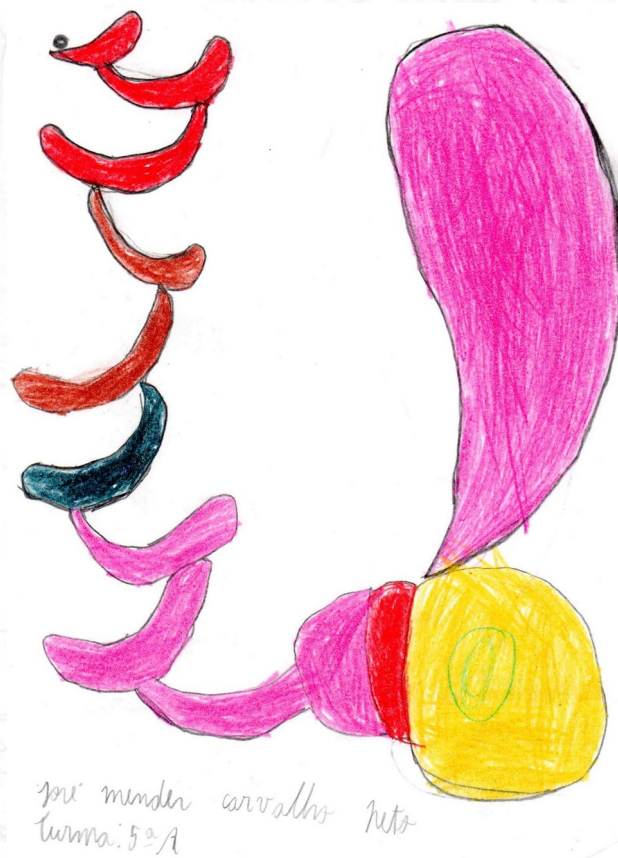
As imagens 19.a e 19.b, me causam uma chuva de questionamentos, alguns desses permeiam a sala de aula enquanto a criança cria a imagem 19.a, esses questionamentos surgem através dos próprios colegas de sala que apontaram o trabalho como fora do tema proposto. Diziam em voz alta e autoritária "... isso não está certo, isso não tem nada a ver com equilíbrio.." enquanto apontavam para o trabalho em questão, como uma forma de aviso ao professor, "ele está fazendo errado professor..". Ao sugerir que cada uma fizesse seu trabalho e que parassem de opinar sobre o dos outros colegas, percebi que este estudante não quis continuar seu trabalho. Deixou o lápis na mesa e logo se disse cansado de criar. Sugeri que se ele se sentisse mais confortável e confiante, que terminasse em casa e trouxesse o trabalho no próximo encontro. Assim feito, o estudante trouxe duas imagens na próxima aula onde a primeira está representada pela imagem 19.a, que ele havia começado em sala. A imagem 19.b ele fez em casa para complementar a imagem 19.a, como ele mesmo disse:

"...a imagem 19.a conta a história da natureza que precisa de tudo funcionando para ficar em equilíbrio, por isso a chuva cai sobre a árvore que vai dar frutos para os humanos comerem. A imagem 19.b é o desequilíbrio causado por um vento muito

forte que derrubou toda a pilha de peças. Por falta de cuidados com a natureza ela ficou furiosa e mandou uma tempestade."
(comentário do autor sobre imagem 19.a e 19.b, anotações em diário de bordo do professor em sala de aula)



20.a



20.b



20.c-

Figura 20.a, 20.b e 20.c - José Mendes - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 20.a foi feita como primeira proposta, a imagem 20.b como segunda e 20.c como terceira proposta (criação apresentada sem exigência do professor). Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Já as imagens 20.a, 20.b e 20.c trazem uma referência perceptível com a imagem original ou a primeira apresentada na produção do professor. Podemos perceber que na imagem 20.a o estudante faz uso da técnica do desenho com cores, e apresenta a criação de uma árvore que não se parece com algo conhecido no mundo real, demonstra uma ação de desconstrução da figura real de uma árvore e cria novas possibilidades nas folhagens que acabam se sobrepondo, formando uma árvore que parece equilibrar suas folhas e com a capacidade de alcançar a altura de um avião que sobrevoa o céu. Percebo a qualidade de criação que se configura como característica saudável no processo criativo de uma criança. A capacidade criadora presente na mente de uma criança que torna pensamentos capazes de saltar aos olhos e preencher papéis dando vida aos pensamentos e suas variações é o que denomino de a capacidade criadora.

As imagens 20.b e 20.c trazem a busca pelo reconhecimento e pela validação do professor responsável. Acredito que ao analisar a proposta feita de imediato na imagem 20.a, constato que a ideia era realmente a transformação da referência em algo novo, mas que permanece no tema proposto, contudo, apresentando uma identidade de quem a produz, identidade que dialoga com o leitor da imagem. Ao observar a imagem 20.a, percebo uma árvore imponente,

grandiosa e estática, que por qualidade própria de sua natureza que é fincar-se ao chão, se equilibra apenas em si e nas suas próprias raízes, de forma tão segura que é capaz de crescer até tocar o céu, podendo ser vista de perto da janela de aviões. Essa capacidade inventiva e criadora, é capaz de gerir pensamentos infinitos, causando um disparo criativo no indivíduo que naturalmente inventa sem muito esforço.



Figura 21 - Arthur Tomaz²⁹. Bolas. Colagem com papel colorido em folha A4. A imagem 22 foi feita como primeira e única proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

- 21

A imagem 21 apresenta algo que chamou minha atenção pela dimensão do acontecimento. Este estudante não possui o hábito de produzir e de participar ativamente das propostas realizadas em sala. Ao me deparar com o estudante querendo, ou melhor, pedindo a folha colorida para construir a sua imagem a partir das referências que estavam à sua frente como a imagem produzida pelo professor, assim como as referências apresentadas na pesquisa feita na internet com recursos de TV em sala de aula, perceber que o estudante teve interesse despertou a atenção de todos os presentes, incluindo dos demais estudantes.

Como grande parte dos estudantes participaram, acredito que a influência do grupo causou uma intenção de participar e de fazer junto, o que aparentemente provoca questionamentos reforçando a ideia sobre a influência da presença, tanto do artista que produz e participa da

²⁹ Arthur Tomaz é estudante do 5º ano e público da educação especial com autismo. Normalmente não costuma produzir ou participar das propostas em geral.

leitura de sua própria obra, assim como quando um grupo em sua maioria participa e se interessa por uma proposta, promove e provoca a influência sob os demais presentes.

A influência da presença vai de encontro com esta experiência, em que o corpo do artista está presente durante a leitura de sua obra, feita por outras pessoas, e isso instaura uma necessidade de participar para se sentir incluído pelo todo.

Acredito que o fato de estar dialogando presencialmente com os estudantes, frente a obra apresentada, contando sobre os recursos inventivos e criativos percorridos até chegar ao resultado apresentado, torna real a influência da presença como um ato de incentivo e de impulso aos participantes, como aconteceu neste caso.

O estudante responsável pela criação da imagem 21, não costuma dialogar para expressar seus pensamentos, e ao ser questionado sobre o que havia feito, pela professora de apoio (PAE - profissional de apoio escolar), disse entre gestos e palavras soltas, ainda fazendo bolinhas de papel colorido com as mãos que se tratava de colar um perto do outro, "... arrumar..." como ele mesmo disse.

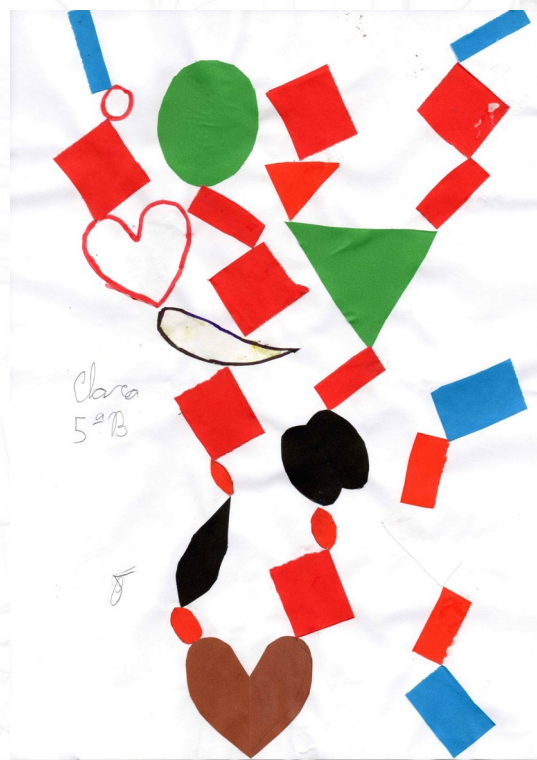
Por se tratar de uma situação nova colocada frente a questão de disparo da criatividade que estávamos experimentando em sala, percebo junto a profissional de apoio escolar que a atividade desenvolvida coletivamente, trouxe ao estudante a vontade e necessidade de fazer parte do que estava acontecendo, tendo em vista que nem sempre o grupo tem interesse em participar do que é proposto. Dentro das suas limitações enquanto autista, o estudante teve o desejo de colocar-se junto na experiência criativa, o que trouxe uma reflexão acerca da inclusão que tanto é discutida nas escolas, assim como novas formas de instigar nossos estudantes a fazer parte dos grupos e salas que pertencem.

Agora, observando as imagens 22.a e 22.b, falarei primeiro da 22.a. Entendo a sutileza de um significado ou definição de uma palavra aos olhos de uma criança, que determina que equilíbrio é exatamente a vontade de se manter de pé, diante as adversidades e obstáculos, colocando uma personagem caminhando sob uma parede ou muro e ainda por cima de salto alto, uma super garota. Aparentemente a utilização do desenho torna realidade a capacidade imaginativa dessa criança, que em sua criação, através da linguagem do desenho com lápis de cor, constrói a personagem como uma representação de si mesma e de sua força interior. Já na imagem 22.b, fica claro a influência da presença na sua representação de equilíbrio com recortes geométricos de papel colorido, mesclados com corações e formas orgânicas que são organizadas mediante a sua noção de equilíbrio. Quando perguntada sobre o real significado da palavra equilíbrio, a estudante disse:

"... não poderia deixar de mostrar que sou uma super heroína e que consigo me equilibrar mesmo de salto alto, por isso me desenhei. No segundo eu quis falar sobre o amor e como ele é importante para ter um equilíbrio na relação entre todos nós seres humanos e os seres vivos do mundo." (comentário do autor sobre imagem 22.a e 22.b, anotações em diário de bordo do professor em sala de aula).



22.a



22.b

Figura 22.a e 22.b - Clara - Estudante do 5º ano. Lápis de cor e colagem com papel colorido em folha A4. Respectivamente Imagem 22.a foi feita como primeira proposta e imagem 22.b como segunda proposta. Gerada a partir da palavra geradora **EQUILÍBRIO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

Pensando sobre a utilização dos métodos de leitura de imagem propostos pela abordagem triangular, é intrigante e curioso que na prática realmente a ordem de sua utilização não tenha tanta importância e que por isso os professores passaram a adequar ao melhor formato para aplicá-la em sua metodologia de ensino. Quando o processo criativo se arquiteta em uma leitura de idas e vindas, característica que percebo em algumas leituras de imagens durante as visitas aos trabalhos dos estudantes, deixando em evidência o real ziguezague citado por Barbosa (2012).

Talvez seja em relação à contextualização que a Abordagem Triangular mais tenha se transformado nos últimos anos pela ação recriadora de professores e pesquisadores. Hoje a metáfora do triângulo já não corresponde mais a organização ou estrutura metodológica. Parece-nos mais adequado representá-la pela figura do ziguezague, pois os

professores nos têm ensinado o valor da contextualização tanto para o fazer como para o ver.

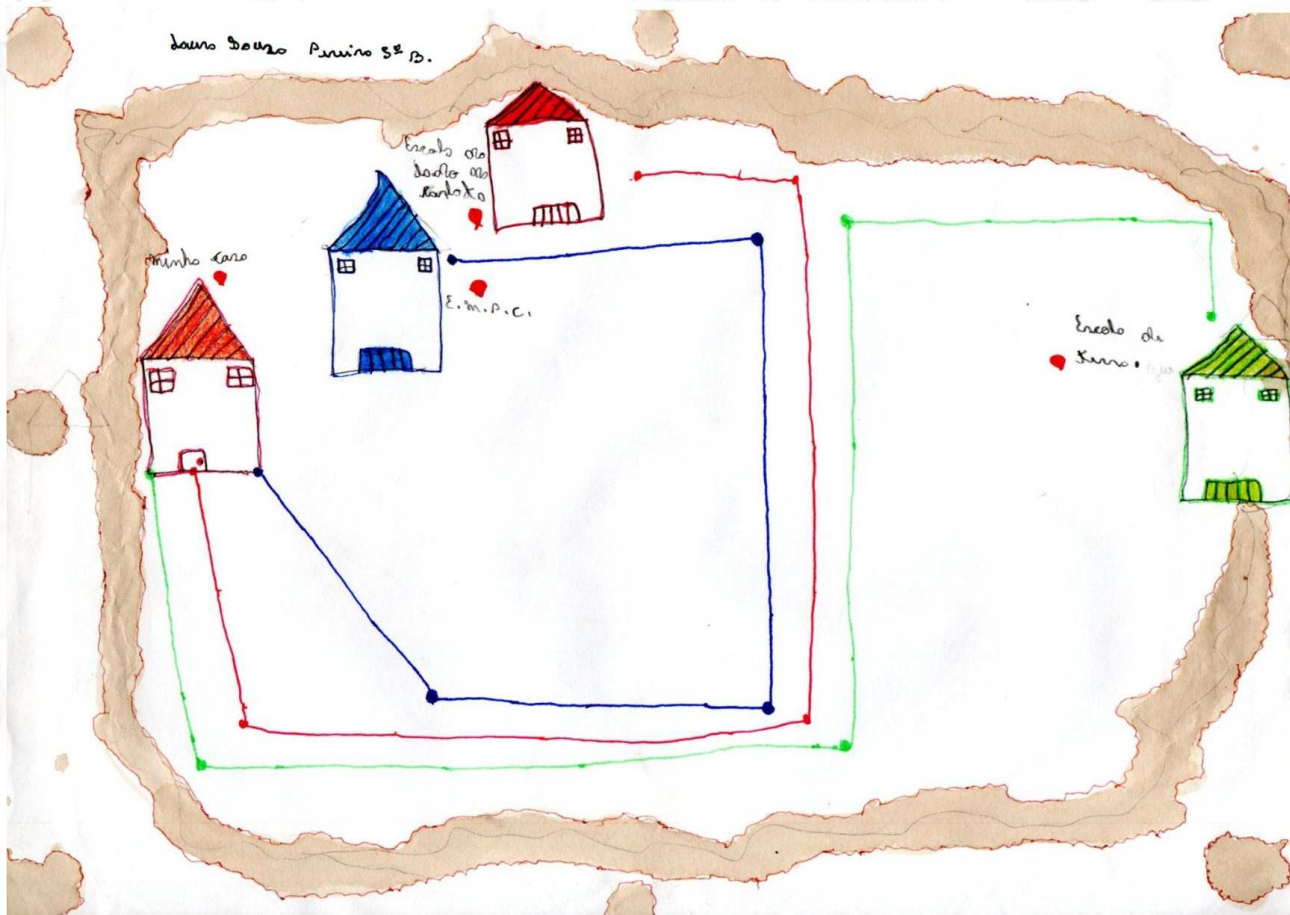
O processo pode tomar diferentes caminhos CONTEXTO/ FAZER/ CONTEXTO/VER ou VER/ CONTEXTUALIZAR/ FAZER/ CONTEXTUALIZAR ou ainda FAZER/ CONTEXTUALIZAR/ VER/ CONTEXTUALIZAR. (BARBOSA, 2012, p.33)

Dessa forma, o contexto se torna disparo criativo assim como também a justificativa do resultado final de um objeto/imagem, como o que é apresentado pela imagem 23. Esse resultado apresenta uma ilustração bastante rica em aspectos formais do desenho como por exemplo as linhas, as cores e as hachuras que são construídas pelo autor da obra, com a intenção de demonstrar o real caminho que ela percorre ao ir para a escola, tornando tudo mais visível e expressivo aos olhos.



23-

Figura 23 - Laryssa - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, canetinha hidrocor e caneta colorida em folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



24 - Figura 24 - Laura - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta, canetinha e café diluído em água sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Já a figura 24, apresenta aspectos de construção mais elaborados e planejados, como por exemplo a borra do café, que é utilizado para demarcar o trajeto que a estudante percorre de casa até a escola, compondo um tipo de caminho. A intenção é construir um espaço com materiais e recursos diversos, como no caso do café já coado. Em sua explicação sobre o trabalho apresentado, a aluna expressa necessidade de aproveitamento de tudo à sua volta, tendo como inspiração sua avó que sempre orienta a utilizar os alimentos em sua totalidade. Diante da situação apontada, percebemos que houve um aproveitamento do café que sobrou naquele dia, de forma a trazer para a composição um elemento visual olfativo, capaz de aguçar os sentidos para além do que vemos com os olhos, mas também podemos sentir pelo cheiro.

A atitude relacionada ao trabalho visto na figura 24, chama a atenção pelo fato de que elementos para além do aspecto visual não mencionados durante as aulas, acabam aparecendo e tomando conta das propostas apresentadas pelos estudantes, tornando o trabalho autoral. A estudante em questão, conta que ao ver os colegas produzindo suas próprias cartografias escolares com elementos visuais muito parecidos, acabou optando por

criar algo diferente dos demais, tendo como referência criativa o que a avó geralmente orienta. Dessa forma, acreditamos que a proposta de disparo criativo contempla uma releitura capaz de contribuir com sua estética original, partindo de referências como a que foi apresentada pelo professor e pelos colegas.

25-

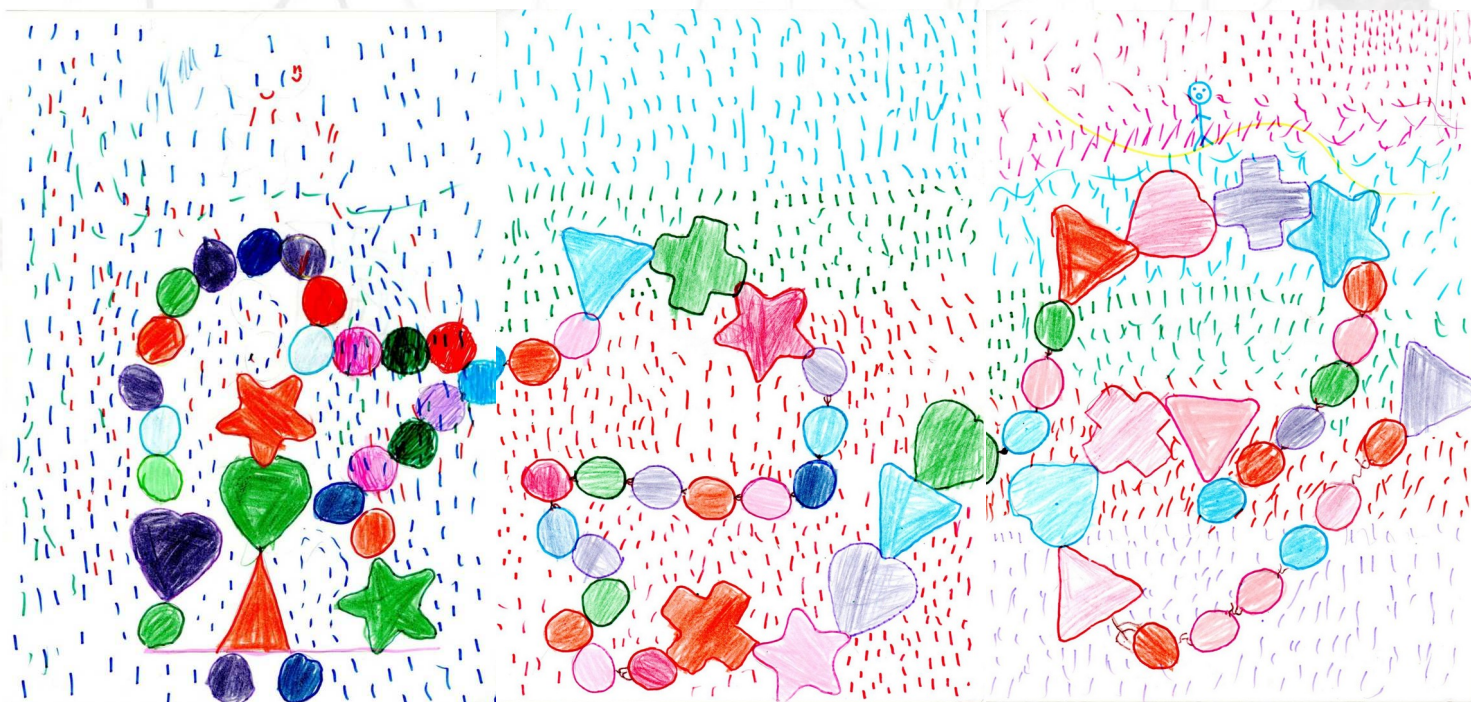


Figura 25 - Micaelly - Estudante do 5º ano. Composição com 3 folhas A4. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

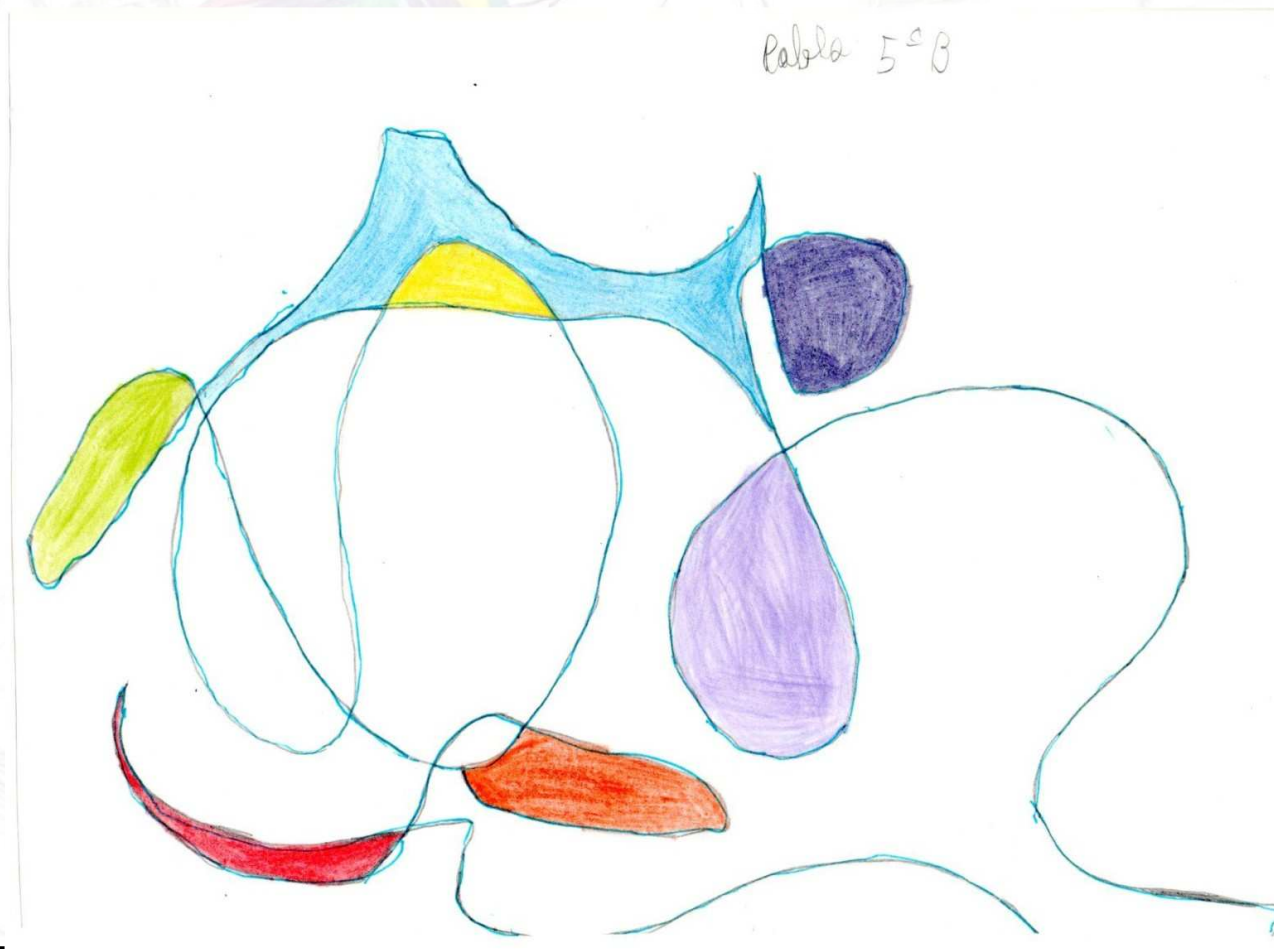
A figura 25, apresenta uma proposta de disparo criativo inovadora, que aponta para um caminho não visto até então. A autora propõe uma composição com formas orgânicas e algumas representações figurativas com bastante cor. Abusa dos materiais como por exemplo canetinhas hidrocor, mas o que desperta a curiosidade do observador é a capacidade de conexão entre as imagens, que não terminam quando o espaço do papel acaba, tornando a construção livre e sem limitações relacionadas ao suporte da obra. Ao final do trabalho temos 3 folhas no tamanho A4 preenchidas com formas que se completam e que representam o caminho entre sua casa e a escola. Ao ser questionada sobre o que foi feito, a estudante comenta que,

"..não tive outra opção pois minha casa sempre ficou muito longe da escola, por isso precisei usar muito papel e construir um caminho longo. Aproveitei que gosto de corações e estrelas e juntei com os triângulos que também gosto muito e

coloquei tudo para dar um charminho no caminho." (Micaelly - 5º ano, sobre sua criação. Anotações feitas em diário de bordo do professor.)

O que chama minha atenção é o fato de que a identidade criadora está caracterizada pelas experiências vividas. A fala da estudante sobre a imagem 25 coloca em evidência a importância de estarmos conscientes desde pequenos a nos expressar a partir do que vivemos, sem necessidades de aprovações como vimos na criação das figuras 20.b e 20.c que caracterizam uma cópia da referência inicial apresentada pelo professor.

Já a figura 26 representa a simplificação de uma criação mais solta e livre de entendimentos. Coloca em evidência a expressão criadora livre dos rótulos e das auto explicações. Contempla uma imagem com cores que preenchem o recorte de uma linha aparentemente infinita e que se entrelaçam montando um enigma do que pode realmente ser. Percebo ainda a criação de um padrão que se repete mesmo não tendo uma forma exata repetida, mas uma organização espacial que nos dá essa sensação de que tudo continuaria da mesma forma.

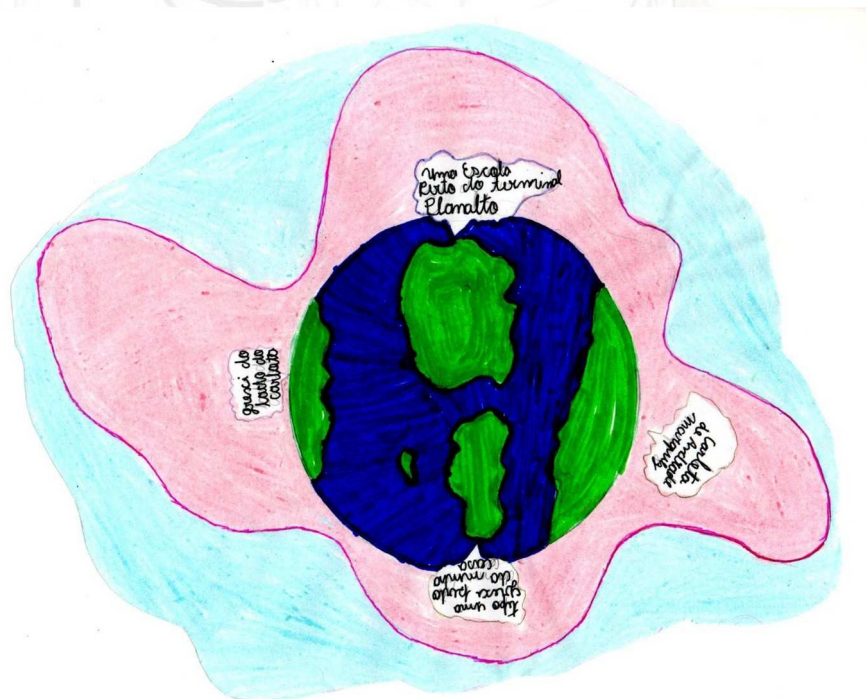


26-

Figura 26 - Pablo - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A figura 27 surge a exemplo de uma conexão de referências, onde a estudante usa a referência apresentada pelo professor em uma imagem gerada a partir da palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA** (figura 28), e constroi seu caminho até a escola utilizando a referência da

imagem do globo terrestre. Percebo desta forma que a inclusão de novas referências faz-se necessária uma vez que quanto mais referências oferecermos, mais opções criativas poderemos acessar.



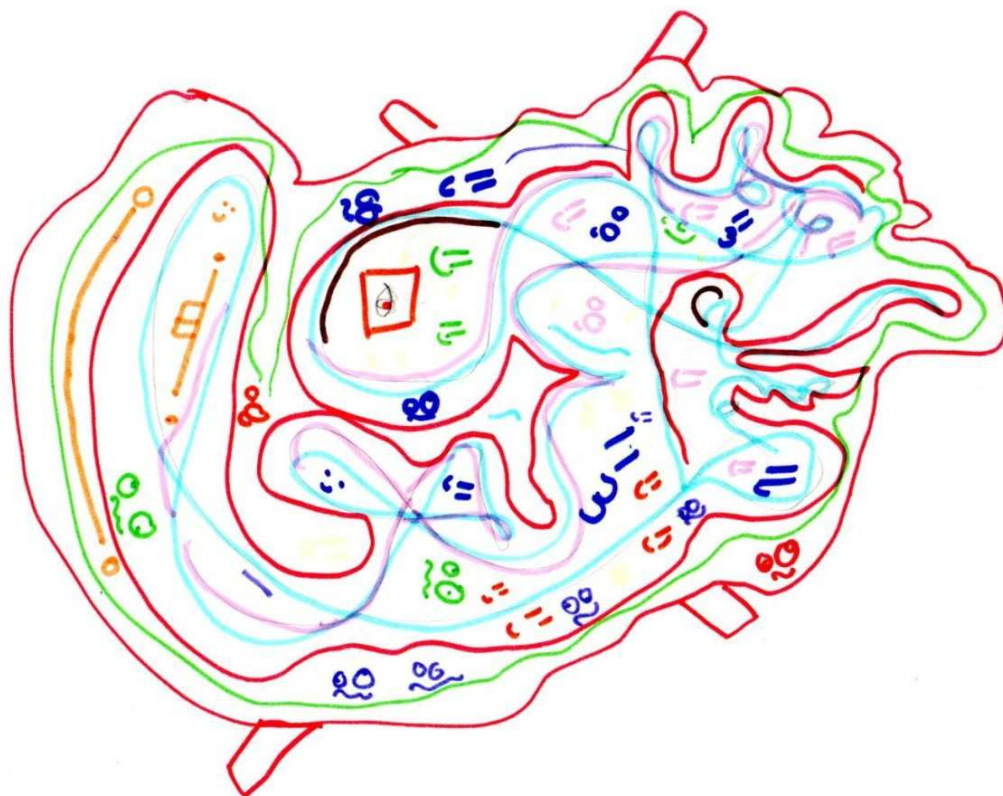
- 27

Figura 27 - Rafaella - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 28 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Sobrevivência. Desenho com tinta guache e máscara em alto relevo coada em canson A3. 42 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

28 -





29 -

Figura 29 - Tiago - Estudante do 5º ano. Lápis de cor, caneta e canetinha sobre folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **CAMINHO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A figura 29 coloca em evidência a capacidade inventiva ou capacidade criadora do estudante que conecta uma linha de uma cor em outra cor, por repetidas vezes, criando assim um emaranhado, uma padronização em sua imagem. Ao ser questionado sobre o motivo que o levou a construir a imagem com essa característica, o estudante diz *"..que todos os caminhos estão conectados de alguma forma, e todos se cruzam em algum momento. Um mesmo caminho pode nos levar a vários lugares diferentes"*. Percebo uma ordem e uma organização espacial neste trabalho que desperta nossa curiosidade em descobrir o que cada símbolo representa.

A figura 30.a e 30.b simbolizam a representação do pensamento gerado pela palavra Eu. A figura 30.a é feita coletivamente, a partir de desenhos ganhos de outros colegas, evidenciando a forma como cada um o vê. Em segunda proposta, o estudante apresenta um auto retrato, onde se observa diante de um espelho. Criando textura e padronagem no fundo do desenho, coloca sua imagem no centro da atenção do observador.



30.a.



30.b.

Figura 30.a - Lucas - Estudante do 5º ano. Colagens de desenhos ganhos de outros colegas da sala de aula colados em folha A4. Gerada a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Figura 30.b - Lucas - Estudante do 5º ano. Desenho com lápis de cor, caneta, canetinha em papel A4. Gerada a partir da palavra geradora **EU**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

A figura 31 promove uma reflexão a respeito do potencial criativo ou capacidade criadora enquanto originalidade e profundidade de conexão com o próprio processo criador do indivíduo. Trata-se de uma produção criativa com a técnica da pintura, utilizando figuras geométricas, inspirado pela palavra geradora articulação, feita em tela própria para pintura com tinta guache. O estudante em questão sempre demonstrou uma falta de interesse pelas propostas relacionadas às aulas de artes, assim como um desinteresse pelos estudos, uma vez que ele já havia em outros momentos verbalizado que não gosta de desenhar e estudar.

De forma despretensiosa, em um determinado dia durante as aulas de arte, enquanto eu recebia várias produções dos estudantes, ele apareceu com a proposta do trabalho, apresentando então parte do seu processo criativo mesmo depois de já termos passado para outras palavras geradoras.

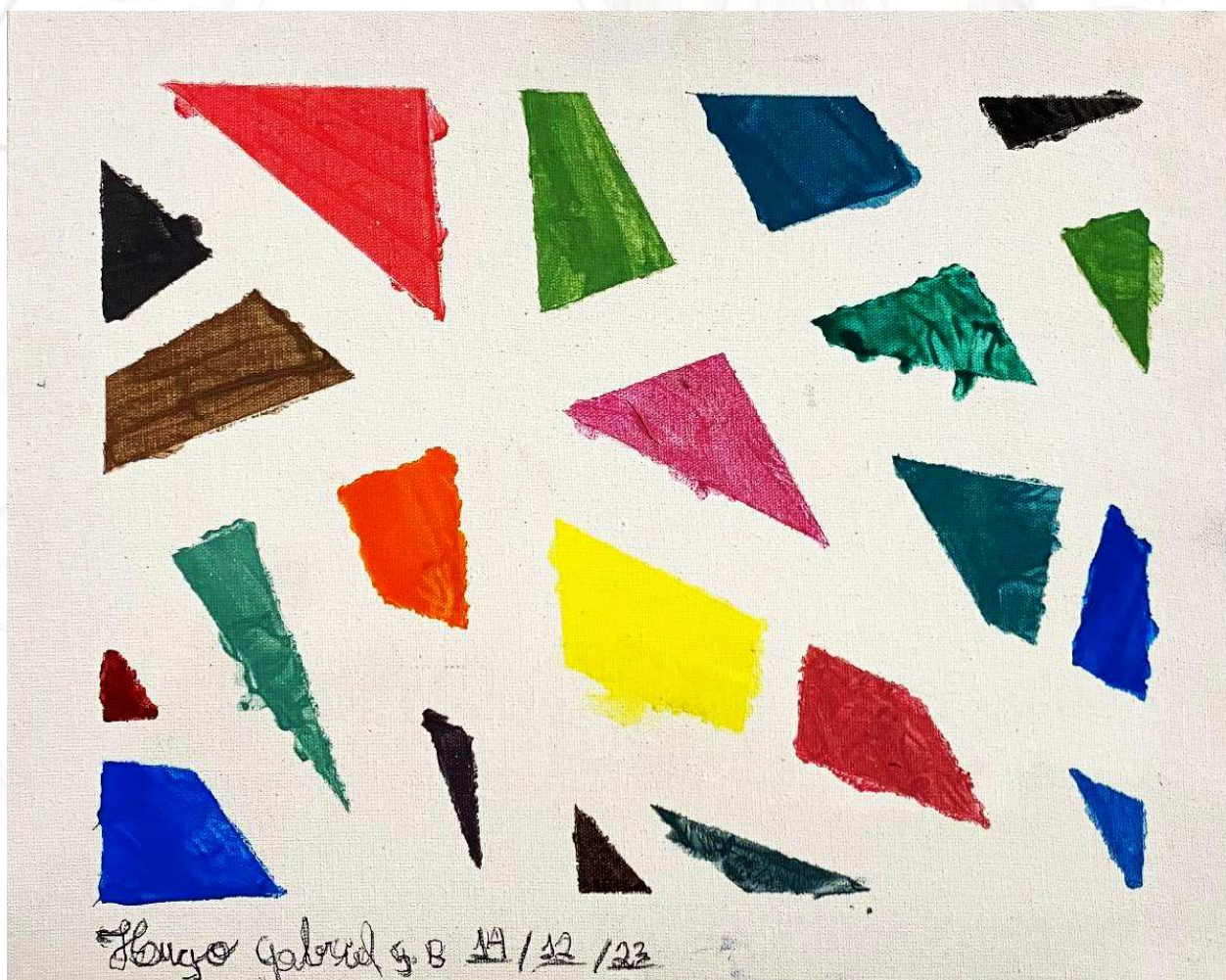


Figura 31 - Hugo Gabriel - Estudante do 5º ano. Pintura com guache sobre tela 24 x 30 cm. Gerada a partir da palavra geradora **ARTICULADO**. Uberlândia 2023. Fotografia: acervo pessoal.

É interessante observar a evolução dos processos criativos e como são distintos de uma pessoa para outra. Acredito que parte da participação deste estudante tenha sido influenciada pela dinâmica estabelecida pelo próprio grupo de alunos e professor, que aos poucos tornou a rotina de apresentações e entrega das produções algo comum do dia a dia nas aulas de arte. Quase que como um mecanismo automático, onde a cada nova entrega, cada aluno se sentia visto e representado pelo que entregava. O fato é que ao fazer a entrega, já ao final de um ciclo de vários trabalhos onde abordamos palavras geradoras diversas, e mesmo após ter visto muitas outras referências artísticas, grande parte do grupo direcionou elogios ao trabalho do estudante responsável pela figura 33, visto que, era a primeira vez que alguém tinha saído do suporte de criação artística já pré estabelecido para as criações que era a folha sulfite A4.

Houve um momento em que solicitei que o estudante falasse sobre o que havia criado, explicando aos colegas de forma detalhada como ele havia chegado naquele resultado, e ele pontuou:

"De início eu não queria fazer algo muito igual aos outros colegas, queria ser diferente no trabalho já que eu não havia entregado nada antes. Foi a primeira vez que pintei um quadro de arte com tinta e minha mãe quase não quis comprar quando vimos o preço. Mas eu conversei com ela e disse que era por uma boa causa, pois eu queria surpreender a todos quando vissem meu trabalho. Escolhi pintar com fita crepe pois o professor já deu essa dica para quando vamos pintar, e também para separar as cores de forma que nenhuma se misturasse com a outra, foi aí que pesquisei na internet para ter mais ideias. Lembrei da obra que o professor trouxe para a nossa sala, onde tinham duas pessoas feitas com formas geométricas de giz, e foi aí que decidi como fazer o meu trabalho. Fiquei surpreso de saber que eu também posso pintar." (Fala do estudante Hugo, 5º ano. Anotações feitas em diário de bordo do professor.)

Mediante a grande quantidade de produções que foram surgindo e sendo entregues ao longo do processo de investigação realizado nesta pesquisa, fez-se necessário um recorte desses trabalhos, a fim de pontuar algumas dessas produções que se destacaram entre o todo que foi produzido.

É de extrema importância pontuar que muitos estudantes continuaram trazendo suas produções e imagens mesmo após trocarmos as palavras geradoras, uma vez que fizemos no início da investigação um combinado onde as produções poderiam continuar mesmo após a troca das palavras geradoras acontecer, considerando que as ideias podem surgir de acordo com o potencial criativo e o disparo da criatividade que está sendo influenciado durante todo o desenrolar da pesquisa. Considerando ainda que o potencial criativo, influenciado pelo tempo, difere de um indivíduo para outro, apresento na sequência um resumo de alguns trabalhos desenvolvidos em paralelo com o desenrolar da investigação.

Veja abaixo alguns processos criativos desenvolvidos a partir de palavras geradoras:

Palavra geradora Máscara³⁰:



32.a.

Alcino Moura Henriques



32.b.

Emanuelle Daltro Alves



32.c.

Emanuelle Daltro Alves

32.d.



Figura 32.a., 32.b., 32.c. e 32.d. - Emanuelle do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **MÁSCARA** assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

30 Máscara: Ver figura 16 (a, b, c e d) da obra do professor gerada a partir da palavra geradora, p.80.



33.a.



33.b.

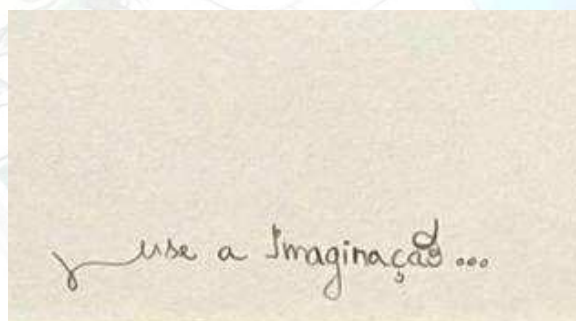
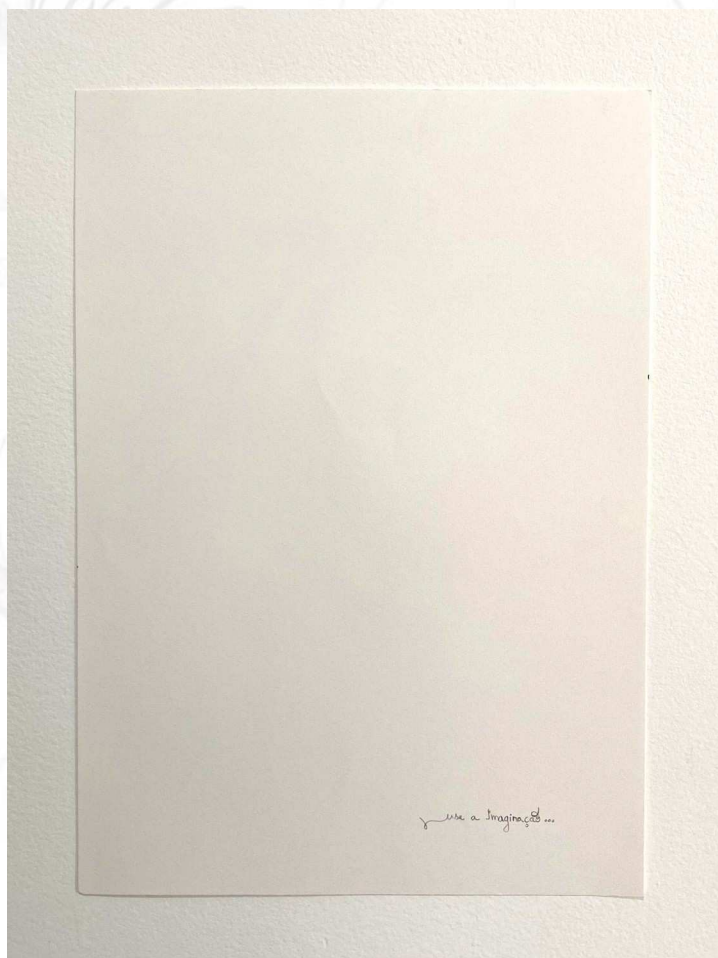
Figura 33.a. e 33.b. - Laryssa do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **MÁSCARA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Palavra geradora Imaginação:



Figura 34.a., 34.b. e 34.c.³¹ - Alexia do 5º ano. Desenho em folha A4 com lápis de cor e canetinhas. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **IMAGINAÇÃO**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

³¹Imagens geradas a partir da palavra geradora **IMAGINAÇÃO**, ver figura 35, p.105.



(foco da figura 35)

Figura 35 - Sousa, Maycon Antônio Silva. Imaginação. Frase com lápis preto em papel A3. Gerada a partir da palavra geradora **IMAGINAÇÃO**. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

Palavra geradora Sobrevivência:



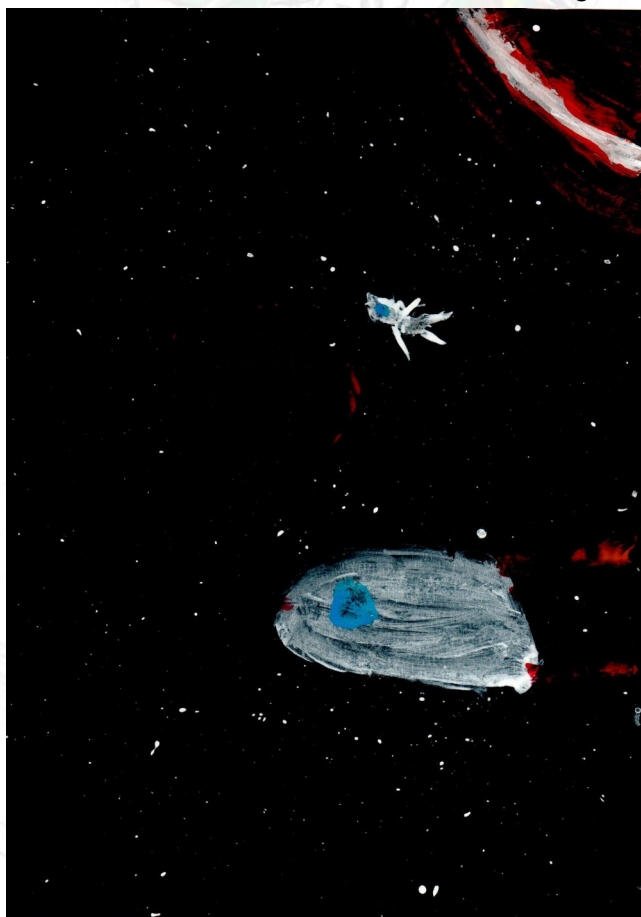
36.a.

36.b.

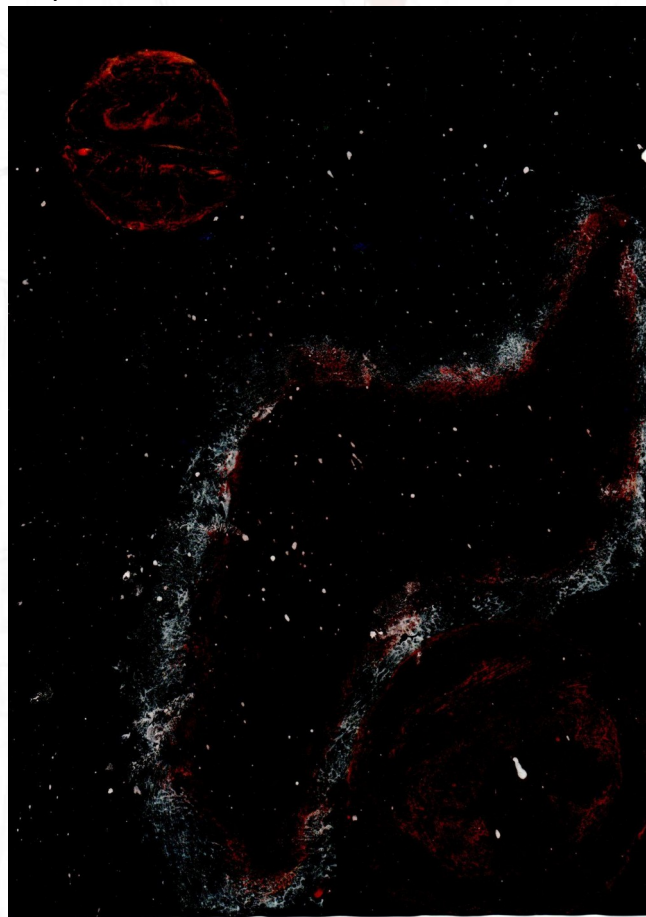


36.c.

Figura 36.a., 36.b. e 36.c³². - Ana Júlia do 5º ano. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.



37.a.



37.b.

32 Imagens geradas a partir da palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, ver figura 28, p.96.



37.c.

Figura 37.a., 37.b. e 37.c.³³ - Alexia do 5º ano. Pintura com tinta guache sobre folha A4, detalhes na folha com papel queimado. Apresenta parte do processo criativo inspirado pela palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, assim como pelas obras apresentadas pelo professor. Uberlândia 2022. Fotografia: acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu revisitar práticas, reflexões e experiências acumuladas durante anos de atuação como artista-professor-pesquisador. Revelou-se um exercício transformador de reconexão com o processo criativo, tanto para o pesquisador quanto para os estudantes envolvidos. O conceito de "congelamento artístico" que marcou parte da trajetória foi desconstruído, abrindo caminho para uma redescoberta das práticas criativas e pedagógicas. A partir do método da palavra geradora de Paulo Freire, utilizado como disparador criativo, foi possível revisitar práticas pedagógicas anteriores, bem como reformular o entendimento sobre o ensino da arte, assim como aplicar uma nova abordagem para o ensino de arte, adaptada ao contexto da educação básica.

Os resultados obtidos com a aplicação do método revelaram-se enriquecedores, não apenas pelo estímulo à criação artística por parte dos alunos, mas também pelo diálogo entre suas criações e as do professor. Esse processo de co-criação reafirma a ideia de que a educação em arte não se limita à técnica, mas envolve uma interação constante entre o fazer, o refletir e o contextualizar, conforme proposto pela pedagogia triangular de Ana Mae Barbosa.

³³ Imagens geradas a partir da palavra geradora **SOBREVIVÊNCIA**, ver figura 28, p.96.

Ao integrar a fenomenologia com a a/r/tografia foi possível não apenas documentar e refletir sobre os processos educativos, mas também transformar a prática pedagógica. Essa transformação se deu através da articulação de memórias e registros pessoais com o presente, permitindo uma compreensão mais profunda de como a prática docente influencia e é influenciada pela experiência artística.

Além disso, a pesquisa evidenciou a eficácia da **a/r/tografia como abordagem investigativa**, uma vez que permitiu ao pesquisador transitar entre os papéis de artista, professor e pesquisador de maneira integrada. A combinação de imagens e textos possibilitou uma análise mais profunda e sensível das práticas educacionais, destacando a importância de revisitar os próprios processos criativos e pedagógicos como forma de aprimorar a docência em arte.

Ainda, observou-se que a aplicação da palavra geradora como disparador criativo teve o poder de **resgatar o interesse dos estudantes pela arte**, levando-os a repensar sua relação com o espaço escolar e com a própria prática artística. As atividades proporcionaram um espaço para que os alunos criassem de maneira mais livre e consciente, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e envolvente.

Entre os principais achados desta pesquisa, destaca-se que o **uso da palavra geradora como ferramenta pedagógica** foi capaz de promover um “descongelamento artístico”, tanto para o pesquisador quanto para os alunos. Essa metodologia estimulou a criação artística, resultando em maior engajamento e participação dos estudantes nas atividades. A palavra geradora demonstrou ser um ponto de partida poderoso para que os alunos explorassem suas próprias histórias e realidades, o que se refletiu nas criações artísticas realizadas.

Outro achado importante foi a **construção de uma prática pedagógica sólida e rica**, onde o ato de ensinar arte tornou-se uma troca entre o professor e os alunos, evidenciando que o professor não é o único detentor do saber, mas um mediador no processo de descoberta e criação. Os alunos foram estimulados a expressar suas vivências e interpretações através da arte, o que enriqueceu o ambiente de aprendizado e fomentou a reflexão crítica sobre seus contextos pessoais e sociais.

Essa investigação não apenas revitalizou a prática pedagógica do pesquisador, mas também destacou a importância de uma educação em arte que vá além do fazer artístico, promovendo uma **educação estética, reflexiva e transformadora**. A continuidade dessa reflexão e experimentação poderá contribuir para a formação de professores e alunos mais conscientes e engajados com o processo criativo e educativo.

A potência da presença e influência do professor, segundo Dewey e Freire, reside na capacidade do educador de criar um ambiente onde o aluno é incentivado a explorar, questionar, e se desenvolver de forma autônoma e crítica. Ambos defendem um papel do professor que vai além da mera transmissão de conhecimento, para se tornar um facilitador de experiências e um mediador de diálogos que promovem o pensamento crítico, a emancipação e a transformação social.

A influência da presença do professor, conforme citado no texto, é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem em arte. Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que o professor não atua apenas como transmissor de conhecimento, mas como um **mediador e facilitador** que estimula a autonomia criativa dos alunos. A **presença ativa** do educador, através de sua postura, atitudes e exemplos, impacta diretamente a confiança dos estudantes em explorar novas ideias e expressar suas próprias vozes artísticas.

Essa presença se manifesta não só em sala de aula, mas também no **vínculo construído com os alunos**, criando um ambiente seguro e propício para a experimentação. Ao mostrar interesse genuíno pelos processos criativos dos alunos e fomentar o diálogo, o professor contribui para o **desenvolvimento de uma prática educativa de valorização do ser e do que ele produz artisticamente**, onde o aprendizado se dá de forma colaborativa e reflexiva. Portanto, a **influência da presença do professor** é um dos pilares que sustentam o sucesso da aprendizagem artística, promovendo não apenas a transmissão de técnicas, mas o **desenvolvimento crítico e criativo** dos estudantes.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, observou-se um fenômeno recorrente: alguns estudantes optaram por copiar trabalhos de referência apresentados pelo professor. Esse comportamento, comum no ensino de artes, oferece valiosas reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem e a relação dos alunos com a criação artística.

A cópia, longe de ser vista apenas como uma falha, pode ser entendida como um indicador de diversas necessidades pedagógicas. Em muitos casos, os alunos recorrem à cópia por insegurança em suas próprias habilidades ou por uma compreensão superficial do processo criativo. Isso evidencia a importância de fortalecer a autonomia criativa dos estudantes, estimulando um ambiente em que eles se sintam encorajados a explorar suas próprias ideias e a correr riscos criativos.

Essa constatação também reforça a necessidade de aprofundar as estratégias pedagógicas que promovem a reflexão crítica e a personalização das produções artísticas. A partir desse achado, sugere-se que as referências artísticas sejam utilizadas não como modelos a serem replicados, mas como pontos de partida para a criação de novas soluções visuais. Incentivar os

estudantes a modificar, adaptar e reinterpretar essas referências pode fomentar uma prática mais autoral e expressiva, desenvolvendo a confiança e a voz artística de cada aluno.

Além disso, o comportamento de copiar revela a pressão percebida pelos alunos em "acertar" o trabalho, o que ressalta a importância de desmistificar a ideia de que a arte tem uma única solução correta. A abordagem pedagógica deve, portanto, valorizar o processo criativo tanto quanto o produto final, proporcionando aos alunos a liberdade de experimentar, errar e reconstruir.

Portanto, este achado evidencia a necessidade de ajustes na prática pedagógica, com foco em criar um ambiente de ensino de arte que encoraje a inovação e a originalidade, respeitando o tempo e o processo individual de cada estudante. Futuros estudos e práticas educacionais podem se beneficiar de metodologias que abordem diretamente a questão da cópia como parte do desenvolvimento criativo, transformando-a em uma oportunidade de crescimento e de afirmação da identidade artística dos alunos.

Em suma, esta investigação contribui para a valorização de uma prática educativa que é viva, que se adapta e que é reflexiva. A aplicação da palavra geradora como um disparador criativo, especialmente no ensino de arte, mostrou-se uma ferramenta eficaz para a promoção de uma educação crítica, colaborativa e transformadora. Como perspectivas futuras, sugere-se a ampliação do uso dessa metodologia em outros contextos educativos, além de novas investigações sobre o impacto do processo criativo na formação de professores reflexivos, com o intuito de explorar mais amplamente suas potencialidades como ferramentas pedagógicas no ensino de arte.

O trabalho apresentado se materializa enquanto ferramenta poderosa de transformação social, a partir do indivíduo que a propõe para o meio em que ele experimenta a performatividade na carreira docente em arte educação. Concretiza e oportuniza o entendimento teórico de uma prática de educação em arte, que nasce do interesse e desejo por novas proposições educacionais voltadas para o ensino de arte nas escolas de educação básica que promovam e inspirem novos formatos de educação.

A experiência se mostra real, com significado particular, que se consolida coletiva, no desenrolar da sua construção. Tem sua gênese na investigação que se dá em reencontros com documentos de processos adquiridos ao longo da atuação como arte educador. Se depara com a necessidade de experimentar a produção de novos documentos, acompanhando seus processos criativos enquanto nascem. Se estrutura em pesquisas bibliográficas, e se fortalece em leituras sobre processos de criação em arte passando por estudiosos da área, como: John

Dewey, Cecília A. Salles, Maurice Merleau-Ponty, Belidson Dias, Rita L. Irwin, Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Sandra M. Corazza.

Questionar o próprio papel enquanto educador como forma de reflexão das ações e intenções faz parte da evolução e amadurecimento do profissional assim como do papel enquanto ser humano. Sobre minha prática enquanto educador/professor de artes visuais, pode-se avaliar que neste percurso o estudante esteve em evidência, no centro, na busca por melhores condições e melhores resultados, dando destaque para a construção que ele já apresenta na sua existência dentro e fora de sala de aula, buscando realizar experimentações que proporcionem o encantamento com o universo da arte, o mergulho nos processos criativos, a transformação através da experiência estética. Pensamento este, que se torna real aos meus olhos através de leituras e imersões no decorrer desta investigação.

O conceito de "**descongelamento do artista**", proposto neste trabalho, remete à ideia de uma experiência dinâmica e contínua entre o educador e os estudantes. Nesse processo, o artista – que por vezes se vê preso em seus próprios padrões e limitações – se liberta ao se envolver em trocas significativas com os alunos. Esse ciclo de ida e volta, de aprendizado mútuo, reflete o processo criativo de arte como um constante movimento de transformação. Ao se abrir para as percepções e interpretações dos estudantes, o artista se renova, e essa renovação é fundamental para o próprio desenvolvimento artístico. Tal perspectiva dialoga com os ciclos de construção e leitura das obras propostos por Ana Mae Barbosa, que entende a arte como um processo que envolve três fases essenciais: contextualizar, fazer e refletir. Essas etapas não são lineares, mas sim cíclicas, com o fazer e refletir constantemente sendo revisados e reinterpretados à medida que o artista se envolve mais profundamente com seu trabalho e com os outros. Assim, o ciclo de descongelamento do artista pode ser entendido como uma manifestação de crescimento contínuo, impulsionado pela reflexão crítica, pela troca e pela vivência da arte no contexto educacional.

A compreensão da arte e das imagens proposta por Ana Mae Barbosa, em *A Imagem no Ensino de Arte*, é central para a construção desse processo de descongelamento artístico. Barbosa enfatiza que a leitura das imagens deve ser vista como uma prática dinâmica, que envolve a interpretação crítica e a vivência contínua do objeto de estudo. Para ela, a arte não é apenas um produto, mas uma linguagem que se desvela por meio de um processo de interação e reflexão constante, caracterizado por ciclos de contextualização, criação e reflexão. Em seu entendimento, as imagens são sempre abertas, com múltiplos sentidos e camadas, que se revelam através da percepção ativa e da mediação entre o observador e a obra. A leitura das imagens, segundo Barbosa, é uma experiência de desafio e descoberta, que se

torna mais rica à medida que o educador e o estudante compartilham perspectivas e significados.

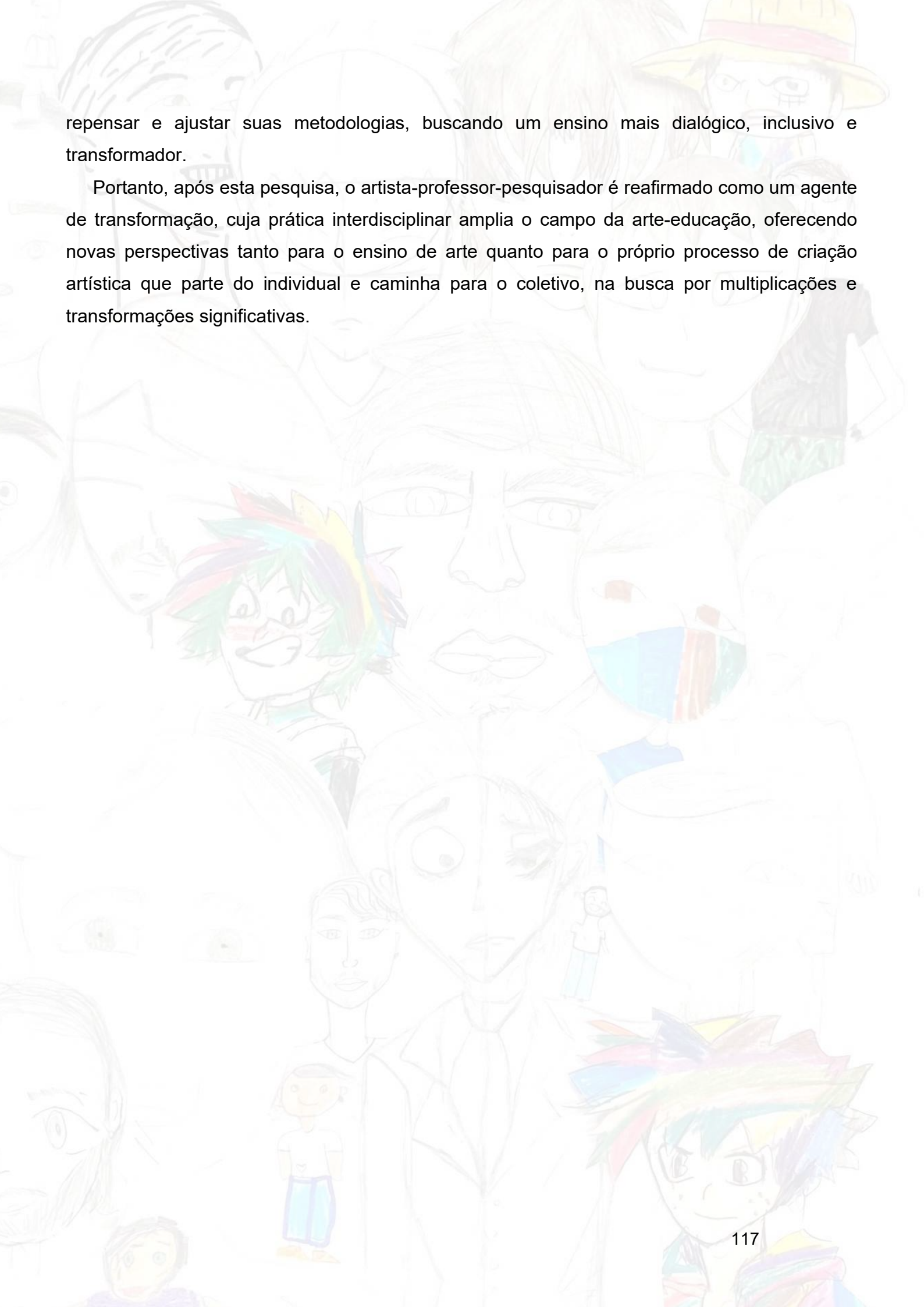
No contexto da pesquisa desenvolvida ao longo deste trabalho, percebi que esse processo de leitura de imagens não se limita ao ambiente acadêmico ou à sala de aula, mas é fundamental para o descongelamento do artista. A oportunidade de trocar com os estudantes, de ouvir suas percepções e de refletir sobre as produções artísticas em conjunto com eles, foi o que permitiu que eu, como autor, me "descongelasse" e me abrisse para novas formas de ver e criar. As vivências no espaço educacional, mediadas pela arte e pela troca de ideias, foram essenciais para o meu crescimento enquanto artista e pesquisador. Assim, o processo de descongelamento não apenas se reflete na minha prática artística, mas também na minha capacidade de compreender e ensinar a arte de uma maneira mais profunda e conectada ao contexto vivido. A experiência com a pesquisa, longe de ser algo isolado, se tornou um ciclo de aprendizado contínuo, que só foi possível graças às interações e vivências proporcionadas pelos estudantes. Em última análise, a arte, como proposta por Barbosa, é um campo de experimentação, onde a troca constante é a chave para a construção de novos sentidos e interpretações.

Após a realização desta pesquisa, o conceito de artista-professor-pesquisador emerge como uma identidade complexa e interconectada, evidenciando que esses três papéis se alimentam mutuamente no processo de ensino e criação. A pesquisa revelou que, ao transitar entre a criação artística, a prática pedagógica e a investigação acadêmica, o educador encontra novas formas de ressignificar sua prática, tanto no âmbito pessoal quanto profissional.

Como artista, o professor não apenas ensina técnicas, mas também vivencia e compartilha seu processo criativo, o que enriquece a experiência de seus alunos. Através dessa vivência oferece aos alunos modelos reais de criação e inspira confiança para que desenvolvam suas próprias trajetórias artísticas.

Como professor atua como mediador, facilitador e provocador de reflexões que estimulam a autonomia e a capacidade crítica dos alunos, ajudando-os a ver a arte não apenas como um produto, mas como um processo de descobertas e significações. A prática pedagógica torna-se, assim, um campo fértil para o desenvolvimento de novas abordagens criativas e educacionais.

Como pesquisador, a investigação contínua sobre sua prática permite uma reflexão profunda sobre os impactos de suas ações em sala de aula e no desenvolvimento dos alunos. Ao investigar seu próprio trabalho e o de seus alunos, o professor-pesquisador é capaz de



repensar e ajustar suas metodologias, buscando um ensino mais dialógico, inclusivo e transformador.

Portanto, após esta pesquisa, o artista-professor-pesquisador é reafirmado como um agente de transformação, cuja prática interdisciplinar amplia o campo da arte-educação, oferecendo novas perspectivas tanto para o ensino de arte quanto para o próprio processo de criação artística que parte do individual e caminha para o coletivo, na busca por multiplicações e transformações significativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURTON, Judith M. **Creative Intelligence, Creative Practice: Lowenfeld Redux. Studies in Art Education**, v. 50, n. 4, Summer 2009. <https://doi.org/10.1080/00393541.2009.11518779>

CORAZZA, S. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: CORAZZA, S. **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2022. p. 104-131.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). *The qualitative inquiry reader*. California: Sage Publications, 2002. <https://doi.org/10.4135/9781412986267>

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. 2 ed. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023. <https://doi.org/10.32379/9786557160763>

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.153-277

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CARDOSO, Clodoaldo. **A canção da inteireza: uma visão holística da educação**. São Paulo, Summus, 1995.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 1998.

SOUZA, Fernando Monteiro. **Educação holística em uma sala de aula de EJA: isto é possível?** João Pessoa, 2013.

YUS, Rafael. **Educação Integral: Uma Educação Holística para o Século XXI**. Porto Alegre, Artmed, 2002.



APÊNDICE A

Tabela para análise dos dados coletados sobre as produções dos estudantes:

| PALAVRA GERADORA | 5° A 35 alunos = x produção | 5° B 35 alunos/produção | 5° C 35 alunos/produção | Total produzido por turma |
|-----------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|
| 1- EQUILÍBRIO | 07 alunos = 2 produções | 01 aluno = 3 produções | 02 alunos = 2 produções | 42+37+37= 116 |

| | | | | |
|--|--|--|--|---------------|
| | 28 alunos = 1 produção | 34 alunos = 1 produção | 33 alunos = 1 produção | |
| 2- ARTICULADO | 05 alunos = 2 produções 30 alunos = 1 produção | 06 alunos = 2 produções 29 alunos = 1 produção | 03 alunos = 2 produções 32 alunos = 1 produção | 40+41+38= 119 |
| 3- SOBREVIVÊNCIA | 06 alunos = 3 produções 29 alunos = 1 produção | 02 alunos = 2 produções 33 alunos = 1 produção | 03 alunos = 2 produções 32 alunos = 1 produção | 47+37+38= 122 |
| 4- MÁSCARA | 01 aluno = 4 produções 34 alunos = 1 produção | 03 alunos = 3 produções 02 alunos = 2 produções 30 alunos = 1 produção | 07 alunos = 2 produções 28 alunos = 1 produção | 37+43+42= 123 |
| 5- EU | 07 alunos = 2 produções 28 alunos = 1 produção | 04 alunos = 2 produções 31 alunos = 1 produção | 01 aluno = 3 produções 34 alunos = 1 produção | 42+39+37= 118 |
| 6- CAMINHO | 03 alunos = 2 produções 32 alunos = 1 produção | 02 alunos = 2 produções 33 alunos = 1 produção | 02 alunos = 3 produções 07 alunos = 2 produções 26 alunos = 1 produção | 38+37+46= 121 |
| 7- IMAGINAÇÃO | 04 alunos = 4 produções 02 alunos = 2 produções 29 alunos = 1 produção | 08 alunos = 2 produções 27 alunos = 1 produção | 01 aluno = 3 produções 34 alunos = 1 produção | 49+43+37+=129 |
| <ul style="list-style-type: none"> • Ao final da investigação somamos um total de 848 produções apresentadas como processo criativo gerado a partir de palavras geradoras. • Para além das produções apresentadas em suporte de folha A4, também foi apresentado 01 produção em tela de pintura, pintada com tinta guache. | | | | |

APÊNDICE B

Informação importante sobre este planejamento: Ao longo das primeiras aulas, onde foi feita a visita ao espaço expositivo ou galeria de arte, o planejamento que estava pronto precisou ser reformulado enquanto era realizado. O fato é que ao iniciar as aulas práticas em sala de aula, por estímulos vindos de trocas com os estudantes, este planejamento se consolidou da forma como está apresentado aqui como anexo. Inicialmente o trabalho seria realizado como proposta de mostra pedagógica escolar ou exposição de trabalhos pedagógicos de forma a enfatizar o processo de criação individual dos estudantes participantes incentivados pela visita ao espaço expositivo, o que se configurou como nova proposta a partir de escuta ativa dos desejos dos

estudantes para as aulas oferecidas. A partir disso o planejamento foi reestruturado para aulas práticas de pinturas em painel coletivo, como mostra o plano de ensino.

Planejamento de Aulas para Pintura de Painel Coletivo

Professor Maycon Sousa / Disciplina: Arte / Conteúdo: Pintura em Painel
Visita ao espaço expositivo/galeria de arte: Exposição de Alexandre França.

Objetivo Geral: Estimular a expressão criativa e o trabalho em equipe por meio da criação de um painel coletivo, explorando técnicas de pintura e refletindo sobre o processo artístico subsidiados pela visita ao espaço expositivo onde contemplamos as obras pintadas pelo artista Alexandre França.

Visita ao espaço expositivo: 01 tarde.

Aulas práticas: Previsão para 06 aulas - 02 aulas por semana - 03 semanas para execução.

Habilidades da BNCC para o 5º Ano de Artes Visuais

- EF15AR01: Explorar diferentes linguagens artísticas e as suas técnicas.
- EF15AR02: Identificar, apreciar e respeitar a diversidade das manifestações artísticas.
- EF15AR03: Planejar e realizar produções artísticas, coletivas e individuais, considerando a composição e os elementos das artes visuais.
- EF15AR04: Explorar e utilizar cores, linhas, formas, texturas, volumes, sons e movimentos nas produções artísticas.

- **Aula 1:** Introdução ao Painel Coletivo e Discussão do Tema
- **Objetivo:** Apresentar o projeto de painel coletivo e incentivar a discussão sobre o tema.
- **Habilidades:**
- EF15AR02: Valorizar e reconhecer a diversidade artística e cultural ao definir o tema do painel.
- EF15AR03: Planejar uma produção coletiva, incentivando a troca de ideias para a composição.
- **Atividades:**
- Apresentação do conceito de painel coletivo: discussão e exemplos de murais e painéis de artistas renomados.
- Discussão do tema: os alunos participam de uma conversa sobre possíveis temas, como natureza, cidade ou diversidade.
- Esboços individuais: cada aluno faz um rascunho de sua ideia para o painel.
- **Material:** Projetor, folhas A4, lápis de desenho.

Aula 2: Planejamento e Organização do Painel

- **Objetivo:** Estruturar a composição do painel, definindo a disposição dos elementos.

- Habilidades:

1. EF15AR03: Organizar uma produção coletiva, explorando a composição.
2. EF15AR04: Planejar o uso de cores, formas e linhas que representem o tema escolhido.

- Atividades:

1. Esboço coletivo: em uma folha grande ou no quadro, os alunos discutem onde cada elemento será pintado no painel.
2. Divisão das áreas: os alunos decidem quem ficará responsável por cada parte do painel.

- Material: Folhas grandes, canetas coloridas, quadro branco.

Aula 3: Preparação do Painel e Teste de Cores

- Objetivo: Preparar o fundo do painel e explorar as cores que serão usadas.

- Habilidades:

1. EF15AR01: Explorar técnicas de pintura para criar uma base uniforme.
2. EF15AR04: Experimentar combinações de cores e texturas, de acordo com o tema.

- Atividades:

1. Pintura do fundo do painel: cada grupo ajuda a pintar o fundo, usando pincéis largos e tintas variadas.
2. Teste de cores: os alunos criam paletas de cores que harmonizem com o tema escolhido.

- Material: Tela ou papel kraft, tintas acrílicas, pincéis, folhas de teste.

Aula 4: Pintura dos Primeiros Elementos

- Objetivo: Começar a pintura dos elementos principais do painel.

- Habilidades:

1. EF15AR01: Aplicar técnicas de pintura na criação dos elementos visuais.
2. EF15AR03: Trabalhar em equipe para dar forma ao painel, respeitando as decisões coletivas.

- Atividades:

1. Divisão das tarefas: cada grupo de alunos começa a pintar sua área designada.
2. Pintura base dos elementos: foco nas formas e cores principais, criando a estrutura do painel.

- Material: Tintas, pincéis variados, potes de água, panos.

Aula 5: Finalização dos Detalhes e Integração

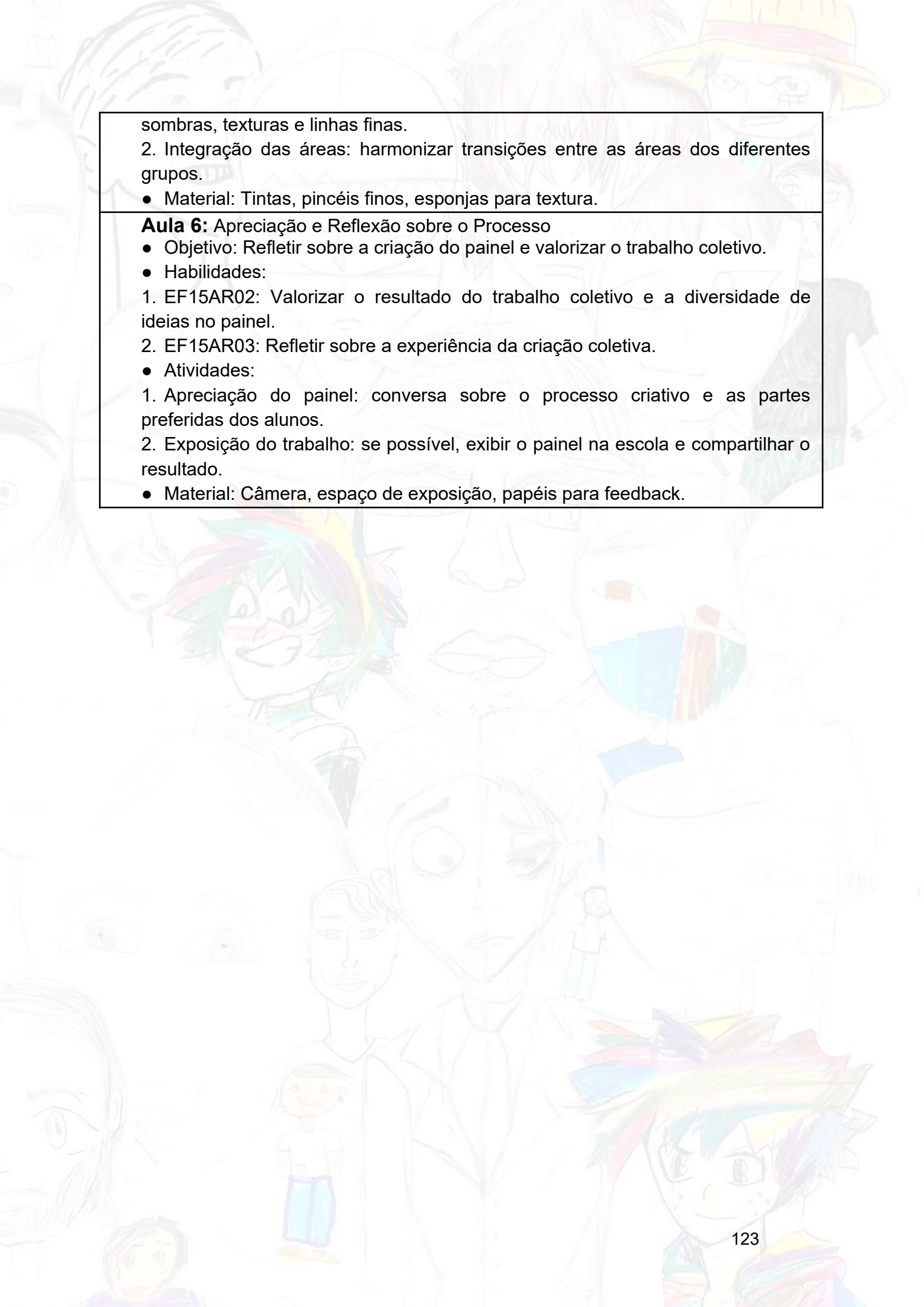
- Objetivo: Completar o painel, focando em detalhes e harmonia entre as áreas.

- Habilidades:

1. EF15AR04: Explorar texturas e detalhes que deem acabamento aos elementos do painel.
2. EF15AR03: Integrar as contribuições de cada grupo, criando uma composição harmoniosa.

- Atividades:

1. Detalhamento: cada grupo adiciona os detalhes finais aos elementos, como

The background of the page is a collage of various children's drawings and sketches. It includes several faces, some with colorful hair (like a rainbow), and some with unique features like a large nose or a wide smile. There are also smaller drawings of figures and objects scattered throughout.

sombras, texturas e linhas finas.

2. Integração das áreas: harmonizar transições entre as áreas dos diferentes grupos.

- Material: Tintas, pincéis finos, esponjas para textura.

Aula 6: Apreciação e Reflexão sobre o Processo

- Objetivo: Refletir sobre a criação do painel e valorizar o trabalho coletivo.

- Habilidades:

1. EF15AR02: Valorizar o resultado do trabalho coletivo e a diversidade de ideias no painel.

2. EF15AR03: Refletir sobre a experiência da criação coletiva.

- Atividades:

1. Apreciação do painel: conversa sobre o processo criativo e as partes preferidas dos alunos.

2. Exposição do trabalho: se possível, exibir o painel na escola e compartilhar o resultado.

- Material: Câmera, espaço de exposição, papéis para feedback.